Diário de Lisboa

ANO 56.º/N.º 19 137 4$00

TERÇA-FEIRA 24 AGOSTO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ACENTUADO NA POSSE DO BRIGADEIRO ARTUR BEIRÃO

Rocha Vieira: necessidade da R.M.S. defender a Constituição e a democracia

Reforço da democracia e defesa da Constituição

A necessidade do comando da Região Militar Sul colaborar nas tarefas de reconstrução nacional de acordo com as iniciativas superiormente definidas e tendo em conta a defesa da vida democrática e o cumprimento da Constituição, foi salientada esta manhã, em Évora, pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, general Rocha Vieira, ao empossar o brigadeiro Artur Baptista Beirão no cargo de novo comandante daquela Região Militar, posto em que sucede ao brigadeiro Pezarat Correia.

Referindo-se a esta mudança de comando, o general Rocha Vieira criticaria a «visão estreita» das análises que referem a saída de Pezarat Correia como um simples «afastamento». O chefe do E. M. E., que iniciaria o seu discurso referindo-se precisamente ao comandante cessante, enalteceria a sua acção, desenvolvida por vezes em «momentos delicados», e sublinharia o facto de ter abandonado o posto apenas por opção relativamente a outras funções — as de conselheiro da Revolução.

Dirigindo-se, depois, ao empossado, e após ter destacado não julgar fundamentada a ideia de que existe uma divisão entre o Norte e o Sul do País, dado que, como acentuou, as diferenças existentes são bem pequenas quando comparadas ao muito que une as diversas regiões do País, o general Rocha Vieira salientaria o prestígio de militar daquele — tanto junto dos mais novos como dos mais experimentados — e a sua visão da realidade nacional.

Por sua vez, o brigadeiro Artur Baptista Beirão, afirmou esperar cumprir a missão de que foi incumbido com a ajuda do seu Estado-Maior e dos oficiais da R. M., saudando ao mesmo tempo os militares nela englobados, bem como as autoridades civis e a população alentejana.

Prosseguindo, afirmou que a R.M. do Sul manterá o mesmo espírito que tem orientado a sua acção e tentará, se possível, reforçar a determinação de cumprir a Constituição.

A cerimónia de posse decorreu ao fim da manhã no Q.G. da R.M.S., em Évora, na presença do comandante cessante, o conselheiro da Revolução Pezarat Correia, do 2.º comandante da Região Militar e dos comandantes das diferentes unidades.

AFRICA DO SUL

Segundo dia de greve dos trabalhadores negros

Uma greve dos trabalhadores negros da localidade de Soweto, em Joanesburgo, entra hoje no segundo dia, com a Polícia em rigoroso estado de alerta para verificar se a paralisação alastra a outras áreas sul-africanas. Ontem, mais de 80 por cento dos duzentos mil negros que se deslocam normalmente de Soweto para Joanesburgo não se apresentaram ao trabalho. Piquetes de greve foram atacados pela Polícia a tiro. Resultado: um africano morto e vários feridos. Esta greve (que em princípio se deverá prolongar até amanhã) segue-se a dois meses de motins e manifestações contra o Governo. No decurso desses motins 250 pessoas perderam a vida.

O ministro da Justiça, James Kruger, afirmou hoje que estava disposto a encontrar-se com os dirigentes negros.

«Estou ainda disposto a discutir seja o que for com eles. Contudo, nesta altura, com as prisões desordens e tudo o mais, é muito difícil identificar os dirigentes que representam tribus e populações» — observou.

A greve em questão foi organizada em Soweto, após a distribuição de panfletos em nome do Congresso Nacional Africano (CNA), um movimento de resistência negro proibido desde 1960. O CNA foi responsável por organizar a primeira greve geral de negros na África do Sul.

Mas não é só Soweto que está na berra. Efectivamente, também o subúrbio de Mamelodi, perto de Pretória, foi já palco de motins nas últimas horas. Estão no local reforços policiais.

POSIÇÃO DE KISSINGER

Entretanto, foi tornado público, que os Estados Unidos poderão vir a impor sanções económicas contra a África do Sul caso continuem nesse país os «massacres» dos dissidentes negros — declarou o padre Jesse Jacson.

Jackson, chefe em Chicago de um grupo de ajuda entre negros, avistou-se com o secretário de Estado Henry Kissinger e declarou que este lhe tinha afirmado que as sanções poderão ser aplicadas se as negociações para o fim da violência racial naquele país falharem.

A secretaria do Estado não comentou até agora as afirmações do padre.

Jackson, que esteve reunido durante mais de uma hoa com Kissinger, disse que os Estados Unidos estão numa posição forte para influenciar a política interna da África do Sul, porque mais de 350 das suas companhias têm investimentos no país.

O padre Jackson revelou ainda que Kissinger garantiu que a secretaria de Estado irá estudar a possibilidade de conceder asilo aos oponentes do «apartheid» expulsos ou obrigados a emigrar da África do Sul.

20 PÁGINAS

REDE BOMBISTA

Faltam dois mandatos de captura

Prosseguem as investigações para o desmantelamento, que se receia estar a sofrer sérios entraves, da rede bombista. Neste momento, segundo conseguimos apurar, há apenas dois mandatos de captura por cumprir. Um, refere-se a um industrial de Santo Tirso, o outro a uma destacada figura de Ponte de Lima.

Apesar de se ter efectuado ontem mais uma prisão, avoluma-se em certos círculos o receio de que as investigações e as respectivas consequências não ultrapassem determinado ponto. Ganham, pois, relevo as suspeitas de que a «direita» tente a todo o custo entravar o rumo das investigações até às últimas consequências. A tal facto não são alheias as tentativas de fazer crer que as prisões já efectuadas resultam de pura manobra e a circunstância de continuarem impávidas e serenas ou apenas no rol «do segredo da justiça» as altas personalidades que, na opinião pública tem constado estarem também implicados directa ou indirectamente.

Por outro lado, há quem pretenda fazer crer que alguns dos detidos executantes so-

Continua na pág. 20

Não haverá cortes de energia até ao fim do ano PÁG. 20

Mário Murteira escreve sobre a transição para o socialismo PÁG. 8

Marcelo Curto ao "D.L."

"PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DO MINISTÉRIO DO TRABALHO"

Páginas Centrais

FIAT IBA, LDA. Black & Decker TOTOBOLA

pitralon 2000 Europeia VIAGENS • TURISMO Super cerveja

com o "D.L" na "VOLTA" (Págs. 16 e 17)

Nacional

PROCESSO HUMBERTO DELGADO

Quatro pides incriminados estão em liberdade

Quatro dos pides incriminados no assassinato de Humberto Delgado e detidos depois do 25 de Abril, encontram-se em liberdade. Trata-se de Ernesto Lopes Ramos, referido na nossa edição de sábado passado: Carlos Rudolfo Xavier da Silva Lopes Veloso, que foi médico em Lourenço Marques (actual Maputo); Eduardo de Sousa Miguel da Silva, dos Açores e primeiro oficial da PIDE; e de António Semedo, natural do Crato e chefe de brigada que na fronteira facilitou a passagem do grupo dos presumíveis assassinos.

A libertação destes ex-agentes da polícia política fascista baseou-se na alegação de que, não sendo os autores directos do assassinato, não estavam sujeitos a condenações com pena maior, pelo que poderiam aguardar em liberdade o seu julgamento. Recorde-se, no entanto, que estas libertações já originaram que muitos pides fugissem entretanto do país, escapando às malhas da Justiça.

O processo referente ao assassinato do general Humberto Delgado encontra-se no 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa.

NOMEAÇÃO DE VITORINO SOUSA PARA A RDP

Antifascistas do Porto escrevem ao Presidente

Dos 200 trabalhadores da Radiodifusão Portuguesa no Norte, 50, reunidos, ontem, rejeitaram uma moção apresentada no último plenário do Sindicato das Telecomunicações da Zona Norte. Recorda-se que os subscritores dessa moção protestavam contra a nomeação de Fernando Vitorino de Sousa para chefe de serviço de Informação da delegação do Porto da RDP, reclamando, em contrapartida, a revogação dessa medida por o considerarem comprometido com o regime anterior, tanto pela sua filiação na ex-ANP, como pelo facto de ter sido funcionário do SNI e do SEIT.

A moção foi rejeitada por 37 votos contra, 10 a favor e quatro abstenções.

Intelectuais e antifascistas da cidade do Porto insurgiram-se contra a nomeação de Vitorino Sousa. Entre outros, Ruy Luís Gomes, José Morgado, Oscar Lopes, Armando de Castro, Raul Castro, Nuno Teixeira Neves e Armando Cota, enviaram uma moção ao Presidente da República. Nela chamam a atenção para o facto de que enquanto antifascistas são saneados, «ainda recentemente foi nomeado para chefiar o serviço de informação da RDP do Porto o antigo membro da ex-ANP, sr. Vitorino Sousa, em contraste com a situação imposta a vários antifascistas que trabalhavam na Radiodifusão, na Imprensa ou na Televisão». O facto, consideram os signatários, é um desrespeito «aos objectivos de democratização da vida política, nacional, claramente consignados na Constituição da República».

Entretanto o funcionário em causa em resposta ao «Diário de Notícias» esclarece, quanto a ele, alguns pontos. Afirma que nunca foi funcionário do SNI. «mas sim colaborador». «E fui funcionário do SEIT em requisição de serviço» acrescenta. E mais afirma: «Resta esclarecer que fui colocado no serviço de Informação por vontade expressa dos trabalhadores da ex-Emissora Nacional, que constituem a esmagadora maioria da Radiodifusão Portuguesa do Norte».

Para que conste: o visado Vitorino de Sousa, faz silêncio sobre a acusação de ter sido filiado na ex-ANP. Não refuta. Não se refere.

BOMBISTAS, PIDES E SPÍNOLA

Trabalhadores exigem justiça e manifestam repúdio

Moções, de sindicatos, de comissões de trabalhadores e de comissões de moradores continuam a chegar às redacções dos órgãos de Informação esperando que as investigações no desmantelamento da rede bombista prossigam até às últimas consequências, reagindo energicamente contra a libertação dos torcionários da pide e exigindo que Spínola seja julgado pela sua implicação no 11 de Março e pelas responsabilidades na fundação e direcção do MDLP cujas ligações com os bombistas são evidentes.

É este o teor das moções da comissão de trabalhadores e delegados sindicais de despachantes da Alfândega e do apelo assinado pelo Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros de Leiria, pelo presidente da direcção da Caixa Vidreira, por 21 delegados sindicais de empresas vidreiras da região. Também o secretariado da Junta de Freguesia do Lavradio, a comissão de moradores de Santa Iria de Azóia, de Bairro de São Domingos, da freguesia de São Sebastião (Setúbal) engrossam as manifestações de protesto que de todas as partes do País têm surgido. O Sindicato dos Pescadores do distrito de Leiria e Peniche exige que seja feita «justiça revolucionária a todos aqueles que tentaram destruir a jovem democracia». A litografia União aprovou por unanimidade uma moção de repúdio pela libertação dos pides e de Spínola. Afirmam a dado passo: «Os trabalhadores da litografia União Ld.ª vêm junto das autoridades apresentar o seu mais vivo repúdio contra a libertação daqueles declarados inimigos do povo português e deixar bem patente a sua estranheza pela brandura e consideração com que se têm tratado estes manifestos criminosos da democracia e da liberdade, ao mesmo tempo que se prendem e saneiam antifascistas».

Mário Soares ao "Nouvel Observateur":

"Não poderemos viver acima dos nossos meios"

«Não poderemos continuar a viver acima dos nossos meios. Importa pois reduzir os consumos e aumentar a produção, o que naturalmente só pode ser realizado através de medidas necessariamente impopulares. Estas porém, ao contrário do que pretende o PCP, não serão postas em aplicação para fazer pagar às classes trabalhadoras o preço da crise mas antes para a vencer, e salvar a revolução» — palavras de Mário Soares numa entrevista concedida ao «Nouvel Observateur» e publicada no último número desta revista francesa. Para o Primeiro-Ministro do actual Governo Português, «um mínimo de estabilidade económica é condição *sine qua non* do prosseguimento da via socialista». «Por isso — acrescenta — continuamos dizendo que em Portugal já evitámos Praga e estamos a procurar não cair na situação do Chile».

No decurso da sua conversa com o «N. O.», o líder do PS responde a perguntas acerca de algumas questões pertinentes que se levantam da actual situação política, económica e social no nosso país. Soares fala de, entre outras coisas, a popularidade e o crédito popular do Governo que chefia, o PC e a sua posição no contexto político português, nomeadamente nas suas relações com o PS, a situação económica e financeira de Portugal e as medidas a tomar para debelar a permanente crise que a caracteriza, o ex-general Spínola, a extrema-direita, e as suas actividades, a política externa portuguea, as perspectivas para o futuro do Governo.

«UMA IMENSA POPULARIDADE»

«Sem dúvida que o Governo goza de uma imensa popularidade neste momento» — diz Mário Soares. — «Nota-se o retorno de confiança no comum das pessoas e daí os extensos apoios com que conta o Governo e que ultrapassam, de longe, a influência sectorial do PS». Para o Primeiro-Ministro, «esta situação, incontroversa, explica, de resto, a razão por que os outros partidos representados na Assembleia da República — e em especial o PCP — não ousaram apresentar e fazer votar moções de rejeição contra o actual Governo. E que — adianta — as eleições municipais não vêm longe — deverão realizar-se até 15 de Dezembro — e o voto de rejeição teria consequências negativas na opinião pública, que acredita no actual Governo e sabe ser ele a única alternativa de esquerda exequível na conjuntura política presente.»

«UM PARTIDO ESTALINISTA»

Mário Soares pronuncia-se acerca das três restantes forças políticas majoritárias na cena portuguesa actual: além do PS, o PPD e o CDS, por um lado, e, por outro, o PC. O Primeiro-Ministro afirma que o Governo-PS não é prisioneiro nem de um bloco nem de outro. Falando do PC, reafirma uma posição eminentemente crítica perante este partido. «É difícil que a esquerda francesa, por exemplo, compreenda

«Nota-se o retorno da confiança no Governo» — assinala Mário Soares na sua entrevista ao «Nouvel Observateur»

a política do PS português em relação ao PC — *diz.* — A verdade, porém, é que o PC é, e continua sendo, um partido estalinista, que não acredita no eurocomunismo e que quis tomar em Portugal o poder pela força: tudo tentou nesse sentido, manifestando um desprezo absoluto pelas regras democráticas a que chama burguesas. O povo português não tem memória curta e não esquece, portanto, as *aflições* do chamado *verão quente* de 75».

Soares afirma que, durante a discussão do programa do Governo na Assembleia, o PC «não ousou apresentar uma moção de rejeição contra o Governo para não agravar o isolamento político em que se encontra, e por ter perfeita consciência do largo apoio popular de que o Governo dispõe. Não houve no PC — diz — a coragem política de tirar as consequências lógicas de certas críticas e de determinados comportamentos dentro e fora da Assembleia. O medo do isolamento pesou mais do que o complexo de ser ultrapassado pelos esquerdistas da UDP». No mesmo passo, o líder do PS diz que «há tensões internas sérias dentro do PC, que podem explicar igualmente tal atitude. Perante as massas populares — diz Soares — é evidente que a linha política de Álvaro Cunhal fracassou por completo». Soares lembra uma afirmação de Cunhal em 75 segundo a qual não haveria democracia parlamentar em Portugal, para dizer que «foi com esforço e sem nenhuma convicção» que o secretário-geral do PC foi à Assembleia sentar-se «como simples deputado». «Por isso eu disse que não muda nem mudará. Na verdade, depois de ter criticado com azedume e despreso o eurocomunismo — e nomeadamente as linhas políticas do PCE e do PCI — é extremamente difícil ter de mudar de linguagem e sobretudo de estilo de actuação mesmo que só na aparência.

Mas a força das coisas tem uma importância decisiva. Por mais esclerosado que se encontre um partido, não pode deixar de se aperceber que os tempos mudam e de que há realidades inelutáveis contra as quais uma política voluntarista nada pode».

SPÍNOLA E A EXTREMA-DIREITA

Falando de Spínola, Mário Soares é de opinião que o seu regresso teve «relativamente pouca repercussão em Portugal». Spínola — diz o Primeiro-Ministro — «parece ser uma carta gasta. Em termos político-militares cometeu demasiados erros, e erros grosseiros, para que as suas opiniões possam continuar a ser tomadas em linha de conta. O momento que escolheu para o regresso foi claramente inoportuno. Mas a sua presença foi desdramatizada e, de momento, não nos cria grandes preocupações». Para Soares, «só os ataques intensivos e permanentes de uma certa extrema-esquerda, em busca de motivos de mobilização contestatária, poderão fazer dele de novo bandeira, com alguma importância, para a direita».

Noutro passo, Soares, admite que «há um certo recrudescer das actividades conspiratórias da extrema-direita». Todavia — acrescenta — «o Governo está atento ao fenómeno». Soares manifesta-se convicto de que «não há ambiente político no País, neste momento, para que tais actividades subversivas constituam um motivo de preocupação. A democracia está institucionalizada e tem suficientes apoios populares para se poder defender vitoriosamente dos seus inimigos».

GANHAR NAS AUTARQUIAS

A terminar, Mário Soares revela a esperança que o PS irá ganhar as eleições para as autarquias locais. «O PS, como sucedeu nas eleições para a Constituinte, nas Legislativas e nas Presidenciais, conta ganhá-las — diz — assegurando-lhes desde logo uma autenticidade democrática plena. De qualquer modo — inflecte a seguir — o PS tirará dos resultados das eleições municipais as consequências políticas que elas comportarem. É sabido que o PS nunca aceitará governar contra a vontade popular, livremente expressa nas eleições».

ÁLVARO CUNHAL NA BULGÁRIA

"Um exemplo da força criadora de um povo"

Álvaro Cunhal apresentou a Bulgária como exemplo de país democrático e declarou que as realizações e a experiência do povo e do Partido Comunista Búlgaro, apresentam ricas lições para o povo e para o Partido Comunista Português.

Segundo o secretário-geral do P. C. P., numa entrevista concedida a um jornal das Juventudes Comunistas Búlgaras, «a construção vitoriosa do socialismo na Bulgária, a sua transformação de país agrícola atrasado para um Estado desenvolvido, o heróico combate para a criação de uma nova sociedade, livre de todas as formas de opressão, são exemplos vivos da força criadora de um povo libertado do capitalismo e chefiado pelo experiente partido revolucionário, fiel ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário».

Álvaro Cunhal terminou esta entrevista dada na Bulgária congratulando-se com a profunda e indestrutível amizade entre os povos dos dois países e entre os Partidos Comunistas Búlgaro e Português.

DELEGAÇÃO CHINESA CONVIDADA A VISITAR PORTUGAL

O Primeiro-Ministro português, Mário Soares, enviou ao seu homólogo da República Popular da China, Hua Kuo Feng, um convite formal para que uma delegação oficial daquele país se desloque a Lisboa, revelou o dr. Mário Soares numa entrevista.

De acordo com um vespertino esta iniciativa do chefe do Governo de Portugal surge na sequência da visita a Pequim de uma delegação de personalidades portuguesas numa viagem organizada pela Associação Democrática de Amizade Portugal-China».

GALVÃO DE FIGUEIREDO NOS AÇORES

PONTA DELGADA, 24 — Continua prevista para o fim do mês, a chegada aos Açores do general Galvão de Figueiredo, recentemente nomeado ministro da República — anuncia o jornal «Açores», que se edita nesta cidade.

Entretanto, segundo o mesmo jornal, é possível que reúna entre os dias 26 e 30 do corrente mês, a Assembleia Regional dos Açores, a fim de apreciar e discutir a estrutura do Governo local.

MOBÍLIAS
USADAS
COMPRAMOS
VENDEMOS
TROCAMOS
ARMAZÉM CENTRAL DE MÓVEIS
Rua Alves Torgo, 18
(ao Chile, defronte da igreja de Arroios) — Telef. 53 04 12

post-scriptum

A geração da fome e do nó na garganta

Li aquelas verdades que o sr. José Pereira Duarte escreveu há tempos nesta secção, e a propósito devo dizer que também nasci na Ajuda. Também vivi os dias amrgurados duma adolescência nos anos 40. A fome, a doença, a casa do prego, a morte da mãe, vítima de tuberculose, em 1944. O «remédio» que no dispensário davam: heroína para tomar às colheres. Meses antes de ela morrer comecei a deitar sangue pela boca. O meu irmão mais novo escapu da tuberculose, mas não do raquitismo de que eu também sofria.

Os géneros recionados: quem não tivesse dinheiro para os comprar no mercado negro, passava muita fome. As bichas que fazíamos antes de haver racionamento, ali, em Alcântara, para conseguirmos umas senhas para óleo e sabão que a União Fabril fornecia. Bichas que se prolongavam pela noite e pela madrugada, com a Guarda Nacional Republicana a cavalo, a carregar sobre aquelas mulheres e crianças esfomeades e cheias de medo!

. Somos a geração da fome e do nó na garganta. Era intendente-geral dos Abastecimentos o Silva Pais, mais tarde escolhido por Salazar para chefe da Pide, exactamente pelo «bom» trabalho feito durante o tempo em que esteve à frente da Intendência. Eu ainda estou viva para testemunhar o trabalho do carrasco.

Quando a minha mãe morreu, o pai não deu baixa da senha de racionamento dela. Eram mais duas carcaças de $30 por dia, mais meio quilo de batatas por semana (quando as havia) mais 125 gramas de massa negra, dois decilitros de azeite por mês...

Passados uns meses, meu pai foi chamado ao carrasco-mor, por esse «crime». Que o ia prender. Então o pai contou toda aquela miséria, os filhos doentes, mostrou os bens que tinha, que eram cautelas do prego e o carrasco «comoveu-se». Deu-lhe por castigo tirar-nos as senhas aos três (pai e dois filhos menores) durante o tempo exacto em que estivemos a usar indevidamente a senha da falecida.

Se com os géneros racionados passávamos fome, como seria o martírio de não termos mesmo aquelas migalhas para enganar o estômago? Foi um castigo digno do cérebro do grande torturador.

Passei a mocidade sempre doente. O estômago estragado pela água que bebia, para o encher e enganar a fome. Fiquei velha antes do tempo. O meu irmão aos 25 anos já tinha a cabeça branca. Trabalho ainda, mas tão arrastada... dias há que não posso subir escadas. Os pulmões estão cheios de cicatrizes...

O 25 de Abril foi uma esperança. Que as crianças e os jovens de hoje não passem o que nós passámos! Que esta revolução seja defendida de todos os carrascos e dos santões como o velho de Santa Comba, com o Deus na boca e o diabo no coração.

Tens razão no que dizes, irmão José Pereira Duarte. Não te cales! A geração da grande fome tem uma palavra a dizer: avante pelo socialismo! Fora com os torturadores, os ladrões, os assassinos do Povo!

Maria do Carmo
—BELÉM

A justiça por que ansiamos

Muito há a fazer pela construção de um Portugal que desejamos socialista.

É preciso acabar com as injustiças sociais e exigir aquilo a que todos temos direito. Se queremos um país mais justo temos de o construir, e não é com indemnizações aos capitalistas e latifundiários que o conseguiremos. Os verdadeiros trabalhadores e todos aqueles que venderam a sua força de trabalho continuam na miséria, aguardando essa justiça tão largamente apregoada.

Não, meus amigos, não é justo, e são coisas como estas que devem motivar o povo a opor-se e mostrar a sua força de classe.

Fiquei profundamente impressionada (apesar de ser conhecedora das condições de miséria da maioria do nosso povo) quando perto da Feira Popular se me deparou um homem dos seus oitenta anos com lágrimas nos olhos, rogando-me que lhe desse cinco escudos para uma entrada, na mira de esmolar um possível prato de sopa ou um naco de pão.

«Toda a minha vida trabalhei. Tenho agora esta idade e não tenho com que viver. Trabalho não arranjo; nas instituições sociais farto-me de meter papéis e ninguém me ajuda.

Por favor, escreva a minha morada, peço-lhe por tudo que me ajude. Não tenho nada.»

. É a homens e mulheres como este que devemos indemnizar. Quem trabalhou durante toda a sua vida tem o direito de na velhice poder viver em paz e com pão. Sim, são estes que agora sem emprego e sem forças para trabalhar necessitam do dinheiro que querem dar aos latifundiários e capitalistas, talvez como prémio da exploração a que sujeitaram o nosso povo.

Exijamos pois os governantes deste país a justiça social porque todos ansiamos.

Carmo S.
—LISBOA

Como se pode viver neste país?

Sou uma trabalhadora de escritóro há 27 anos e encontro-me desde 1972 a viver numa pensão a título permanente, visto não possuir meios para alugar uma casa como seria o meu maior desejo.

Pagava mensalmente três mil e quatrocentos ecudos (almoço e jantar). Ganho cinco mil escudos, e o restante dava-me pouco mais ou menos para vestir e calçar e para outras despesas indispensáveis.

Continua na pág. 4

POESIA PORTUGUESA NUMA ANTOLOGIA EM ESPANHA

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

. Iniciativa da Editora Nacional, de Madrid, apareceu recentemente nas livrarias espanholas uma antologia intitulada «Poesia Portuguesa Actual». É um trabalho da estudiosa galega Pilar Vasquez Cuesta, que fez a tradução, a selecção dos poetas e dos poemas, e de quem o volume insere, além de uma breve nota explicativa acerca da edição, um prólogo mais extenso que constitui, para já e para o comum leitor de Espanha, uma perspectiva (sumária embora, e desatenta em relação às tendências mais recentes) da poesia portuguesa do século vinte (para preterirmos a designação «actual» que o título da antologia propõe). Tanto quanto sabemos, é a primeira antologia deste teor que se publica em Espanha. Ainda tanto quanto sabemos, é a segunda vez que se publica em Espanha uma antologia de poesia portuguesa, pelo menos do século vinte: antes, em 61, saira na colecção Adonais, da Rialp, em Madrid, uma antologia feita pelo poeta espanhol Angel Crespo — «Antologia de la Nueva Poesia Portuguesa» É uma edição que não conhecemos. Servimo-nos no entanto duma nota de Pilar Vasquez Cuesta inserta no seu livro. A antologia de Angel Crespo começa com poetas neo-realistas — informa-nos Pilar Vasquez Cuesta — e é muito actualizada em relação à sua publicação. Mas — e a informação é ainda da mesma autora — não existe em Espanha nenhum outro livro que recolha poesia portuguesa dos últimos quinze anos, isto é, desde 1961. A presente antologia não vem pois preencher uma lacuna que existe. Podemos dizer que muito perdem com isso os interessados leitores espanhóis: a poesia portuguesa, naturalmnte, enriqueceu-se muito nos últimos quinze anos, o discurso poético português conheceu mesmo um grau de organização muito elevado, revelaram-se inúmeros poetas, os próprios poetas por assim dizer já «consagrados» renovaram sensivelmente os seus processos de escrita e melhoraram muito a sua produção. Certo que a antologia de Pilar Vasquez Cuesta inclui poemas extraídos de livros publicados nos últimos anos. Mas trata-se não tanto duma antologia de poemas como duma antologia de poetas — cuja produção globalmente não se pode dizer que represente as mais recentes tendências da poesia portuguesa. Pilar Vasquez Cuesta antologiou quinze portas. «A poesia portuguesa actual nasce com o modernismo» — diz ela no seu prólogo. — Por isso a antologia abre com Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e José Almada Negreiros. Aqui estão os três maiores nomes da poesia portuguesa do modernismo, da primeira geração modernista, ou, para utilizarmos uma expressão da própria antologiadora, da «primeira promoção modernista». Da «segunda promoção modernista» (expressão ainda da responsável pela antologia, com que não concordamos), figuram aqui José Régio, como representante mais legítimo, Adolfo Casais Monteiro e Miguel Torga. Seguem-se Vitorino Nemésio e José Gomes Ferreira, vêm depois três nomes historicamente ligados ao movimento neo-realista (Joaquim Namorado, João José Cochofel e Carlos de Oliveira), outro historicamente ligado aos «Cadernos de Poesia» (Rui Cinatti), mais dois que, não se podendo dizer que estão historicamente ligados aos «Cadernos de Poesia», as suas obras inserem-se no entanto numa linha idêntica e próxima — Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen; (estiveram ligados aos «Cadernos de Poesia», mas não logo desde o seu primeiro número, esclareça-se; e, posteriormente, seguiram rumos de certo espírito de grupo que os poetas dos «Cadernos» revelaram). Há ainda um último poeta antologiado, Eugénio de Andrade. Dele diz Pilar Vasquez Cuesta que «é um dos líricos mais importantes do momento actual e o grande poeta amoroso lusitano do século vinte». Não são palavras excessivas.

Vimos os nomes dos poetas que Pilar Vasquez Cuesta escolheu para antologiar, em poemas das suas obras, a «poesia portuguesa actual». Há alguma coisa a dizer sobre isto.

Não há critérios irrepreensíveis e o da antologiadora merece dois ou três reparos. Começamos por não saber muito bem o que deve entender-se por «poesia portuguesa actual». Pilar Vasquez Cuesta identifica o conceito «actual» com determinados períodos sucessivos de produção, e principalmente com o início de um deles: «a poesia portuguesa actual nasce com o modernismo» — voltamos a citar.

No seu prólogo, Pilar diz que se lhe pôs um dilema e fez uma opção: «Seria preferível oferecer ao leitor um florilégio de composições isoladas, escolhidas mais por causa da sua beleza ou do seu interesse temático do que pela representatividade dos seus autores, ou pôr em relevo as linhas mestras da evolução que a poesia portuguesa sofreu durante este século através da obra já acabada de umas poucas figuras bem significativas e unanimemente reconhecidas como fundamentais? Inclinando-nos para a segunda das soluções, limitámos a quinze os poetas incluídos nesta antologia que começa com os modernistas Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros, para terminar com uns quantos escritores que passaram não há muito o cabo dos cinquenta anos mas começam já a auto-antologiar-se. Com isto evitamos, por um lado, o perigo das valorações prematuras ou demasiado pessoais e ganhamos por outro o espaço indispensável para dar de cada poeta um número de poemas que permita ao leitor fazer ideia da sua personalidade e estilo, o que, no primeiro caso, seria impossível. «O que Pilar Vasquez Cuesta entende por poesia portuguesa actual» será pois, se bem entendemos, toda a poesia portuguesa, de Pessoa até hoje. Não vamos discutir aqui o que deve e não deve entender-se por «actual». Seja qual for o seu conteúdo, quere-nos parecer que é, para a escrita poética, para o discurso poético numa determinada língua, uma noção que se altera com a mudança dos tempos. Também não vamos sugerir que a designação «actual» deveria, no caso desta antologia, preferir-se outra, «moderna», por exemplo. Modernidade poderia ser, para o caso, uma noção também muito pouco pertinente. No fundo, reconheça-se, pode tratar-se duma questão praticamente sem interesse. O certo, porém, é que os reparos a fazer são outros. Eles centram-se principalmente na selecção dos poetas que Pilar fez e deverão apontar para, pelo menos, dois ou três nomes que aqui estão (e para dois ou três nomes que aqui não estão) representados.

Nada a dizer quanto aos representantes escolhidos da «primeira promoção modernista». Pessoa, Sá Carneiro, Alma-

Continua na pág. 4

OS BODES EXPIATÓRIOS DE PINOCHET

FRIDA MODAK

MÉXICO (IPS) — O ditador chileno Augusto Pinochet anunciou descaradamente a sua disposição de defender o seu regime de facto. Durante um acto público afirmou que «os que procuram impedir a acção governamental não obterão resultados» e que «as pressões que têm promovido são negativas e as medidas que tomaremos são já conhecidas», indicando claramente que os opositores, no mínimo, serão violentamente expulsos do Chile. Estas palavras demonstram que a expulsão dos advogados Jaime Castilho Velasco e Velasco Letelier procuravam atingir personagens maiores.

De facto o objectivo destas expulsões era advertir os chefes dos partidos politicos que formavam a oposição ao governo do Presidente Allende de que a ditadura está ao corrente dos seus movimentos visando fórmulas para a substituição do governo, e que pretende impedir a acção destes partidos. É necessário recordar que a procura de soluções que incluam a oposição parlamentar a Pinochet está a ser liderada pelo ex-Presidente Eduardo Frei, dirigente da Democracia Cristã. Frei, que apoiou o golpe de Estado acreditando que o poder lhe chegaria rapidamente às mãos, continua motivado pelo mesmo objectivo. No ano passado publicou um documento propondo-se como alternativa à ditadura, mas apesar do apoio que tem recebido dos sectores mais liberais do Departamento de Estado, não contou com o apoio dos que teriam podido transformar as suas aspirações em realidade. Outro motivo do falhanço do seu projecto foi o evidente personalismo contido no texto que não desenvolveria uma análise real dos acontecimentos chilenos. Frei continua um personagem importante no seio do seu partido, porém já não tem nada a oferecer a nível nacional. O Presidente do Partido Democrata Cristão chileno, Patricio Alwin, afirmou numa conferência de Imprensa dada há algumas semanas em Bonn, que era urgente encontrar uma saida democrática para o regime militar porque «senão o Chile será comunista após a queda de Pinochet». Para evitar esta solução, propunha a unidade da democracia-cristã com a direita tradicional, com os radicais e com os militares considerados como uma força política. Uma ideia que poderia ser útil para Carter que estaria interessado em modificar a imagem do Chile de Pinochet, que, segundo Frei, seria viável se o candidato democrático chegar à Casa Branca.

Porém Pinochet sente-se seguro através de outros sectores norte-americanos, como o representado pelo secretário de Estado Henry Kissinger, e, enquanto contar com este apoio, pode advertir que não permitirá o avanço dos seus adversários. Essa é a razão pela qual Pinochet escolheu dois personagens que, apesar de terem apoiado o golpe, reagiram face à sistemática violação dos direitos humanos, assumindo a defesa dos presos politicos. A ditadura transformou-os em bodes expiatórios numa manobra que pretendia atingir mais alto. Jaime Castilho Velasco não é um militante democrata-cristão, mas é considerado em seu meio o «ideólogo» ou «mestre» e a sua expulsão tende a radicalizar contra a Junta sectores até agora vacilantes. O mesmo vai acontecer com os radicais, uma vez que Velasco Letelier é membro do Partido da Esquerda Radical, que não fazia parte da Unidade Popular. Este acontecimento contribuiu para que o jogo aparecesse às claras. Pinochet decidiu-se terminantemente a defender a ditadura com unhas e dentes e os que tenham a sorte de não cair nas mãos da DINA (Direcção Nacional de Informações) serão expulsos e enviados para qualquer país.

Os que constituiram a oposição parlamentar a Allende já compreenderam que, a passagem do poder com que sonham, não será levada a efeito sem a ajuda de um próximo governo norte-americano. Nestas circunstâncias, o povo chileno continua sem o direito de expressão, uma vez que nenhum dos dois bandos resolveu consultá-lo. O único que lhe oferecem é trocar uma ditadura por uma pseudo-democracia, uma vez que não está nos projectos de Frei incluir as forças populares que têm mantido viva a resistência ao fascismo, situação que lhe permite atribuir-se a sua representação, sem estar no entanto mandatado para isso.

Geral

U.R.S.S., E.U.A. e N.A.T.O.

A dinâmica do orçamento militar é o único critério de avaliação do não-desarmamento

«As múltiplas avaliações de peritos, que pululam nos nossos jornais, fazem supôr que a Rússia aumenta o seu poderio militar em proporções que ultrapassam manifestamente as necessidades da sua defesa. É isso que nos faz duvidar da sinceridade da URSS quando apela para o desanuviamento e para o desarmamento.»

Este um juizo emitido por Jean Truffaut em Bruxelas.

Transcrevemos, em seguida, a resposta-análise de Vladimir Chelepine, inserta na revista «Tempos Novos».

Ei-la:

«Sr. Truffaut: a avaliação do poderio militar dos Estados é uma coisa extremamente delicada, da qual não deixam de tirar partido os tais «peritos» que pululam nos jornais. Ora existe um critério objectivo para avaliar o esforço de tal ou tal país no domínio das forças armadas e dos armamentos.

«Qual critério? Um critério que tem por base a **dinâmica do orçamento militar**. Nos Estados Unidos, ele continua a aumentar e ultrapassou já o quantitativo de 100 biliões de dólares. De 1971 a 1975, as despesas militares dos países europeus membros da NATO aumentaram para mais do dobro. Quanto à União Soviética, é a única grande potência que não aumenta todos os anos os seus gastos militares e que reduz mesmo a sua percentagem no orçamento a que já me referi. Esta é que é a verdade.

«Vejamos agora as necessidades de defesa da URSS. Eis o que escrevia no fim de Dezembro último «Le Nouvel Observateur», que, como se sabe, não se trata de uma publicação pró-soviética: «Dirigentes dos EUA, dirigentes da URSS. Quer uns, quer outros, sabem que, dia e noite, cerca de dois mil mísseis de ogivas atómicas múltiplas estão apontados para o seu território. Que quatrocentos e cinquenta bombardeiros com longo raio de acção, e carregados de bombas «H», podem, a todo o momento, surgir no céu. Que no mesmo momento mil e duzentos jactos transportados em porta-aviões, igualmente portadores de armas nucleares, podem chegar aos quatro cantos da Terra, e que mil e quinhentos outros jactos, com armas nucleares, estacionados na Europa, podem juntar-se para atacar o seu país. Que a União Soviética está literalmente rodeada de bases marítimas e aero-terrestres pertencentes à NATO ou à América. Não falando...»

«PROTEGER O TRABALHO PACÍFICO»

«Não continuo a citar, pois isto prova amplamente como é lógica a preocupação que o problema da defesa causa aos soviéticos. E depois (depois disto tudo), como poderíamos ignorar os repetidos apelos dos dirigentes maoístas para «a preparação para a guerra», sendo a União Soviética designada sem cerimónia como o inimigo número um?

«Certamente que não ignora que o nosso país se considera (e é) como um elemento inalienável da comunidade socialista. Os países do socialismo triunfante, tanto os da Europa como os da Ásia ou os da América, são nossos amigos aliados.

«Juntos, defendemos a causa da paz em todo o mundo. Juntos, garantimos a nossa segurança contra todas as tentativas hostis. Outro factor merece ser considerado: apesar do desanuviamento, o imperialismo não renunciou ao seu papel de polícia mundial, às suas tentativas para reprimir as lutas de libertação nacional, de se ingerir nos assuntos alheios. (...) Ora estas são fortes ameaças à causa da paz e da liberdade dos povos, causa pela qual lutamos. Assim sendo...

«Assim sendo, tudo isto justifica plenamente a nossa determinação, como foi frisado no XXV Congresso do PCUS, em fazer «tudo o que for necessário para que as gloriosas Forças Armadas da União Soviética disponham de todos os meios indispensáveis à execução da sua alta missão: proteger o trabalho pacífico do povo soviético, servir de escudo à paz do mundo».

«INTENÇÕES NÃO EXISTENTES»

«(...) Por outro lado, Leonid Brejnev declarou mais de uma vez na Conferência de Berlim dos Partidos Comunistas e Operários da Europa que a União Soviética continuará a lutar pelo desanuviamento e pelo desarmamento, e especialmente pelo desmantelamento do paiol, ou mais exactamente do arsenal atómico que hoje é a Europa, o meu país e os Estados Unidos.

«Isso não é de maneira alguma tarefa fácil. É preciso começar por preservar e cultivar os germes da confiança nas relações entre o Leste e o Oeste. Infelizmente, os tais «peritos» que pululam nos mais diversos jornais da Europa Ocidental, dos EUA e da China tentam, com meias sombras, deturpar os números bélicos. Tudo fazem, enfim, para que o desanuviamento se não concretize — e, quanto à URSS, «jogam» com intenções não existentes na nossa política externa. Sr. Truffaut: caso haja uma III Guerra Mundial, fatal para a humanidade, quem a preparou não fomos nós.»

post-scriptum

Continuação da pág. 3

Porém, desde o mês passado a minha situação modificou-se e tenho vivido intensamente o problema de falta de habitação. Eis o que aconteceu:

A pensão (situada na Rua Vítor Cordon, 11-2.º) foi vendida a uns senhores africanos e estes vieram ao meu encontro a informar-me de que a mensalidade, a partir do corrente mês, subia para 7.500$00 mensais!

Calculai como fiquei: com um ordenado de 5.000$00, para fazer face a uma despesa de 7.500$00!

Dirigi-me ao ministério e a funcionária que me atendeu disse que realmente os preços das pensões tinham subido espectacularmente. Que uma diária agora era de 250$00 (isto no caso desta pensão, onde a comida é banal: sopa, um prato e uma peça de fruta.)

Eu que sempre detestei viver em quartos particulares, pus um anúncio para esse fim no jornal. As respostas são poucas, mas a que se aproveita pede 2.000$00 que, acrescidos de transportes comida e outras pequenas despesas, só dá para eu passar fome.

É isto a situação de uma trabalhadora em plena actividade. Agora pergunto: como se pode viver neste país?

As entidades competentes, em lugar de travarem a subida dos preços, pelo contrário admitem-na. Será que as casa são feitas para as pessoas endinheiradas? As pensões só para os srs. turistas? Porque não existe uma tabela de preços para gente na minha situação?

C.P.A.
LISBOA

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — LISBOA-1
Telefones: 770274 - 763276 - 770066

CONCURSO

TAXIS
ATRIBUIÇÃO DE ALVARÁS
PARA O CONCELHO
DE VILA FRANCA DE XIRA

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, comunica a todos os seu associados que o concurso para atribuição de ALVARÁS-TÁXI no Concelho de VILA FRANCA DE XIRA, estará aberto no período de 25-8-76 a 10-10-76.

NOTA: **Para outras informações dirige-te ao Sindicato**

Lisboa, 17 de Agosto de 1976

A DIRECÇÃO

POESIA PORTUGUESA NUMA ANTOLOGIA EM ESPANHA

Continuação da pág. 3

da. Nada a dizer quanto aos representantes da «segunda promoção modernista», Régio, Casais e Torga. Nemésio e Gomes Ferreira são por assim dizer inevitáveis. Os reparos começam a seguir. Pilar Vasquez Cuesta seleccionou três poetas do neo-realismo (ou da primeira geração neo-realista), Namorado, Cochofel e Carlos de Oliveira. Pode-se dizer que Carlos de Oliveira seria imprescindível numa antologia assim: a sua obra aparece-nos hoje como uma das mais sólidas de toda a poesia portuguesa nos últimos 30-40 anos. É no entanto discutível a inclusão de João José Cochofel e (pelo menos quanto a nós) incompreensível a de Joaquim Namorado. No caso de Cochofel, trata-se de uma obra de importância relativa e reduzida a determinados limites definíveis, por exemplo, por uma sensível debilidade textual-estrutural. No caso de Namorado, estamos em presença duma obra poética que não ultrapassou as limitações estritamente temporais que a marcaram: numa acepção naturalmente não depreciativa, podemos dizer que o seu interesse, hoje, é meramente documental: serve para nós lermos um tempo que se distanciou irreversivelmente de nós. É possível que Pilar Vasquez Cuesta se tenha apercebido disso nas leituras que fez. Ela nota, por exemplo, entre dois livros de Joaquim Namorado separados por vinte anos, «uma subtil mudança de tom do primeiro para o segundo», o que — diz — «demonstra como o seu autor não foi em vão que viveu uma das etapas de mais rápida evolução de toda a história da poesia portuguesa». Antes, e sem embargo, a antologiadora sublinha a «continuidade» que se detecta no longo da (aliás muito escassa) obra de Namorado. Não nos custa reconhecer que a preocupação predominante tenha sido, menos do que a qualidade dos textos escolhidos, a representatividade dos autores, isto é, das obras a que os textos pertencem. Assim, a antologia tenderá a oferecer ao leitor, através de amostras significativas, uma panorâmica larga e funda do âmbito a que se refere.

Dos restantes poetas aqui representados, ninguém terá certamente dúvidas de que só por ignorância ou lapso Jorge de Sena, Sophia de Melo Breyner e Eugénio de Andrade estariam ausentes. A presença de Rui Cinatti, no entanto, poderia pôr-se em questão. Não vamos fazê-lo, que talvez não haja suficientes razões não objectivas para isso. E num certo sentido uma antologia é sempre indiscutível naquilo que representa de preferências pessoais do antologiador.

Há-de dizer-se, todavia, que certas ausências são de assinalar. Três, pelo menos: Mário Cesariny de Vasconcelos, António Ramos Rosa e Herberto Hélder. E se acaso estes nomes tivessem sido seleccionados, poderiam tê-lo sido igualmente um António Maria Lisboa, um Alexandre O'Neil e um Ruy Bello.

Compreende-se que a antologiadora não quis avançar muito no tempo. Mas poderia tê-lo feito em relação a estes nomes e na certeza de não incorrer em valorações prematuras. Mesmo que fosse — e certamente não era — um risco, não seria tão grave como um outro erro que, na inclusão de um ou outro poeta, a antologiadora — quanto a nós — acabou por cometer.

O prólogo que a própria antologiadora escreveu para a presente edição é trabalho feito com justiça e rigor em relação a nomes, obras, movimentos, correntes e linhas de produção poética. Pilar Vasquez Cuesta aborda com pormenor a evolução do discurso poético português e define em sínteses felizes as características dos principais poetas do tempo compreendido entre o aparecimento da revista «Orpheu» e a passagem da década de 50 para a década de 60. Aqui a perspectiva começa a aparecer-nos já um pouco parcelar e imprecisa. Mesmo assim, prevalecem as anotações feitas a um percurso pelo modernismo, pela «presença», pelo neo-realismo e por outras correntes. Parecem-nos ainda modelares as sínteses críticas referentes aos diversos autores — e não apenas os antologiados mas também outros que aqui vêm a não merecer representação.

Muito resumidamente — pondo de parte o que nos parece excessivo, por parte da antologiadora, em relação à «presença», o pretenso segundo modernismo, ou, como a própria antologiadora diz, a «segunda promoção modernista» — pode dizer-se que o estudo de Pilar Vasquez Cuesta é, mesmo ou sobretudo didacticamente, um bom trabalho sobre a moderna — «actual» — poesia portuguesa.

Reservas que se pudessem fazer à tradução, à versão, tornar-se-iam impertinentes: a edição é bilingue e, tanto quanto sabemos, um leitor espanhol lê com relativa facilidade em português; tal como o leitor português lê com relativa facilidade o espanhol — muito embora nos passe facilmente despercebido isso a que se chama conotação e constitui por assim dizer o «segredo» duma língua.

Nacional

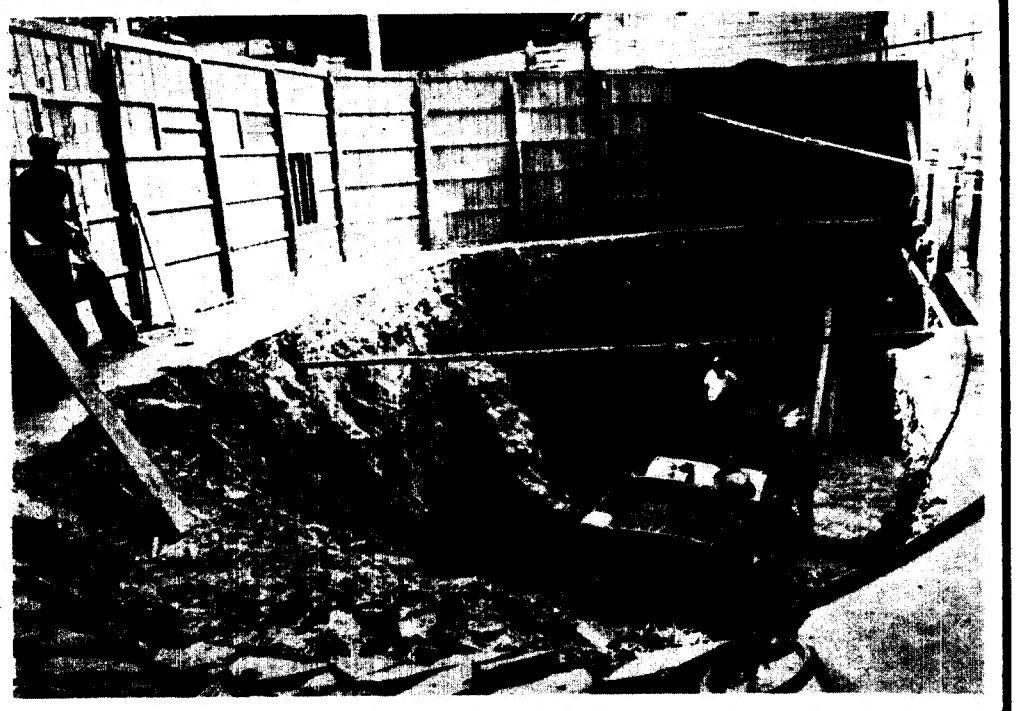
João Gomes tomou posse como director do "D.N."

Como novo director do «Diário de Notícias» tomou ontem posse, João Gomes, jornalista e deputado pelo PS à Assembleia Constituinte e da Assembleia da República. Substitui no cargo Victor Cunha Rego, actual secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro. Entretanto, Mário Mesquita, que durante dois meses assegurou interinamente a cargo de director daquele matutino, mantém-se nas suas funções de director-adjunto.

A cerimónia da tomada de posse ficou marcada pelas intervenções do chefe de redacção, Fernando Pires e do director-adjunto, Mário Mesquita. João Gomes, a fechar, teceria algumas considerações sobre a missão da Imprensa, espírito e letra, aliás, do editorial de hoje do «Diário de Notícias» já assinado pelo novo director em que, sob o título «Rosto e alma da Revolução», João Gomes define o que considera ser o papel da Imprensa na sociedade portuguesa e, em particular, o papel do «Diário de Notícias». Escreve a dado passo: «Seria naturalmente grotesco sublinhar a importância deste jornal no concerto da Imprensa portuguesa. Mas era acto leviano não atentar no preciso valor que ele reveste, nas possibilidades que contém. Como acção e expressão de acções, consciência e aguilhão de consciências, esperança e despertador de esperanças, agente e sinal de transformação numa sociedade saturada de ignorância, miséria e injustiças».

João Gomes é natural de Lisboa, tem 42 anos e é diplomado pela Escola Superior de Jornalismo de Lille (França). Iniciou a sua actividade profissional no «Diário de Lisboa», foi chefe de redacção da «Flama» e do «República» e fundador e chefe de redacção também de «A Luta». Já depois do 25 de Abril foi durante escassas semanas, responsável pela Informação da RTP. De Junho de 1974 a Março de 1975 foi presidente da Comissão Admiistrativa da Junta Central das Casas do Povo. Entre 1957 e 1959 foi presidente nacional da J.O.C. Esteve seis meses preso no Aljube e em Caxias, acusado de implicação no movimento militar de 12 de Março de 1959 (conhecido pela Revolta da Sé). Voltaria à cadeia de Caxias aquando do encerramento pela PIDE da cooperativa Pragma, de que foi um dos fundadores e da qual na altura era dirigente.

Escadas rolantes no Rossio



A partir de Dezembro (se as obras que a gravura documenta decorrerem a ritmo programado pela CP), os utentes da Linha de Sintra, que escalam a Estação do Rossio, passam a contar com duas escadas rolante, o que, em termos práticos, equivale à supressão de 85 degraus no seu esforço quotidiano. E à poupança de um escudo para aqueles que utilizam diariamente os três elevadores ali existentes.

Prosseguem os trabalhos do Congresso Hegel

Os trabalhos do XI Congresso da Associação Internacional Hegel prosseguem, na Fundação Gulbenkian, com os congressistas divididos em três secções. Durante a manhã de hoje, o comandante Correia Jesuíno, ex-ministro da Comunicação Social, apresentou uma comunicação subordinada ao tema «Dialèctica hegeliana na revolução do 25 de Abril?». Na mesma sessão, a B, além de várias comunicações de filósofos de diversos países, foi apresentada outra comunicação em português de João Esteves da Silva, da Universidade de Lisboa, sobre o tema «Hegel e Marx — a Dialéctica e o problema da inversão». Na secção A, Pedro Silva Pereira abordou «Hegel e a filosofia pré-socrática». Na secção C, José Barata Moura apresentou o seu trabalho, sobre «Idealismo, materialismo positivista, materialismo dialéctica, Hegel e a Dialéctica» e Carlos João Correia, na mesma sessão, «Hegel e a verdade do ser». A duração de cada comunicação não deverá ultrapassar mais de 25 minutos à qual se segue uma pequena discussão.

Logo à noite, na Reitoria da Universidade Clássica, tem lugar um «Encontro de Juventude», em que oradores com menos de 35 anos irão debater alguns dos aspectos decorrentes do tema central deste congresso: «Ideia e Matéria». Poderão assistir todos os congressistas que o desejarem. Os trabalhos prosseguem até sexta-feira, dia do encerramento.

CASAS OCUPADAS

Sobem os protestos contra os despejos

Para as 15 horas de hoje, as comissões de ocupantes de casas da zona S. Mamede/Artilharia 1 marcaram uma maciça concentração junto do Ministério da Habitação a fim de protestarem contra os despejos em curso, que ameaçam várias famílias, e em geral contra os despejos que se preparam para a abertura dos tribunais.

A questão tem-se tornado escaldante em sítios diversificados do País atingindo aspectos graves em Odivelas, quer pelo aparato policial, quer pelo número de famílias abrangidas. Aliás, ainda no passado dia 17 as juntas de freguesia e a Comissão Coordenadora da Assembleia Popular do Conselho de Loures (a que pertence a freguesia de Odivelas) aprovaram uma moção, em reunião em que participaram autarquias locais e organizações populares, no sentido de chamar a atenção dos poderes públicos para os despejos dos ocupantes de casas devolutas o que consideram «atentatório do direito à habitação», especialmente «pela maneira como têm decorrido». Os participantes na referida reunião decidiram chamar a atenção do ministro Costa Brás para a imediata suspensão de todos os despejos de ocupantes pobres.

É nesta linha de protestos, que aliás se estende a muitos pontos do País, onde a intranquilidade e a insegurança dos ocupantes se avolumam face às novas condições, que foi marcada a concentração de hoje junto ao Ministério da Habitação, na Rua Castilho.

A comissão organizadora da manifestação destaca no seu folheto convocatório que «em Outubro, com a abertura dos tribunais, os reaccionários preparam-se para efectuarem despejos maciços. Às muitas preocupações de milhares de famílias, em que se inclui a instabilidade do emprego e o aumento constante do custo de vida, junta-se o espectro dos despejos e a incerteza de conseguir rapidamente novas habitações. Acresce a circunstância de a abertura dos tribunais condizer, exactamente, com a chegada do Inverno com todos os seus rigores para com as famílias que têm crianças, velhos e mulheres grávidas e que venham a ser despejadas».

Desacatos no aeroporto do Funchal

FUNCHAL, 24 — Fortes desacatos ocorreram na madrugada de domingo para segunda no aeroporto de Santa Catarina, nesta cidade. Cento e dez passageiros viram-se impedidos (por 24 horas) de regressar ao continente: a tripulação do avião, que deveria realizar o voo «charter», estava prestes a atingir o limite de horas de serviço e, por isso, recusou-se a fazer a viagem. Os ânimos exaltaram-se.

O problema agudizou-se por volta das duas da manhã quando, após o apelo para aguardarem «apenas algumas horas», os passageiros se dirigiram ao restaurante e ao bar do aeroporto e verificaram que estavam fechados. A partir daqui, houve quem tentasse impedir que os aviões das carreiras normais abandonassem a pista.

A exaltação dos ânimos explica-se, também, no facto dos turistas nacionais que decidiram passar férias na «Pérola do Atlântico» não terem encontrado aqui grandes possibilidades de alojamento. O controverso «limite dos sete contos» trouxe ao arquipélago muitos milhares de turistas e os hotéis quase rebentaram pelas costuras.

Note-se que, este mês, houve mais dez voos diários que o normal, o que significa um aumento de 54 por cento no tráfego aéreo.

Em aberto a hipótese de relações luso-israelitas

Continua a não estar completamente excluída a hipótese do aproveitamento da presença em Portugal do director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel, dr. Shlomo Avineri, para o estabelecimento de contactos com o Governo Português visando a intensificação das relações com o Estado judaico, ao abrigo do que preconiza o Programa de Governo do P. S.

Shlomo Avineri, que oficialmente se deslocou a Lisboa para participar no XI Congresso da Associação Internacional de Hegel, não desmentiu nem confirmou a intenção de aproveitar a visita para o estabelecimento de contactos diplomáticos remetendo a sua posição para uma conferência de Imprensa, em que focará o assunto.

Da parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros Português parece existir abertura a quaisquer encontros propostos os quais a virem da parte israelita, deverão ser encaminhados pelo Consulado-Geral daquele país. Não é também de excluir a hipótese da iniciativa caber ao lado português.

Destaca-se que quaisquer contactos com Israel mereceirão inevitavelmente o repúdio dos governos e da opinião pública árabe para quem o sionismo representa um perigo permanente, traduzido em constantes agressões. Assim, não é de excluir que, querendo Portugal, simultaneamente manter boas relações com o mundo árabe, se tenha optado por uma via «encoberta» que não cause, de imediato demasiado alarme.

Mais atrasos na linha de Sintra

Uma avaria na Estação da Cruz da Pedra do comboio n.º 4612, provocou esta manhã, cerca das 8 horas, atrasos, entre 15 e 30 minutos, nas composições que se dirigiam para Lisboa.

Segundo revelou ao nosso jornal um porta-voz dos Serviços de Relações Públicas, da CP, a anomalia não interferiu na circulação dos comboios em trânsito para Sintra.

Tubarões nos Açores

PONTA DELGADA, 24 — A costa da ilha de S. Miguel começa a ser infestada por um grande número de tubarões que põem em perigo a vida dos banhistas que normalmente em período estival afluem às praias daquela costa.

Os tubarões têm aparecido principalmente junto das praias de Populo, Água d'Alto e Água de Pau, desconhecendo-se de momento as razões que motivam tal invasão.

Mais 24 escritores portugueses editados em Cuba

O Instituto Cubano do Livro terminou praticamente a elaboração de uma grande antologia de contos portugueses. Antologiados 24 escritores (de Alexandre Herculano a Herberto Hélder), eventualmente a antologia pode ser acrescida de outros autores. Não se pode desligar esta edição (como acontecera, aliás, com «A Relíquia») da actividade do adido cultural, José Fernandes Fafe. Em contrapartida, é de perguntar qual a acção desenvolvida até agora em prol da cultura portuguesa dos vários adidos culturais portugueses espalhados pela Europa. Estamos a lembrar-nos, por exemplo, dos adidos culturais em Roma e em Paris. Saiu é certo, recentemente, uma edição de antologia da poesia portuguesa em italiano, mas que passou ao lado das actividades do adido cultural.

Refiram-se, para além do mais demonstrar a justeza de critérios que enfermou a selecção da antologia dos contos, os nomes escolhidos: Alexandre Herculano, Aquilino Ribeiro, Branquinho da Fonseca, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Fernando Namora, Fialho de Almeida, Herberto Hélder, Irene Lisboa, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, José Marmelo e Silva, José Régio, Manuel Mendes, Maria Judite Carvalho, Miguel Torga, Raul Brandão, Rodrigues Miguéis, Teixeira-Gomes, Trindade Coelho, Urbano Tavares Rodrigues e Vitorino Nemésio.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

MINI ou MAXI
SEMANA EM
LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS:
Domingos e 4as feiras
Agosto 1,4,8,11,15,18,22,25,29
Setembro 1,5,8,12,15,19,22,26,29
Preços excepcionais desde* 3.150$
*a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação: "fui a Londres numa daquelas viagens baratas de Abreu!"
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Nacional

NO FIM-DE-SEMANA

Larápios roubaram centenas de contos

. Foram já apurados os resultados dos roubos e assaltos verificados no último fim de semana. De uma residência na Av. Pedro Álvares Cabral, 34-5º. dtº., na Amadora, foram roubados joias diversas e um gravador.

O montante do roubo ascende a 44.500 escudos.

Entretanto, foi assaltado o nº. 72-3º. esqº. da Av. General Roçadas.

Balanço do assalto: um conjunto rádio amplificador giradiscos, uma máquina fotográfica e uma pistola «Pietro Beretta» 6.35. Tudo no valor de 36 contos.

Na Av. Guerra Junqueiro, 10-1º. dtº., residência de Haydée Lino da Fonseca, onde penetraram por arrombamento, roubaram joias no valor de 200 contos e outros artigos não avaliados.

Foi ainda «revistada» a casa do 4.º andar, com tentativa de arrombamento do 2º. esqº..

Uma tentativa de furto pelo processo «esticão», na R. Anastácio Rosa, não resultou. A vítima, Maria dos Anjos, de 69 anos, agarrou-se desesperadamente à mala, caiu ao chão (ferindo-se nos joelhos) mas não a largou.

Foi detido o «esticador» José Correia, 16 anos, empregado da indústria hoteleira.

ÓLHA A MALA

. Outro caso semelhante, o de Teófilo Pulguinhas, que tentou tirar a mala à cobradora Hortense Ferreira, funcionária da empresa «Boa Viagem». A tentativa, frustada, do Pulguinhas, foi sublinhada com insultos à vítima.

Perseguido por populares, o homem foi entregue à PSP.

No Intendente, foi detido pela Polícia um indivíduo que trazia consigo 22 contos e uma faca. A Polícia suspeita de furto.

O detido Arlindo Barradas confessou entretanto que, no dia 12, esfaqueara um conterrâneo, o João Lobo.

A intervenção da PSP evitou que António Silva, 17 anos, solteiro e canalizador, fosse linchado por populares: na R. «H» do Bairro das Casas Prefabricadas, ele agredira à paulada Ângelo Gomes da Silva, de 23 anos, casado e marceneiro, produzindo-lhe lesão no crânio com perda de conhecimento. Na ocasião, os populares pretenderam fazer justiça.

Solteiro e sem profissão, Joaquim Josué foi detido pela Polícia. Motivo: simulava ser cego (com óculos escuros) e pedia esmola na Rua do Alecrim.

LIAMBA

. Encontrado a fumar liamba na Parque Eduardo VII, foi detido pela Polícia o pintor de automóveis Manuel Almeida, 19 anos, residente no Barreiro. No bolso, o pintor trazia um pacote daquela erva, que declarou ter comprado no Rossio por 150 escudos.

Outro caso de liamba: no quintal de uma residência para os lados do Lumiar, foi detectada uma pequena «plantação». As investigações levaram à detenção de Luísa Vasco, de 56 anos.

Plenário em Setúbal das comissões de moradores

. «Somos e seremos Comissões de moradores, orgãos de vontade popular». Foi este o teor da convocatória para o plenário dos organismos representantes dos moradores do distrito de Setúbal que decorreu, nas instalações da Inatel, no sábado. Ficou decidido, na reunião, que as comissões de moradores recusam transformar-se em Associações de Moradores.

O plenário veio na sequência de umaameaça que as entidades estatais fizeram às Comissões de moradores no sentido de lhes cortarem os subsídios para creches e jardins de infância. Da parte do Governo há uma quase coacção que se traduz numa tentativa de destruir toda a iniciativa política das comissões de moradores.

Um dos presentes, em determinada altura sublinhou «isto é um problema político e não uma questão de creches ou de infantários. Devemos exigir o cumprimento da Constituição pois as comissões de moradores ficaram nele consignadas... Não nos venhm enganar com dinheiro porque nós já não vamos nisso».

As conclusões do plenário apontam para a necessidade dos orgãos de soberania popular elaborarem um projecto de legislação que reconheça às comissões personalidade jurídica. Foi ainda acordado que as conclusões seriam entregues ao Presidente da República, Conselho da Revolução e Assembleia da República com todos os pontos aprovados pelo plenário entre os quais se destaca a «exigir ao Governo que assuma as responsabilidades dos financiamentos dos jardins de infância e creches».

Incêndio destrói fábrica de móveis

. AVEIRO, 24 — Um violento incêndio que deflagrou por volta das sete horas da manhã de ontem destruiu parcialmente a fábrica de móveis da empresa Armando Alves, situada no lugar de Matosinhos, concelho de Esmoriz. Intervieram no combate às chamas, que causaram prejuízos avaliados em cerca de 3000 contos, bombeiros das corporações de Esmoriz, Ovar e Espinho.

Um morto e 42 feridos

. Apesar da chuva que manteve veraneantes em casa, o número de acidentes foi elevado este fim de semana, tendo a Brigada de Trânsito da GNR tomado conhecimento de 33 acidentes, e registado um morto e 42 feridos. De acordo com as informações da Brigada de Transito, 70 por cento destes acidentes envolveram carros de matrícula estrangeira conduzidos por portugueses. No registo apresentado não figuram desastres participados à P.S.P. e a outras forças militarizadas.

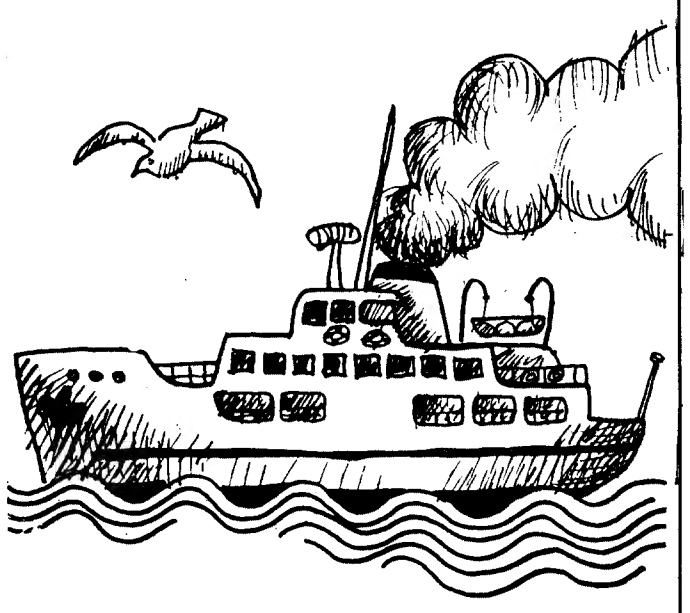
AÇORES

Comissão da Pecuária pediu a demissão

. ANGRA DO HEROÍSMO, 24 — A Comissão Executiva do Programa Pecuário dos Açores distribuiu um comunicado que tem provocado os mais vivos comentários nesta cidade, explicando as razões que a levaram a requerer a sua substituição. Incumbida de executar um programa que tem provocado algumas críticas, muitas delas claramente expressas num artigo intitulado «Investida americana nos Açores» publicado no «DL» de 20 deste mês, a Comissão Executiva do PPA atribui a sua decisão ao facto de não ter recebido as verbas prometidas pelo Governo o que, somado aos efeitos produzidos pela desvalorização da moeda e ao aumento dos salários, torna inevitável a redução do número dos postos de trabalho no arquipélago.

O despedimento de muitos trabalhadores da Terceira, defendido pela Comissão, por haver trabalhadores «em excesso» nessa ilha, terá causado prejuízos notórios mas «o desemprego e os seus problemas estão fora da sua alçada», já que o do PPA, embora possa contribuir para a solução do problema, tem por objectivo básico «o aumento da produção animal e não o combate ao desemprego».

Dos cem mil contos anuais prometidos pelo Governo argumenta a Comissão — apenas mil foram efectivamente entregues em 1974 e dos 61 mil contos atribuídos ao PPA este ano, apenas 46 mil foram aplicados com esse objectivo.



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78)
e no seu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE CONSERVAS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO

— PENICHE —

NOS TERMOS DOS ARTIGOS 33.º — a) e b) e 34.º DOS ESTATUTOS, CONVOCO TODOS OS TRABALHADORES — SÓCIOS DESTE SINDICATO — PARA A REUNIÃO DE ASSEMBLEIA-GERAL, EXTRAORDINÁRIA, QUE TERÁ LUGAR NO DIA 9 DE SETEMBRO (QUINTA-FEIRA) PELAS 21 HORAS, COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

PREENCHIMENTO DAS VAGAS EXISTENTES NA DIRECÇÃO, POR TEREM PEDIDO A DEMISSÃO 7 DOS SEUS ELEMENTOS.

—★—

CAMARADAS: NA UNIDADE E NA ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES ESTA A FORÇA DO SINDICATO.

Peniche, 20 de Agosto de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Maria Margarida Sousa Mateus

STAL-Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local

CONCURSO EXTRAORDINÁRIO PARA PROMOÇÕES E PROVIMENTO DE VAGAS EXISTENTES NA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

O STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local comunica a todos os seus associados que foi entregue às Comissões de Trabalhadores, através das Delegações Distritais, um projecto de diploma regulador de concursos extraordinários para promoções e provimento de vagas existentes nos quadros da Administração Local.

O STAL recomenda a cuidada análise do documento em questão por todos os trabalhadores e a apresentação de críticas e sugestões que possam contribuir para melhorar o seu conteúdo.

Esse projecto será revisto com base nessas críticas e sugestões e o texto definitivo será depois sujeito à apreciação do Conselho de Secretariados a realizar ainda durante o mês de Setembro, após o que se fará a sua entrega ao Governo.

Santarém, 18 de Agosto de 1976.

A Comissão Coordenadora, transitória

Nacional

«Habitado» todos os dias por uma multidão de passageiros, o «metro» de Lisboa prepara-se agora para a grande operação de limpeza

O Metropolitano vai "lavar a cara"

As estações e os acessos do Metropolitano de Lisboa vão ser sujeitos a operações de limpeza destinadas a «restituir às instalações um aspecto mais agradável e digno para os milhares de pessoas que usam o meio de transporte».

De acordo com informações obtidas junto da Comissão Administrativa do Metropolitano, a limpeza levará um mês a efectuar, e será levada a cabo com um mínimo de incómodo para os passageiros.

Para conseguir a colaboração dos lisboetas, a comissão distribuiu um folheto pedindo aos utentes do Metropolitano que «não sujem as paredes, não colem novos cartazes, não lancem para o chão cigarros, papéis ou quaisquer outros detritos».

Comércio Interno fixa preços de frutas e legumes

A Secretaria de Estado do Comércio Interno divulgou os preços a praticar durante a semana corrente, nos postos regularizadores da Junta Nacional das Frutas. De acordo com a nota, os preços são os seguintes:

Por quilograma: bananas, 24$00; laranja, 10$00; limões, 15$00; maçãs, 6$50; melão, 7$00; melância, 5$00; pêra, 9$00; pêssegos, 7$00; uvas, 11$00; alfaces, 14$00; alhos, 40$00; batata, 7$00; cebola, 3$50; cenoura, 5$50; couve bacalã, 10$00; couve lombarda, 13$00; couve roxa, 10$00; pimentos, 5$00; pepino, 4$00; tomate, 3$50; miolo amêndoa partido, 50$00; miolo amêndoa inteiro, 70$00; amêndoa dura em casca, 17$50; amêndoa coca em casca, 28$00; arroz, 13$50; feijão catarino, 24$00; feijão frade, 23$00; feijão branco miúdo, 27$00; feijão manteiga, 26$00; e grão-de-bico, 18$00.

MAÇÃS DE CAMPANHA DE 1976

A Secretaria de Estado do Comércio Interno informa os fruticultores que a Junta Nacional das Frutas adquire maçã directamente à produção, até ao quantitativo de 4 mil toneladas, a receber na estação fruteira de Castanheira do Ribatejo e pelos serviços da delegação da Junta Nacional das Frutas no Porto, nas seguintes condições:

1. Variedades — têm preferência os frutos das variedades de epiderme amarela (quando maduros): bravo de esmolfe, «golden delicious» e reinetas; — de epiderme vermelha (total ou parcialmente): «starking delicious» e suas mutações, e «rome beauty».

A título excepcional, e desde que interesse ao seu plano de comercialização, a Junta Nacional das Frutas poderá adquirir frutos de outras variedades desde que façam parte do mesmo pomar, tais como Casa Nova de Alcobaça, «Jonathan», «Stayman» e «Winter Banana».

2. Preços — a Junta Nacional das Frutas liquidará a fruta aos seguintes preços:

a) das variedades «Golden Delicious» e reineta:

— calibre 55/60 mm, 3$00/kg; calibre 60 a 65 mm, 4$00/kg; calibre 65 a 75 mm, 6$00/kg; calibres superiores a 75 mm, 6$50/kg.

b) Das variedades starking e suas mutações, rome beauty e bravo de esmolfe:

Calibre 55/60 mm, 3$50/kg; calibre 60 e 65 mm, 4$50/kg; calibre 65/75 mm, 6$00/kg; calibres superiores a 75 mm, 6$50/kg.

3. Prioridades — A Junta Nacional das Frutas dará prioridade de aquisição à fruta das regiões fora das áreas sociais das cooperativas com estações fruteiras e depois à dos fruticultores que, embora situados naquelas áreas, não sejam associados dessas organizações.

CONHEÇA A RÚSSIA
8 DIAS EM PENSÃO COMPLETA
17.970$00
SAÍDA A 19 DE SETEMBRO
★
LISBOA, COPENHAGA, LENINEGRADO, MOSCOVO, COPENHAGA, LISBOA
VM Meliá
Rua Rosa Araujo, 2
Tel: 536971 - LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado, 269 r/c Tel: 310034 - PORTO

MADEIRA

A "guerra das cabras"

FUNCHAL, 24 — Os casos de fogo posto nas serras da Madeira vêm sendo relacionados com a «guerra das cabras». Esta guerra, que na prática opõe pastores a guarda florestais, é geralmente explicada pela carência de pastos, por um lado, e pelas muitas zonas de pinhais privados, por outro.

Pretende-se que, na dificuldade de encontrarem pastagem para o gado caprino (já que os pinhais privados estão obviamente interditos), os pastores acabem por lançar fogo àqueles pinhais, que são, depois, abandonados pelos proprietários.

Os defensores desta teoria, que fazem por responsabilizar os pastores pelos crimes de fogo posto, apontam o exemplo registado há dias: um grupo de escuteiros acampado numa serra notou vestígios de fogo, procurou investigar, mas foi ameaçado pelos pastores.

Naturalmente, a atribuição de culpas aos pastores carece de uma base séria e, sobretudo, de investigação pelas autoridades competentes.

De resto, é ainda a partir de suposições, sem apoios concretos que se atribui também aos pastores a destruição à bomba (há já algum tempo) de um viveiro de trutas, o maior do arquipélago. Tal destruição estaria na linha da «guerra das cabras».

Chuva afecta cereais

ÉVORA, 24 — Apesar de insuficientes para alterarem a situação energética deficitária do país, as chuvadas que têm caído nos últimos dias podem afectar a quantidade disponível de cereais em várias zonas, já que estão a inutilizar cereais colhidos mas ainda não armazenados. Dirigentes sindicais de Évora e de Portalegre afirmam que «as colheitas de trigo e de grão, que foram as maiores dos últimos anos, correm o risco de se perderem completamente se o governo não tomar medidas providenciais».

De acordo com informações prestadas por responsáveis locais do sector, os sindicatos avisaram o governo, com a devida antecedência, do risco que corriam os cereais não armazenados, mas não foram tomadas as medidas necessárias, nomeadamente no que se refere ao envio de um comboio especial destinado a transportar trigo para Lisboa.

PUB

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

Abrangendo os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria, Portalegre, Santarém e Setúbal

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 45, 1.º
Telefs.: 83 93 18/84 86 33 LISBOA-1

CONVOCATÓRIA

SECTOR DE GARAGENS
(Distrito de Lisboa)

A fim de se informar e analisar o andamento das negociações do CCT Vertical de Garagens, convocamos todos os associados deste Sector para uma reunião a efectuar no próximo dia 25, pelas 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico — Av. Rovisco Pais, em Lisboa.

NÃO FALTES!
EM FRENTE PELO CONTRATO VERTICAL!

Lisboa, 17 de Agosto de 1976.

Sindicato Garagens, P. Abast. Transp. e Of. Correlativos Centro e Sul
Sindicato dos Contínuos, Porteiros e Profissões Similares
Sindicato dos Trabalhadores Electricistas do Sul
Sindicato Nacional Telefonistas e Of. Cor. Distrito de Lisboa
Sindicato Nacional dos Cobradores e Prof. Similares
Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos
Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários
Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Caixeiros
Federação Sindicatos Emp. Escritório Sul e Ilhas Adjacentes

P/ COMISSÃO NEGOCIADORA
José Eduardo M. Borges

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO PORTO

COMUNICADO

Os Sindicatos Metalúrgicos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança, reunidos no dia 21/8/76 na sede dos metalúrgicos de Braga, para apreciarem os problemas que se colocam neste momento ao movimento sindical e muito concretamente à preparação do Congresso dos Sindicatos, que se realizará, este ano. Em conclusão da reunião, aprovaram o seguinte comunicado.

2 CONGRESSO DA INTERSINDICAL

Tal como na era fascista, assiste-se hoje a uma tentativa contra a vida da Intersindical Nacional — Central Única dos Trabalhadores Portugueses.

Atenta-se contra a unicidade sindical, para que, criada a divisão no movimento sindical, mais facilmente se tenham à mercê os trabalhadores portugueses, mais fácil se torna a sua exploração.

Está em preparação o Congresso dos Sindicatos de 1976 e poderemos alimentar as maiores esperanças de que, quer os sindicatos filiados na Intersindical, quer os que ainda não aderiram, encontrarão uma fórmula de unidade de modo que os trabalhadores sejam representados por uma central única capaz de os defender contra o patronato reaccionário. A provar isto está o plenário da Intersindical do dia 29/7/76, realizado em Lisboa no I. S. T., onde todos os sindicatos presentes (filiados e não filiados) apontaram para a realização do Congresso ainda este ano dada a urgência da sua concretização.

Pretende-se que o próximo Congresso seja constituído por todos os sindicatos portugueses, cuja representação seja proporcional ao número de sócios de cada um e, pode-se acrescentar que as perspectivas são excelentes.

É evidente que no seio do patronato reaccionário, estas boas perspectivas para os trabalhadores contrariam os seus interesses. E, nestas condições, manobra subterraneamente no sentido de sabotar o êxito do Congresso.

As últimas declarações feitas ao jornal conservador «Times» pelo fascista e dirigente da C. I. P. (Confederação da Indústria Portuguesa), e do C. D. S., Vasco de Melo, provam esta situação, quando afirma ser necessário refrear os sindicatos, pois após o 25 de Abril de 1974 os sindicatos ganharam mais força.

As saudades dos sindicatos fascistas e corporativos, com direcções sindicais controladas pelo patronato, leva-os de facto a tentarem por todas as formas, e com os mais diversos apoios do capitalismo nacional e seus lacaios, e das forças imperialistas, a dividir os trabalhadores.

É evidente, que se o patronato reaccionário conseguir tir o almejado objectivo, a luta contra a unicidade sindical tornar-se-á bastante mais acessível a uma vitória das forças da direita, das forças antitrabalhadoras.

Para combater a recuperação capitalista, organizada pelo patronato inscrito na sua central única patronal, os trabalhadores têm que opor a sua central única trabalhadora na defesa dos seus interesses.

Vão-no compreendendo os sindicatos portugueses ao considerar como seu mandatário o Secretariado da Intersindical nas negociações com o Governo.

Vitórias já foram conseguidas mas há enormes perspectivas de se registarem outras e grandes contra a voracidade dos tubarões reaccionários.

O êxito do Congresso será a pedra de toque da vitória dos trabalhadores portugueses: a adesão de todos os sindicatos à sua central única.

Um grande passo já foi dado para a cooperação e união dos sindicatos. Este passo ficará registado e celebrado na história do movimento sindical unitário.

O Congresso será o que os trabalhadores portugueses quiserem e os trabalhadores não poderão querer outra coisa que não seja uma vitória contra o patronato reaccionário, o reforço e o avanço do movimento sindical unitário e o socialismo.

As direcções sindicais do:
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO PORTO
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE BRAGA
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE VIANA DO CASTELO
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE BRAGANÇA
SECTOR DA METALÚRGIA DO SINDICATO DA C. C. E OFÍCIOS CORRELATIVOS DE VILA REAL

Nacional

Transição para a Europa e transição para o socialismo

MÁRIO MURTEIRA

Numa das suas notas irónicas publicadas em *Le Monde*, R. Escarpit falava, a propósito da crise italiana, da propensão do chefe de governo da Alemanha Ocidental para se consieerar o *governador regional da Europa*, sob a égide norte-americana. Na realidade, o peso crescente da economia oeste-alemã na CEE e o seu alinhamento na estratégia imperialista mundial conduzida pelos EUA, constitui um dado fundamental da conjuntura política na Europa actual. Tal facto obriga-nos a uma digressão sobre as tendências do hegemonismo norte-americano, quer na Europa quer à escala mundial.

Recentes acontecimentos na Ásia e na África (termo da guerra no Vietname, independência das ex-colónias portuguesas, etc.) revelam importantes derrotas do imperialismo norte-americano, com recuo das áreas de mais flagrante hegemonia dos EUA. Tal recuo implicará necessariamente, alterações duma estratégia global, na América Latina, na Europa e na África, cujo sentido essencial é talvez ainda prematuro analisar, até por se encontrar em fase crucial de adaptação a novos dados.

Em todo o caso, podem ser identificadas algumas tendências principais.

Numa análise das «guerras locais» na Ásia, na África e na América Latina em 1945-69, István Kende comer o seu estudo reconhecendo que, depois de 1949, a Europa tem constituído uma zona de paz «devido à confrontação directa das duas maiores potências militares mundiais, a União Soviética e os Estados Unidos da América ou, ainda, num sentido mais amplo, dos países da OTAN e do Pacto de Varsóvia. Em consequência do mecanismo destes dois pactos militares, o mais pequeno incidente local armado na Europa tornar-se-ia automaticamente conflito mundial, constituindo assim um perigo muito maior e de realidade muito mais profunda do que um recontro armado em qualquer outra parte do mundo. Além disso, a enorme capacidade nuclear armazenada na Europa tornaria todo e qualquer conflito armado entre dois campos não apenas de dimensão mundial mas ainda nuclear, o que na actual relação de forças não é do interesse dos EUA (...) Assim a história das guerras locais depois de 1945 é de facto a história das guerras desenroladas na Ásia, na África, e na América Latina. Nos nossos dias — ao contrário da Europa — as contradições e crises do Terceiro Mundo manifestam-se essencialmente sob a forma de conflitos militares».

Das conclusões do seu estudo, interessam-nos registar as seguintes:

. No período em análise, o número e duração das guerras locais (precisamente 93 segundo I. Kende) aumentam a ritmo rápido, como tendência geral.

O tipo de guerra contemporânea já não é o de guerras entre estados vizinhos, ditas «internacionais» ou de fronteira. «O tipo principal contemporâneo de guerra é o que tem por teatro de operação o território dum só país e cujo objectivo é mudar o regime e o governo existente e derrubar o poder». Neste tipo, que I. Kende chama guerra «antigovernamentais», o mais frequente é o de *guerra com intervenção estrangeira*.

Este «modelo» de guerra, no período considerado, foi particularmente importante na Ásia. Nos últimos anos, porém, generalizou-se rapidamente na África Negra e na América Latina. Quanto à direcção e origem da participação estrangeira é elucidativo o quadro I.

. .Da leitura dos dados ressalta, além do agravemtno geral dos conflitos, a importância crescente da África Negra e da América Latina como teatro de «guerras locais», enquanto os EUA generalizam (com excepção do Próximo Oriente) o seu envolvimento directo. A partir de 1960 Portugal destaca-se tristemente neste quadro, evidenciando além do mais — olhando retrospectivamente a situação — o absurdo de uma estratégia que nem sequer terminou por servir os interesses do imperialismo internacional, bem ao contrário.

Os acontecientos dos últimos anos confirmam a importância vital para os EUA da permanência da sua hegemonia na América Latina e na E:UROPA; JÁ QUE NA Ásia e na África tem sido seriamente combatida e se encontra em fase de nítido refluxo. Por outro lado, é evidente que as assimetrias no crescimento e na repartição do rendimento à escala planetária que antes mencionámos e não lograrem algum êxito as tentativas no sentido duma nova «odem económica internacional», nno espírito de resoluções recentes das Nações Unidas perpetuarão e agravarão a situação de guerra mundial larvrar, embora localizada, que o Quadro I revela com nitidez.

Uma das formas de manutenção de hegemonia norte-americana capaz de minimizar os riscos da intervenção armada em «guerras locais» do tipo anteriormente descrito é o fortalecimento de regimes dependentes mas de importante potencial demográfico, económico e militar, boas presas das multinacionias e adequados ao desempenho de funções intermédias na hierarquia de relações características da estrutura imperialista mundial. E tipicamente o caso do Brasil na América Latina — que Ruy Mauro Marini analisa como submimperialismo — mas funções análogas podem ser desempenhadas noutros continentes por regimes como o Irão, a Indonésia e o Zaire. Na Europa, claro que em condições distintas da periferia capitalista, a Alemanha Ocidental parece votada a desempenhar o principal papel nos elos a estabelecer com a estratégia norte-americana e consequente estruturação da economia europeia e mundial.

Vejamos esta questão mais de perto.

A integração económica e política capitalista na Europa — em sentido amplo — é processo bem mais amplo e complexo do que as simples consequências da integração formal no âmbito da C.E.E. ou E.F.T.A. Consciente ou inconscientemente, as etapas desta integração formal servem interesses mais amplos, tendências mais fundas e objectivos menos transparentes do que os revelados na letra dos acordos. Não vamos referir a história do tratado de Roma de 1957, dos seus antecedentes ou das múltiplas «crises» da ideia europeia nos últimos decénios. Queremos apenas, e em aspectos parciais, fazer o ponto da situação de chegada, isto é, da fase actual dum processo de múltiplas dimensões.

A integração económica capitalista passa pela gradual realização duma união aduaneira — abolição dos direitos de importação e restrições quantitativas (ausência de obstáculos à circulação de mercadorias), circulação livre de pessoas e capitais definição de direitos *exteriores* comuns, crescente harmonização de políticas financeiras, económicas e sociais dos países membros. É suposto que estas etapas sirvam, além do mais, uma progressiva integração política, da qual um passo significativo está previsto para o próximo ano com a eleição dum Parlamento europeu por sufrágio directo no países da CEE. A interdependência crescente das economias europeias, a que já nos referimos, não é apenas consequência da realização da união aduaneira e da zona de trocas livres (menos ambiciosa do que aquela, designadamente deixando liberdade aos membros na fixação das pautas aduaneiras relativamente a terceiros) decorrentes respectivamente, da aplicação do tratado de Roma e da convenção de Estocolmo. Resulta de tendências globais do capitalismo na fase actual da sua evolução, a que já fizemos algumas referências anteriormente. *Não é pois de estranhar que a integração crescente (ou interdependência crescente) não signifique necessariamente crescente homogeneidade de condições político-económicas*. Pode até conduzir à *crescente heterogeneidade*.

Com efeito, na actual C.E.E. dos nove (incluindo pois, além dos seis países fundadores, a Dinamarca, Grã-Bretanha e Irlanda) vários tipos de clivagens mais salientes podem ser destacados entre os seus componentes: relativamente à solidez e potências relativas das economias em causa; considerando as estruturas político-sociais emergentes das relações de classe nos vários países; enfim quanto à penetração nas populações dos objectivos da própria integração.

Quanto ao primeiro ponto, contrastam assituações prósperas da Alemanha e da França (sobretudo da primeira) com a fragilidade económica e strutural quer da Grã-Bretanha — em longa e difícil adaptação à Europa, após a desagregação e agonia do primeiro imperialismo moderno — quer da Italia (Cf. Quadro II).

evidente que aquilo que a CEE ganha em extensão perde paralelamente em coesão, já problemática em períodos mais críticos. É difícil de prever qual será a resultante da progressiva extensão em parte conseguida à custa duma ainda débil coesão.

Estes factores de diferenciação jogam contraditoriamente consoante os países ou sub-regiões considerados; o potencial económico crescente da Alemnha Ocidental, e a sua estreita ligação à política externa dos EUA, permitem-lhe um papel *forte* no tratamento das crises político-económicas dos parceiros mais fracos e mais dependentes das «ajudas» praticáveis no quadro capitalista (Itália e Grã-Bretanha); os países em que a conjuntura da luta de classes torna admissível a curto prazo maior avanço na direcção do socialismo (o «Sul» europeu da França e Itália) encontram-se estreitamente condicionados nos seus processos «internos» de evolução, como o caso italiano flagrantemente revela. Mesmo admitindo a mais ou menos breve trecho, nestes casos, a esquerda no poder incluindo socialistas e comunistas) poderá acontecer que tal possibilidade seja mais formal do que real — digamos, caricaturalmente, seja possível a «esquerda» no poder desde que o poder seja por ela exercido como se de «direita» se tratasse. De qualquer forma, os avanços e recuos do socialismo no xadrez internacional *europeu* serão, mais do que nunca, condicionados pelas estratégias globais dos principais contendores no tabuleiro *mundial* e consequente evolução das relações de força a esse nível.

Da digressão anterior podem-se extrair algumas indicações úteis para o enquadramento da problemática portuguesa no contexto englobante das tendências da economia mundial e europeia.

A estruturação do imperialismo e capitalismo na ordem económica mundial encontra-se numa fase crítica de adaptação ao potencial crescente das nações socialistas (ou pelo menos anticapitalistas) e também crescente poder

EUA jogam decisivamente, como é óbvio, o seu potencial militar, económico e tecnológico, e a organização duma hierarquia de regimes dependentes, de grande dimensão, agindo como subimperialismos» em áreas estratégicas do Globo.

Neste contexto, a Europa do Mercado Comum é teatro de tendência e solicitações contraditórias em que a RF Alemã aspira a crescente hegemonia sob o patrocínio norte-americano, papel para o qual circunstâncias objectivas a favorerem (2).

Perspectivas económicas da Europa a longo prazo apontam como prováveis, certas mudanças em tendências básicas das últimas décadas. Assim quanto à necessidade duma extroversão do crescimento capitalista europeu, seja na direcção da periferia capitalista intra-europeia dos EUA do Terceiro Mundo ou das economias do Comecon. Quanto àquela periferia — incluindo a Península Ibérica, a Jugoslávia, a Grécia e a Turquia — é assinalável a importância dum potencial de crescimento elevado aí localizável, para relançamento da expansão económica dos capitalistas cêntricos. No que se refere à aproximação Leste-Oetse na Europa, no espírito dos acordos de Helsínquia, é previsível uma tendência positiva nessa direcção na medida em que predominem no interior da CEE as tendências para a autonomização relativamente aos EUA Neste aspecto será decisiva a evolução política da França nos próximos anos, mais provavelmente que a saída da crise italiana.

Neste tabuleiro mundial e europeu hiper-complexo, a marcha da integração económica europeia não tem sentido pró ou anticapitalista pré-determinável. É talvez possível arriscar, apenas, qúe prosseguirá um processo empírico e pragamático ao sabor das conjunturas políticas na Europa e fora dela.

Poderá um país pequeno e dependente, mas constitucionalmente empenhado na transição para o socialismo, como Portugal, apostar num futuro de tal modo ambíguo?

Poderá *não* o fazer? (3).

QUADRO I

Duração da participação estrangeira nas «guerras locais» por período e região * (em anos)

Regiões	1945/49	1950/54	1955/59	1960/64	1965/69	Total
ÁSIA	14,03	23,23	11,58	9,96	19,85	78,65
E.U.A.	3,50	7,7	7,00	8,52	18,23	44,96
Grã-Bretanha	6,72	8,08	4,58	1,44	1,62	22,44
França	3,81	7,44	—	—	—	11,25
PRÓXIMO-ORIENTE	0,81	5,43	17,43	9,12	6,96	39,75
E.U.A.	—	—	0,46	—	—	0,46
Grã-Bretanha	0,71	0,29	9,85	6,89	6,96	24,70
França	0,10	5,14	7,12	2,23	—	14,59
ÁFRICA NEGRA	0,87	2,21	6,06	14,64	21,16	44,94
E.U.A.	—	—	—	5,02	4,83	9,85
Grã-Bretanha	—	2,21	1,46	—	—	3,67
França	0,87	—	4,60	3,50	1,33	10,30
Portugal	—	—	6,12	15,00	21,12	
AMÉRICA LATINA	0,46	0,04	0,03	3,58	12,98	17,09
E.U.A.	0,46	0,04	0,03	3,58	12,98	17,09
TOTAL	**16,17**	**30,91**	**35,10**	**37,30**	**60,95**	**180,43**

* Fonte: I. Kende, «Guerres Locales en Afrique, Asie et Amérique Latine» (1945/69), Budapeste, 1973 p. 66

QUADRO II

Produto interno bruto por habitante na C.E.E. dos nove (índices em relação à média)

Anos	Al.	Franç.	It.	Hol.	Belg.	Lux.	R. Un.	Irl.	Din.	C.E.E.
1960	111,7	113,4	59,8	83,2	106,0	140,8	117,8	54,5	111,9	100
1973	136,8	117,6	61,5	109,0	112,5	126,9	75,6	51,4	133,6	100

Fonte: J.-P. Baché et R. Leray, «La communauté est elle armée pour sur monter la crise économique?» in **Economie et Humanisme** n.º 224. Os índices têm por referência as médias da C.E.E., tomadas como base 100.

(1) — Definida como segue: quando soldados estrangeiros ao teatro de operação participam nas operações militares, mesmo a título não oficial, ou sob a forma de tropas de mercenárias, ou ainda como tropas das metrópoles colonialistas lutando contra movimentos de libertação. As tropas da ONU só entram nesta classificação no caso da guerra da Coreia.

(2) — Também na América Latina é crescente a presença da Alemanha Ocidental. Veja-se o peso dos investimentos alemães nesta zona, a recente venda de centrais nucleares ao Brasil e a tentativa de exportação do modelo «social-democrata» europeu para a região. Neste último exemplo, aliás, é patente o desejo de exibir o êxito da aplicação do «modelo» ao conturbado processo português.

(3) — Extractos do artigo com o mesmo título a publicar no próximo número de «Economia e Socialismo».

Trabalho

"Não há divergências inultrapassáveis..."

— afirmam Kalidás Barreto e Correia Lopes

Kalidás Barreto e Manuel Correia Lopes, dois conhecidos sindicalistas, membros do secretariado da Federação dos Sindicatos dos Têxteis, tornaram pública uma «Carta Aberta aos Trabalhadores Portugueses», que constitui no essencial, um veemente apelo à «unidade de todos os explorados contra a burguesia e o capitalismo».

Neste documento, face à aproximação da data de realização do Congresso dos Sindicatos, os dois signatários dão como exemplo da possível unidade entre os trabalhadores, o Congresso dos Têxteis, no Porto, no princípio do ano corrente. Aliás K. Barreto e Correia Lopes, são eles próprios representantes de linhas políticas divergentes.

Ainda algumas palavras desta carta que a seguir transcrevemos na íntegra: «As Forças do capital estão atentas e é evidente que, por todo o lado, no meio de nós ou com alguma influência doutrinária, dentro e fora dos partidos, há agentes internacionais desejosos de dividir o movimento sindical».

e **Eis o texto da carta:**

«Dirigimos esta carta a todos os trabalhadores conscientes dos seus interesses de classe, a todos os dirigentes sindicais de boa fé que jamais se serviram do movimento sindical e dos trabalhadores, mas que sempre estiveram ao seu serviço.

«Sem paternalismos, mas com a nossa experiência de luta, sem demagogia, mas com o nosso exemplo de militantes sindicais têxteis com vários anos de luta; sem partidarismos, pois, que pertencemos a diferentes correntes políticas ontem como hoje, porém, de mãos dadas, ao serviço dos que confiaram em nós, com um pensamento comum e permanente: a unidade de classe!

«Pedimos que nos leiam até ao fim, atentamente. Que acreditem na nossa sinceridade e boa fé. Não nos movem outros sentimentos. Pedimo-vos que nunca vos esqueçais que sois trabalhadores. E qualquer que seja a vossa ideologia, não duvideis que só nós, os trabalhadores, poderemos realizar com eficácia os nossos objectivos. Ninguém o fará por nós, traga os rótulos que trouxer.

«Quando, em face dos inquietantes e iniludíveis desencontros verificados no movimento sindical após o 25 de Abril, foi lançada a ideia da realização de um congresso de todos os sindicatos, isso foi recebido com todo o entusiasmo nos meios mais conscientes.

«Com efeito, o congresso dos sindicatos representaria uma oportunidade excelente de unir democraticamente todo o movimento, independentemente de sensibilidades ou correntes, e travar definitivamente as veleidades e «sonhos» da burguesia que anseia por dividir os trabalhadores.

«Um congresso participado onde estivessem presentes todos os sindicatos portugueses seria uma resposta inteligente a todos os movimentos divisionistas a todos os que desejam centrais partidárias.

«Cedo aparecem, porém, as primeiras nuvens, enquanto «conselheiros» de sombra manobravam ardilosamente os cordelinhos, aproveitando os mais pequenos pretextos e a inegável boa fé de sindicalistas.

«Nada, porém, está perdido e cremos estar no momento exacto de se dissiparem todas as nuvens isso seria uma extraordinária vitória da unidade dos trabalhadores.

«É que a nossa unidade não é uma unidade qualquer. É a unidade de todos os explorados contra a burguesia e o capitalismo.

«Alertamos, porém, todos os trabalhadores para as extremas dificuldades que se nos deparam. As forças do capital estão atentas e é evidente que por todo o lado, no meio de nós ou com alguma influência doutrinária, dentro e fora dos partidos, há agentes internacionais desejosos de dividir o movimento sindical.

«É preciso dizer-vos, camaradas, que eles estão a tentar por todos os meios e a usar as suas poderosas organizações para provocar a cisão. É necessária, mais do que nunca, a nossa atenção e o nosso cuidado de não sermos ingénuos. É um inimigo que não ataca de frente. Ele sabe perfeitamente que a formação sindical de uma parte dos dirigentes foi feita, nos últimos dois anos, e fundamentalmente através dos partidos políticos e sabe como pode explorar ardilosamente uma formação apressada, se não estivermos vigilantes.

«Angustiados com as informações que neste capítulo temos tido, conscientes da movimentação da direita tão exuberantemente demonstrada nos últimos meses, não hesitamos em avisar todos os trabalhadores, exortando-os a prosseguir sem desfalecimentos na organização do congresso de todos os sindicatos para a unidade.

É urgente que deixemos pequenas querelas, que saibamos ultrapassar divergências. Não há divergências inultrapassáveis entre trabalhadores, se efectivamente estão ao serviço da classe e desejam sinceramente a unidade.

«Permitimo-nos aconselhar, por experiência própria, o processo organizativo do Congresso dos Têxteis, feito em perfeita unidade e sem qualquer contestação. Aí soubemos ultrapassar todas as dificuldades, resolver todos os problemas, com bom senso, com tolerância e tacto político.

«Esperamos, pois, que neste momento histórico da vida sindical portuguesa saibamos todos respeitar a ideologia de cada um, a fim de se conseguir o objectivo principal: realizar o congresso dos sindicatos de forma a consolidar a Central Sindical Única democraticamente erguida por todos os trabalhadores.

«Sacrifiquemos, pois, um pouco o nosso em favor do colectivo; sacrifiquemos o «eu» a «nós». E quem não for capaz de tal esforço, quem não sentir esta necessidade que não se reclame de adepto da construção da sociedade socialista. Ou somos capazes agora, ou a história nos denunciará como divisionistas. Esta é a grande opção!»

CONFLITO NAS CONSERVEIRAS

Patrões negoceiam solução junto do secretário das Pescas

Os representantes dos industriais de conservas reúnem esta manhã com o secretário de Estado das Pescas para tentar encontrar soluções respeitantes ao abastecimento de peixe à indústria. A escassez do pescado é o factor principal apontado pelo patronato para justificar a impossibilidade de garantir as 45 horas de trabalho semanais, reivindicação fundamental dos trabalhadores do sector nas negociações do CCT em curso.

No caso de ser positivo o encontro desta manhã, haverá novo encontro esta tarde, com os sindicatos, no Ministério do Trabalho, para finalmente se começar a discutir o clausulado do CCT. Entretanto, os trabalhadores que desde há várias semanas vêm desenvolvendo luta para pressionar a saída do impasse, fizeram ontem uma greve de braços caídos, que registou uma adesão de 90 por cento, não tendo aderido apenas cinco fábricas (quatro do Norte e uma de Sines) o que aconteceu, segundo informação de sindicalistas, por «intimidação policial» ou deficiente informação quanto ao andamento das negociações. Relativamente à forma de luta anteriormente adoptada — a retenção das conservas nas fábricas — os trabalhadores declaram-se dispostos a abandoná-la apenas quando o CCT for assinado, apesar de os representantes do patronato do Sul, segundo informa hoje um matutino, ameaçarem que deixariam a mesa das negociações no caso de continuar a «coacção» dos trabalhadores.

Em declarações reproduzidas na edição de hoje do «Diário de Notícias», Luís Saias, da Associação dos Industriais de Conservas do Sul, informou que o patronato nada tem contra as 45 horas de trabalho, se o peixe lhe for fornecido em quantidade e preço que considera aceitáveis, condições que a Secretaria das Pescas não terá satisfeito. Segundo aquele matutino, «a S. E. das Pescas consegue assegurar o fornecimento do pescado a 6$80 por quilograma enquanto o patronato considera que seis escudos é o limite máximo aceitável».

Por seu lado, Emílio Campos Lima, participante nas negociações do CCT em representação do sector já estatizado da indústria das conservas (dez fábricas que constituem as empresas Unitas, Embamar e Júdice e Fialho) declarou que nestas empresas se pratica já o horário das 45 horas e que, apesar de o Estado as ter encontrado em situação caótica, estão hoje a recuperar «embora não vivam exclusivamente para a obtenção de lucros». Campos Lima acrescentou que o preço de 6$80 poderá ser suportado se existir uma organização com capacidade de produção global que permita às firmas com melhores condições utilizar peixe congelado de importação e as outras utilizar peixe fresco.

Relativamente ao aumento de produção que se verificará com o aumento de horas de trabalho, declarou Luís Saias que para os patrões vai ser difícil colocar esta produção no mercado, ao que Campos Lima e os sindicatos contrapõem que as potencialidades de colocação do produto são muito grandes.

Quanto à reestruturação do sector os sindicatos são de opinião de que ela está dependente de três factores essencialmente: remodelação da frota pesqueira, circuitos de comercialização e importação. Neste domínio foi já elaborado por um grupo de trabalho constituído por representantes do patronato, sindicatos e do Governo, um plano de reestruturação para a zona do Algarve.

HOTELARIA

Concluída a primeira fase das negociações do CCTV

Encontram-se concluídas, na sua primeira parte, as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho. Vertical para a Indústria Hoteleira, iniciadas no dia 5 de Agosto com a Empresa Nacional de Turismo e um grupo de empresas concessionárias de cantinas — segundo informa a Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Similares num seu comunicado agoa difundido.

Com a conclusão desta primeira parte das negociações fica completamente negociado e acordado o Quadro Técnico de Definição das Categorias Profissionais e quase concluído todo o restante clausulado.

Numa próxima fase, no início do próximo mês, as negociações deverão incidir sobre enquadramentos e tabelas salariais. O acordo que vier a ser estabelecido deverá ser extensivo, por portaria do Ministério do Trabalho, a todos os sectores ausentes.

No comunicado a que nos referimos, a Federação dos Sindicatos de Hotelaria e Similares «apela para a atenção e mobilização de todos os trabalhadores do sector, pois considera que esta é a única forma de os interesses dos trabalhadores não virem a ser prejudicados por quaisquer manobras».

CABOS ÁVILA

Plenário hoje faz ponto da situação

Os trabalhadores da fábrica Diogo d'Ávila reúnem este tarde em plenário para analisar a situação de luta em que se encontram há alguns meses, pelo Acordo Colectivo de Trabalho, e para debater a resposta do árbitro patronal à última proposta do árbitro dos trabalhadores.

A decisão foi tomada num plenário no passado dia 19, em que os trabalhadores deliberaram também continuar a reter o material nas instalações, forma de luta adoptada no dia 12, até às decisões do plenário de hoje. Esta foi a única forma encontrada para se sair do impasse criado pela nomeação de um terceiro árbitro nas negociações do A.C.T., por parte da entidade patronal.

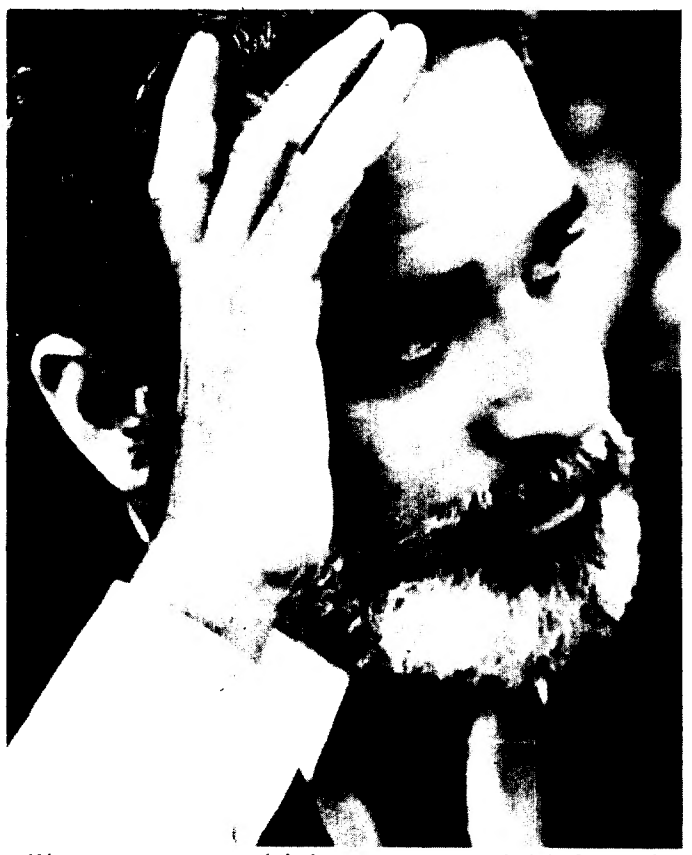
Na moção aprovada no plenário, os trabalhadores repudiaram os telegramas enviados pela Administração da empresa aos órgãos representativos dos trabalhadores «por as alegações da Administração deturparem a verdade», bem como o inquérito pedido pela Administração à secção do pessoal.

SALDOS
SAPATARIAS
BAMBI
SALDANHA — AV. DE ROMA
RUA TOMAS DA ANUNCIAÇÃO
AV. COMBATENTES — ALGÉS
SÓ 15 DIAS
PREÇOS EXCEPCIONAIS

3 GRANDES VIAGENS
EGIPTO civilização milenária
CAIRO·LUXOR·ASSUÃO·VALE REIS
partidas 20/5·8/7·19/8·9/9
TERRA SANTA
TEL AVIV·JERUSALEM
GALILEIA·TEBERÍADES
partidas 13/6·1/8·3/10
ATENAS
UMA SEMANA NA HISTÓRICA CIDADE
visitas incluídas
partidas 2/5·6/6·4/7·1/8·5/9
PREÇOS REDUZIDOS
PEÇA-NOS O SEU PROGRAMA
Europeia

Nacional

A subida do custo de vida tornou-se um dos principais problemas nos meios operários, justificando reivindicações salariais



«Há sectores em que terá de haver aumentos salariais de acordo com o aumento do custo de vida»

MARCELO CURTO FALA AO "D.

À direita int para ter uma voz no

Secretário de Estado do Trabalho ao tempo do VI Governo Provisório, Marcelo Curto, actual ministro daquela pasta, promete, desde já, a revogação de pelo menos um decreto, que larga contestação tem provodaco no seio dos trabalhadores: o 530/76.

Porém, mais importante do que isso, são as opiniões do ministro do Trabalho sobre outros assuntos, por igual candentes, desde os saneamentos após o 25 de Abril («o problema é que muitos deles eram efectivamente lacaios do fascismo»), até à questão da unicidade sindical ao aproximar-se a data da realização do próximo Congresso.

Nesse ponto, aforma Marcelo Curto, que «as influências partidárias nos sindicatos enfraquecem a unidade sindical». Mas, defendendo a revogação do princípio da unicidade expressa na lei, completa o ministro, que o pluralismo interessa à direita, «e a direita não tem outra hipótese de ter uma voz no campo sindical».

Quais são os grandes objectivos a atingir, pelo Ministério do Trabalho durante o mandato deste Governo, que se presume dure quatro anos?

O Ministério aparece — na sequência daquilo que disse — como um agente fundamental no desenvolvimento de uma política social do trabalho.

Quer dizer: de uma política que vai intervir nos objectivos fundamentais relativos a relações colectivas de trabalho, a salários (aqui objectivo fundamental é a correcção das desigualdades salariais), a problemas sociais em empresas em autogestão e cooperativas, a saneamentos, a todas aquelas acções que dizem respeito a regulamentação do trabalho em sectores essenciais. Portanto: conflitos, inspecção-geral, riscos profissionais, riscos de segurança e de trabalho. Isto tudo é já uma tarefa excepcionalmente importante.

No que respeita ao «pacto social», tema que já foi por diversas vezes ventilado — aliás, vem do tempo do Primeiro-Ministro almirante Pinheiro de Azevedo —, como é que a questão vai ser vista por este Ministério?

Já tive ocasião de dizer que um Ministério do Trabalho que adopte os princípios constitucionais e a política formulada no programa do Governo, não poderá funcionar sem o apoio e a intervenção constante das organizações dos trabalhadores.

Se não tivermos uma intervenção das organizações dos trabalhadores no Ministério, este poderá funcionar de acordo com a política do Governo constitucional, em termos de funcionar para defender privilegiadamente os interesses dos trabalhadores. Não há, efectivamente qualquer hipótese de estarmos a desenvolver uma política de trabalho sem que se achem formas de participação dos trabalhadores na formulação dessa política.

TRABALHADORES E PATRÕES SERÃO OUVIDOS

A propósito, ocorre lembrar uma recente entrevista do eng.º Vasco de Melo, da CIP, ao «Times», transcrita nos jornais portugueses. Referia-se aos Sindicatos («os Sindicatos devem ser refreados», afirmou). Supomos que isto é mais uma esperança do que qualquer outra coisa. Como é que vê isso dentro da política de trabalho do seu Ministério?

Vejo isso dentro daquela forma de actuação em que a direita defende os seus valores. Não temos propriamente comentários a fazer a essa política: é a política que defende uma organização patronal, que é a de domesticar os sindicatos e as organizações dos trabalhadores. Nada temos a ver com isso.

Neste Ministério temos como meio fundamental de acção a participação das organizações de trabalhadores na elaboração da legislação de trabalho e na resolução dos conflitos de trabalho. As organizações patronais serão ouvidas porque existem, e não podem, pura e simplesmente, ser desconhecidas. Mas não terão uma audição privilegiada, como terão as organizações de trabalhadores.

As declarações do eng.º Vasco de Melo estão na sua lógica, mas não serão objectivos de acção deste Ministério, nem do Governo.

Uma questão que levantou alguma polémica durante a vigência do anterior Governo foi a concepção do Ministério do Trabalho como árbitro nos conflitos que opõem o capital ao trabalho. Qual será o papel do novo Ministério perante os conflitos de trabalho, relativamente aos quais há indícios de que se poderão agravar proximamente?

Há uma reformulaçao a fazer em relação à lei da contratação colectiva. Ela será feita no sentido de uma maior intervenção do Estado nas negociações colectivas de trabalho, e supõe uma imposição às entidades patronais privadas e suas organizações de justificarem as suas posições de negociação.

A experiência que se fez com o Decreto-Lei 164-A/76 demonstrou que as entidades patronais aproveitaram a liberalização na negociação para invocarem a crise ou as dificuldades do sector para se recusarem a negociar. Assim a lei da contratação colectiva tem de ser modificada no sentido de uma maior intervenção do Estado, que resulta na necessidade de justificação das posições patronais, e na imposição da presença à fase das negociações e de conflito.

Estão previstas sanções no caso dessa presença não se verificar?

Sem dúvida. Sanções que não sejam simplesmente multas, e que se podem traduzir em imposições às entidades patronais, no sentido que já ensaiámos, por exemplo, em relação aos transitários, e que vamos ensaiar em relação aos conserveiros.

Fundamentalmente, as entidades patronais ficarão na necessidade de dizer — como no caso da hoteleira — por que é que não negociam, por que é que não comparecem, por que é que não apresentam dados. Nesses casos, teremos de lhes impor determinadas obrigações, que se traduzem numa reestruturação da própria actividade. Impomos-lhes fusão de empresas, redimensionamento da actividade, ou que nos digam quais são os seus problemas em termos de investimento, de equipamento, de fornecimento de matérias-primas.

Tudo isso fica determinado no próprio processo negocial, ou no despacho que for feito.

O 530/76 DEVE SER REVOGADO

Além do 164-A/76, há protestos das organizações de trabalhadores em relação a outras leis que se consideram antioperárias. O que é que vai acontecer a essa legislação, designadamente o 530/76?

Em minha opinião, o 530/76 deve ser revogado.

Não tem qualquer espécie de inscrição na política deste Governo: é um **cogumelo** que surge na legislação do VI Governo. A redução de trabalho e de salários, a intervenção do Estado em subsídios, etc. — tudo isso tem de ser planeado. O 530 é uma medida isolada do VI Governo, que não se justifica no plano deste Governo.

E em relação ao decreto sobre controlo de gestão?

Esse texto não tem uma existência jurídica. O Governo adoptou uma atitude prudente em relação a esse problema, tal como em relação à greve: teremos propostas de lei preparadas para apresentar em Outubro à Assembleia.

Os princípios que regerão a proposta em relação ao controlo estão descritos no próprio programa de Governo. Mas, na apresentação que fiz na Assembleia, avancei mais alguma coisa. Esses princípios apresentam uma série de objectivos que vão de encontro aquilo que foi expresso pelas organizações de trabalhadores, sindicatos, etc.

QUADRO DE ADIDOS

Ainda quanto à legislação que tem sido contestada: não traduzindo o 530/76 a política mais geral do Ministério e do Governo, será de esperar também a revogação do decreto-lei que criou o quadro de adidos? Entre os dois diplomas há uma certa semelhança, pelo menos na perspectiva da criação de uma certa insegurança no emprego.

Neste campo, há um princípio que será observado estritamente, pelo menos enquanto eu estiver aqui. As organizações de trabalhadores representativas dos sectores — e também na função pública — terão de ser ouvidas.

Julgo que a posição tomada em relação a esse decreto-lei, o 294/76, não tem em atenção os problemas que se levantam quanto aos adidos e quanto à integração dos funcionários do ex-Ministério do Ultramar e dos retornados das ex-colónias. Aliás — devo dizer — isso é uma falha muito grande da parte dos sindicatos.

Quando se diz que não deve haver alargamento dos despedimentos, nós estamos de acordo. Mas, é preciso que os Sindicatos considerem que há uma diminuição da oferta de emprego. Há também uma pressão das entidades privadas em relação aos despedimentos. Se não restringirmos o acesso dos adidos ao aparelho de Estado, podemos estar a criar uma inflação de funcionários que não servem o interesse público nem a Administração, e que causam um encargo adicional em relação aos próprios serviços públicos.

«As organizações patro porque existem, e não po mente, ser desconhecid uma audição privilegiada, nizações de trabalhadores

Isto não quer dizer que eu esteja de acordo com o 294/76 em relação aos funcionários já integrados nos quadros da Administração Pública, o pagamento de uma percentagem quando da passagem ao quadro de adidos, e a colocação dos funcionários efectivamente em situação de desemprego — estas medidas não satisfazem os trabalhadores. O que eu não vejo é que possa haver uma revogação total do 294/76, mas antes uma suspensão dos artigos dessa lei que dizem respeito à segurança de emprego dos adidos.

Como é que explica a aprovação do 530/76 no final do VI Governo Provisório?

O 530/76 não tem origem neste Ministério. Representa

«Os partidos que têm a representação da classe trabalhadora, a nível político, têm que se entender e abandonar o seu sectarismo»

L."

eressa o pluralismo

campo sindical

ma intenção pontual da parte
o Ministério da Indústria, em
elação a empresas que se en-
ontram em crise, cujos encar-
os e salários são suportados
través de avales do Estado.
ensamos que não é através
e medidas limitadas, como o
30/76, que se resolve o pro-
lema.

ALIANÇA E CLASSES»

**Esse aforro forçado irá atin-
r aqueles que obtêm rendi-
entos do capital, os detento-
s de capital?**

Isso toca noutras questões,
omo a indemnização aos ac-

**nais serão ouvidas
dem, pura e simples-
as. Mas não terão
como terão as orga-
»**

onistas, a reabertura da Bol-
a, a remuneração do capital.
ão sou economista. Mas devo
izer que o processo de
vanço democrático em di-
ecção ao socialismo está nu-
a aposta em termos de
iança de classes.

**Concretamente, que clas-
es?**

O grande capitalismo, o ca-
ital monopolista, está des-
antelado, no domínio eco-
ómico e muito mais no
omínio do poder político.

O problema da recuperação
stá em saber se se dão possi-
ilidades de acumulação a um
po de capitalismo que está
ntre o grande capital privile-
iado do fascismo, que tinha
ossibilidades de acumulação
xcepcionais ou se se pode manter esse capital dentro de determinados limites, e portanto, subordinado e condicionado pela própria política do sector público. Julgo que é aí que está a opção.

Não podemos pôr à margem uma grande parte da pequena e média burguesia, que efectivamente tem que ter um determinado nível de acumulação. Se esse nível de acumulação estiver efectivamente controlado pelo sector público e por um Governo que não admitirá a recuperação dos grandes grupos económicos é evidente que essas classes terão de se subordinar às opções tomadas pelo Estado em aliança e em defesa das classes trabalhadoras.

É, portanto, possível concluir que o Governo dispõe de meios de evitar que o capital resultante dessa acumulação se não vai reproduzir no sentido do grande capital?

É fundamental que isso se faça. Esses meios serão medidas coercivas sobre essa acumulação, para benefício geral.

DÍVIDAS À PREVIDÊNCIA

Uma questão posta frequentemente pelos trabalhadores é a das dívidas à Previdência. O pagamento dessas dívidas pelos patrões deverá pressupor medidas de autoridade por parte do Governo. Que medidas?

Em primeiro lugar, precisamos que as empresas nacionalizadas e públicas paguem à Previdência, porque elas também não pagam.

Em relação a essas dívidas, já antes do 25 de Abril eu defendia que a contribuição à Previdência devia constituir uma parte dos impostos directos. Destacar a contribuição para um seguro social dos impostos directos leva a uma integração dos custos da Previdência nos custos da produção.

O problema das dívidas à Previdência tem de ser resolvido a nível das empresas nacionalizadas, e tem de ser resolvido não em termos de contribuição para um seguro social mas a nível da integraçao desse seguro nos impostos directos e de acordo com a produção ou a riqueza criada na empresa.

Não há uma opinião do Governo, nesse aspecto. Mas tenho para mim que é necessário reformular todo o problema financeiro da Previdência. Como também os problemas de acidentes de trabalho, das doenças profissionais e do desemprego. Estou absolutamente em desacordo que se mantenha e se prolongue um sistema de fundos autónomos (Fundo de Fomento da Habitação, Fundo de Abastecimento, Fundo de Desemprego, que deve estar integrado numa gestao geral dos fundos do Estado).

Essa nova fórmula, a concretizar-se, não levaria a que a gestão da Previdência passasse das mãos dos trabalhadores para ser controlada pelo Estado?

Trata-se de uma velha querela desde o 25 de Abril: saber se a Previdência deve ser controlada pelo Estado, ou pelos trabalhadores, ou pelo Estado, trabalhadores e utentes. Não tenho uma opinião definitiva sobre o assunto, mas julgo que, se o Estado desempenhar a função que efectivamente lhe cabe, a Previdência deve ser um serviço público, e não estar vinculada quer aos Sindicatos, quer aos utentes ou beneficiários. É uma questão complexa, que só se resolve quando se definir a função do Estado na gestão dos dinheiros públicos.

SANEAMENTOS E REINTEGRAÇÕES

Ainda no que respeita à chamada legislação antioperária: será revogado o diploma sobre reintegração de trabalhadores saneados (471/76)?

Esse decreto é considerado um pau de dois bicos: por um lado, permite a readmissão de trabalhadores injustamente afastados ou despedidos de empresas, por obra da entidade patronal ou pessoas a ela afectas (e nesse sentido houve três despachos do anterior ministro, relativos aos casos da Têxtil Manuel Gonçalves, da Coronado e da Ferreira e Reis, mas nenhum foi cumprido); por outro lado, pode também permitir a readmissão dos ditos trabalhadores, situados a nível de gestão de empresas no tempo do fascismo, e que foram saneados pelos trabalhadores logo após a queda da ditadura.

O Ministério vai revogar este decreto? Que medidas pensa adoptar no sentido de fazer cumprir as determinações já adoptadas?

Depois do 25 de Abril, o problema dos saneamentos não atinge só elementos de esquerda e elementos fascistas nas empresas. O problema é mais complexo do que isso. É que há saneamentos de elementos ditos à direita, que não têm qualquer fundamento, político pelo menos (quer dizer, de serem elementos ligados à Pide ou inscritos na Legião). Em relação a saneamentos deste tipo, com este fundamento, nada tenho a opor, nem nas empresas privadas nem no aparelho de Estado.

Mas, quando se trata de sanear trabalhadores que são de determinado partido político, que não pode ser considerado partido de direita, em empresas mais ao sul (como a Gefa, ou a ECA, em Alvalade); quando se saneiam elementos do mesmo partido político, por exemplo na Têxtil Manuel Gonçalves ou na Coronado e os critérios que determinados partidos adoptam em relação a esses elementos são diferentes, nós não podemos aceitar saneamentos desse género.

Se são fascistas ou elementos comprometidos com o fascismo, consideramos o saneamento, em princípio, justo. Não defendemos, aqui, elementos ligados à Legião, à Pide, à ANP.

Mas quando são elementos saneados por pertencerem ao PS ou ao PC, ou a determinados agrupamentos de extrema-esquerda ou ditos de extrema-esquerda, e quando aparece algum destes agrupamentos políticos a justificar o saneamento dos outros nós não podemos admitir isso, quer a norte, quer a sul do Tejo.

O que se passa é que esses saneamentos são muitas vezes feitos ou por manobras patronais (no Norte do País) ou por manobras de partidos políticos (a sul do Tejo). Aqui há um princípio fundamental, que é o direito ao trabalho.

A luta que o Ministério do Trabalho desenvolve neste momento é no sentido de impedir que essas situações se mantenham. Espero ir proximamente ao Porto e apresentar uma informação, na terça-feira, dia 24, ao Conselho de Ministros. Levarei com certeza instruções para resolver o problema, de modo a que os saneamentos na zona do Porto fiquem efectivamente resolvidos até ao fim do corrente mês.

Se as entidades patronais, aí, não aceitarem a consagração ou o respeito pelo direito ao trabalho porque não há nenhum motivo, nenhuma justa causa, para manter o afastamento de trabalhadores como os da Coronado, ou da Têxtil, ou da Ferreira e Reis e outros, teremos de tomar medidas do tipo intervenção do Estado nessas empresas, nomeando gestores que consagrem efectivamente esse princípio pleno do direito ao trabalho.

«A lei da contratação colectiva tem de ser modificada no sentido de uma maior intervenção do Estado»

E OS FASCISTAS?

Mas o diploma será ou não revogado? Insistimos na pergunta porquanto ele permite a revisão de todos os casos até ao 25 de Abril de 1974 (e até 25/4/76), abrangendo portanto o saneamento de pessoas ligadas ao fascismo, sem efectuar qualquer destrinça entre estas e os casos de que acaba de falar?

Bom, a Constituição diz que os despedimentos por motivos políticos ou ideológicos são proibidos, e efectivamente, em termos abstractos, é isso que a lei diz, de acordo com a Constituição.

Mas o Governo dá uma retroactividade a esse princípio que a Constituição não continha. A pergunta que colocámos partia daí...

A maior parte dos saneamentos feitos em empresas invocando motivos políticos não têm qualquer espécie de fundamento.

E os que têm?

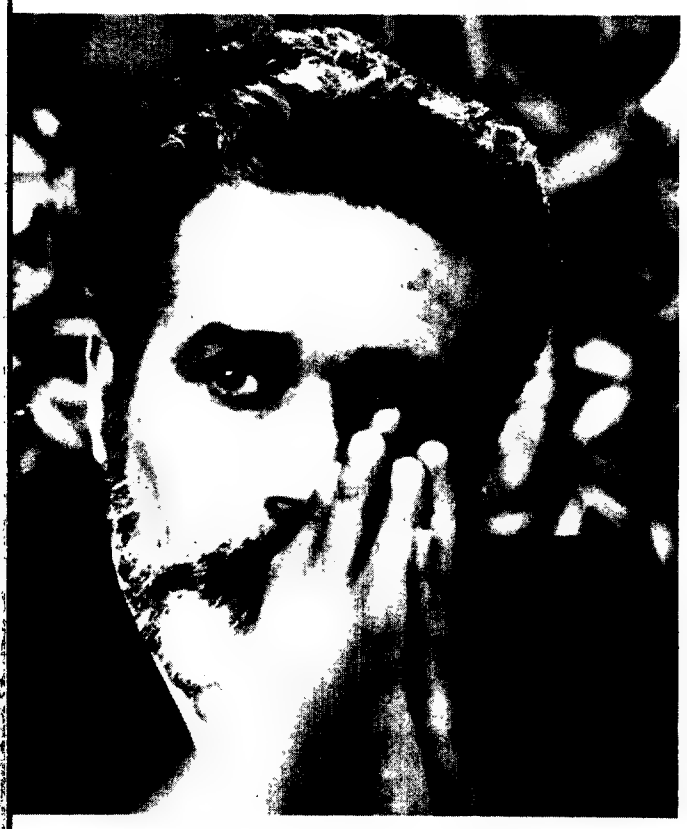
Respondo-lhe à primeira parte da pergunta. Muitos dos saneados das empresas disse-se seriam indivíduos ligados ao fascismo. O facto é que não é verdade. Desde acusações de «política antioperária» até de «lacaios dos patrões», até outras expressões genéricas e vagas, tudo serviu para sanear pessoas.

As pessoas que foram saneadas por ligações claras e

Continua na pág 12

Os trabalhadores menos beneficiados exigem medidas concretas

O trabalho rural vai finalmente ser regulado



«Espero que os trabalhadores ultrapassem os problemas partidários»

Nacional

MARCELO CURTO

"À direita interessa o pluralismo"

Continuação da pág. 11

comprovadas à Pide, à ANP, ou à Legião, são uma minoria. Em relação a essas — é um critério do ministro — não estarei disposto a contemporizar, em termos de lhes assegurar plenamente o direito ao trabalho, no sentido de poderem voltar para as empresas onde estiveram e onde oprimiram e perseguiram os trabalhadores. Isso não impede que esses homens possam ser recuperáveis e prestarem trabalho noutro sitio ou noutro serviço. O problema é que muitos deles eram efectivamente lacaios do fascismo, mas viviam de trabalhar, e é preciso assegurar-lhes o trabalho. Eu não vou, acintosamente, dizer à empresa «X» ou «Y»: **têm de aceitar este trabalhador.**

Mas há casos desse género...

Bom, pela parte que me cabe não estou disposto a transigir. Não estou disposto a contemporizar.

O que não quer dizer que muitos destes homens não sejam pessoas que merecem piedade, comiseração da nossa parte. Eram efectivamente lacaios do fascismo, que o próprio fascismo não conseguiu sequer remunerar e compensar devidamente.

Não falo de pessoas altamente colocadas nos órgãos do fascismo, que se tentam introduzir neste momento. Essas, neste Ministério não entram; não por uma questão de retaliação, mas por uma questão moral.

Portanto, em relação ao 471, neste momento não vejo que ele tenha de ser revogado. Pode pôr-se o problema de não ser de acordo com a Constituição (questão do poder judicial); é um falso problema, porque nós não interviremos em relação a questões que estejam afectas ao poder judicial, mas sim naquelas que, por prescrição ou por grave injustiça, justifiquem que se ordene a reintegração dos trabalhadores.

D.R.O.T. FOI SECTÁRIO

Uma questão que ainda vem a tempo, relacionada com a reestruturação deste Ministério: o DROT, Departamento de Relações com as Organizações do Trabalho, que levantou numerosos protestos. A pergunta é suscitada pelo facto do sr. ministro ter frequentemente falado em ouvir os trabalhadores. Isso leva-nos a outras questões: como é que eles vão ser ouvidos, que tipo de mecanismos é que o Ministério vai criar para isso, que organizações dos trabalhadores é que o Ministério vai privilegiar. O DROT continua a funcionar?

O VI Governo, quando criou o DROT, encontrava-se perante uma situação em que os Sindicatos reivindicam, protestam e colocam problemas genéricos importantes. O Ministério reage. Tem uma Direcção-Geral do Trabalho que estuda os diplomas, as portarias, os contratos colectivos, que os harmoniza e publica, e um departamento de conflitos, a Direcção-Geral das Relações Colectivas. Na opinião do capitão Tomás Rosa devia haver aqui também uma estrutura de ralação com os Sindicatos.

Simplesmente: não só a estrutura foi mal escolhida (quanto a mim), porque se destinava não só a estudo e acolhimento dos problemas, mas era também uma estrutura executiva, como a constituição desse DROT foi entregue a pessoas que efectivamente tinham com as organizações dos trabalhadores relações sectárias e evidentemente inconvenientes.

A actuação do DROT foi uma actuação à margem do próprio Ministério e foi feita de uma forma, quanto a mim, sectária. Nas reuniões que o DROT fez sobre determinados problemas houve um sectarismo político que os Sindicatos recusaram, quase unanimamente.

O DROT em si não é uma má ideia. A execução dessa ideia é que foi má.

Como é que encaramos o futuro deste problema? A Constituição diz que os trabalhadores têm que participar na elaboração da legislação do trabalho, na reorganização das unidades produtivas, no controlo de gestão e no Plano. É preciso saber como organizar esta participação. No que toca à elaboração da legislação do trabalho, vamos fazer uma lei que determine a forma de participação dos trabalhadores e suas organizações. Isso para mim é fundamental, até porque não temos uma organização unitária dos trabalhadores — pese a quem pese.

MINISTÉRIO TERÁ VOTO DE QUALIDADE

Que relevância terão os pareceres que as organizações dos trabalhadores irão dar sobre as diversas questões em que serão consultadas? Será bastante grande, quase vinculativa, ou será meramente consultiva?

Afasto desde já uma relevância meramente consultiva. As formas de participação serão determinadas através da própria lei que estabeleça a participação. Pretendo que seja uma participação efectiva. É claro que o Ministério, e o ministro, não se demite da sua função governativa: reivindicará sempre um voto de qualidade num hipotético conflito ou impasse na solução de uma questão. Isso é o mínimo que o Ministério do Trabalho tem que reclamar para si. Não se trata de consultar, de pedir o parecer — mas antes de institucionalizar a participação na elaboração dos projectos.

«Os sindicatos, numa sociedade em que a luta de classes é um facto, têm de ser de determinada classe»

O sr. ministro, na Assembleia, disse que as associações patronais seriam ouvidas, até na elaboração da lei das associações sindicais. Houve, segundo nos parece, algumas reacções negativas a isto. Qual era o alcance dessas declarações?

— Penso que é isso mesmo: serão ouvidas. Darão o seu parecer, que será ou não levado em conta, de acordo com os critérios deste Ministério. É muito diferente de terem a possibilidade de votarem, ou de emendarem, ou de discutirem o próprio projecto.

Darão o seu parecer. Isso não está consagrado constitucionalmente, mas está consagrado que haverá um sector privado, sector este que tem as suas organizações. Seria, quanto a mim, imoral, que pelo menos não se ouvisse esse sector. É o mínimo que se pode fazer, e que nós faremos, até para que se não venha invocar, como tem sido invocado por determinadas organizações, que não têm nada a ver com essa legislação ou com essa portaria. É um problema prático que não podemos desconhecer.

A INTERSINDICAL E O CONGRESSO

Em relação à questão da Intersindical, já se pronunciou há tempos e falou em pôr a questão em tribunal para conseguir a sua dissolução. Como se encontra, neste momento, essa questão?

O conhecimento que eu tenho é de que o ajudante de procurador da República pediu que fossem enviados todos os elementos do processo, com o parecer do director-geral. E eu mandei responder que o enviaria, em conjunto com os pareceres de outras instâncias dos serviços da Direcção-Geral. Neste momento é o que eu sei do assunto...

Está anunciado o II Congresso dos Sindicatos. Não pensa o Ministério aguardar para ter os contactos que trava com as diversas correntes sindicais no sentido de chegar a uma plataforma de unidade que decerto irá resultar numa estrutura unitária, com uma Confederação Sindical Unitária, antes de avançar com o tal diploma de que falou que prevê as formas de ouvir os trabalhadores e as suas organizações?

— Bom, essa é uma questão importante. Nós pensamos que é necessário efectivamente aguardar o Congresso para poder avançar com uma proposta. É possível que essa proposta avance antes do Congresso mas ficará, e a própria Assembleia o reconhecerá, dependente da discussão no Congresso e da constituição de uma Central Sindical Única. Nós pensamos que é aos trabalhadores que cabe resolver esta questão e deve compreender que para o Governo seria extremamente útil e desejável que essa Central existisse. Esperamos e, em termos pessoais, espero, que os trabalhadores ultrapassem os problemas partidários que quanto a mim os dividem. Mas há aqui uma questão que eu quero pôr e que até mereceu uma vaia por parte dos partidos da direita na Assembleia: é que o pluralismo sindical neste País poderá ser um facto, mas seria bom que fosse um facto perfeitamente despiciente, sem interesse. Quero dizer que é muito possível que a direita pense fazer centrais sindicais, fazer uma federação qualquer. Mas, então, que a faça à revelia de um forte movimento unitário. Quer dizer: que a faça ao nível de alguns sindicatos de quadros ou coisa parecida... Esperemos que não beneficiem de uma divisão de sindicatos operários ou, de sindicatos que não sendo operários, que lutem por uma unidade do movimento sindical.

Nesse sentido, nós esperamos que qualquer projecto que apareça mesmo antes do fim do ano (e nós estamos comprometidos, no programa do Governo, para o apresentar antes do fim do ano), seja a consagração de uma prática, que os próprios sindicatos possam desenvolver.

«À DIREITA INTERESSA O PLURALISMO SINDICAL»

Não queria deixar de dizer que, para lá de à direita interessar o pluralismo, e reafirmo-o aqui porque é a minha convicção, e a direita não tem outra hipótese de ter uma voz no campo sindical, é desejável que os problemas que estão a surgir possam ser afastados.

O voto que eu expresso é de que o problema seja resolvido em termos de democracia de base, em termos de assembleias de sindicatos. Que os trabalhadores devidamente esclarecidos pelos seus dirigentes, pelos seus elementos mais conscientes, possam actuar em relação a isto e possam levar os seus dirigentes a ultrapassar querelas que muitas vezes se passam ao nível de cúpulas e de que os trabalhadores na base não têm conhecimento.

Parece portanto, ponto assente que irá ser afastada da futura legislação a unicidade...

Eu não vejo outra hipótese a não ser afastá-la. A unicidade é a consagração do princípio da obrigatoriedade sindical seja em que capítulo for. Quer dizer, obrigar os trabalhadores a estarem em determinado sindicato, ou na central sindical «X», ou dizer, não se pode inscrever neste, mas tem que se inscrever naquele, é manifestamente um atentado à liberdade sindical...

E não se vê, numa sociedade em que as oposições de classe aparecem, que o princípio da unicidade, da obrigatoriedade consagrada na lei, não seja outra coisa que um princípio totalitário. Não podemos aceitar...

INFLUÊNCIAS PARTIDÁRIAS ENFRAQUECEM A UNIDADE

E, no entanto, se não forem superadas, no próximo Congresso, as influências partidárias que se fazem sentir no seio do movimento sindical, de facto o movimento sindical fica muito enfraquecido...

Estou absolutamente de acordo e declaro-lhe com a máxima honestidade e lealdade que as influências partidárias nos sindicatos enfraquecem a unidade sindical... Agora, não sou juiz de ninguém, não sei de quem é a culpa, não vou dizer que o PC tem culpa porque tentou controlar os sindicatos, ou que o PS agora não sei quê, ou que o PPD também tenta. Não vou discutir isso. Mas, enquanto os trabalhadores não ultrapassarem estas divergências partidárias enquanto forem agentes de partidos dentro do movimento sindical, há divisão sindical.

«Em relação ao despedimento individual, deve haver uma melhor definição de motivos»

Mas, insisto, não lhe parece que se assiste à tentativa de substituição, na liderança da Central Sindical, de um partido por outro? E nessa altura o que se irá passar?...

A questão é mais funda, mais importante do que proclamar princípios sindicais... E isso aparece em termos de saber em que sociedade é que os sindicatos estão a actuar. Os sindicatos, numa sociedade em que a luta de classes é um facto, material, real e físico, têm de ser efectivamente de determinada classe, têm portanto que estar ligados ao partido ou partidos que lutam pela hegemonia de uma classe, dos trabalhadores...

Não é, portanto, um problema abstracto dizer que os partidos não devem intervir. Não devem intervir no sentido de eles próprios darem ordens aos sindicatos, mas não se podem permitir que partidos que defendem interesses de classes que não estão directamente ligadas à produção e, portanto, são classes que se apropriam de parte da produção, influenciem os sindicatos... Para mim, a questão política põe-se precisamente neste campo.

Agora que os problemas da direcção do partido se reflictam directamente na acção sindical, em termos mesmo de luta de classes, é que é efectivamente um erro, e é-o no sentido contrário ao do anarco-sindicalismo.

Fizemos em Portugal um percurso muito complexo, mas podemos afirmar que não estão criadas as condições, para que o sindicato seja meramente um agente de produção, ou um colaborador da produção num Estado em transição para o socialismo. O sindicato não pode ser só isso, tem de ser um agente de oposição, de contradição, com a própria luta de classes, que ainda se desenvolve.

A minha conclusão deste ponto é esta: é que os partidos que têm a representação da classe trabalhadora, a nível político, têm que se entender e têm que abandonar o seu sectarismo, ou a sua particularização política nos sindicatos.

UNICIDADE: OUVIR OS TRABALHADORES

Voltando à questão da unicidade: quando o princípio foi consagrado na lei, isso foi precedido de um amplo movimento de massas, e disse-se na altura que nem os sindicatos nem os trabalhadores tinham sido ouvidos acerca da questão. Isso foi contestado por outras forças políticas. Agora, o desaparecimento do princípio da unicidade na lei será precedido de uma campanha junto dos trabalhadores para os ouvir sobre a questão?

O princípio da liberdade e da unidade sindicais estão consagrados na Constituição. Mas, eu já disse, não há congresso sindical sem consulta às assembleias trabalhadoras. Não se consagra nenhum princípio na lei, em termos sindicais e neste momento em que os trabalhadores têm uma experiência de dois anos e eles próprios sabem que têm de ser ouvidos nenhum princípio se consagrará na lei, sem que os trabalhadores sejam ouvidos.

Sobre a greve e despedimentos havia leis, antes do VI Governo. Quais as inovações a introduzir agora, nessas duas leis?

— Em relação à Lei da Greve, já declarei que há três princípios que devem ficar nela consagrados. Temos um projecto em cinco artigos que apresentaremos aos sindicatos.

NOVA LEI DA GREVE

Não seria possível dar a conhecer esse projecto?

Os princípios aí consagrados são os que enunciei no discurso da Assembleia: salvaguarda do serviço público, não no sentido da requisição civil — a proposta é no sentido de revogar essa lei da requisição civil —, a suspensão de contratos, que é um princípio aceite universalmente, e a questão de que os sindicatos ou as assembleias plenárias de trabalhadores nas empresas é que têm o direito de declarar a greve.

Estes princípios são complementados com a proibição do «lock-out» e com penas em re-

Continua na pág. 14

Estrangeiro

SITUAÇÃO MENOS TENSA NA COREIA

E.U.A. convocam reunião da Comissão de Armistício

WASHINGTON, 24 — (ANOP, F.P. e R) — Os Estados Unidos convocaram uma reunião da Comissão Militar de Armisticio para a Coreia, anunciou um informador governamental em Washington.

A medida visa pressionar a Coreia do Norte para que dê garantias acerca da segurança do pessoal norte-americano na zona desmilitarizada.

Não se conhece ainda qualquer reacção da Coreia do Norte a esta convocatória.

Ontem, as autoridades norte-coreanas acusaram os E.U.A., de tentarem provocar uma guerra ao enviarem uma força naval para as suas águas territoriais.

A entrada dos navios forçava um conflito e ameaçava a paz em todo o mundo, dizia a agência noticiosa norte-coreana.

Os Estados Unidos enviaram uma força operacional para a Coreia numa demonstração de força após a morte na quarta-feira passada de dois oficiais do exército americano por guardas norte-coreanos na aldeia do armisticio de Panmunjom.

Ao infiltrar os seus navios de guerra nas águas de outro país, os agressores imperialistas americanos obrigam a outra parte a lançar-se num conflito, declarava a agência norte-coreana.

Ao emitirem um alerta de emergência em todas as águas coreanas, proclamaram um campo de batalha nestas águas.

A força naval é constituída pelo porta-aviões «Midway» e uma escolta formada por um cruzador porta-mísseis e quatro fragatas.

Fontes do Pentágono declararam que a força foi enviada como medida de precaução.

Partiu do Japão no sábado e encontra-se segundo parece ao largo da Coreia. Os seus movimentos têm permanecido secretos.

A agência acusava os Estados Unidos de tentarem provocar uma guerra e dizia que tropas americanas e sul-coreanas estavam em posição de ataque na fronteira.

A guerra podia começar a todo o momento e aguardava apenas que os Estados Unidos acendessem o rastilho, acrescentava.

Os imperialistas americanos devem afastar-se com discreção, tendo claramente em mente as consequências que a sua aventurosa acção militar envolverá, dizia a agência.

Numa notícia separada, a agência afirmava que o exército norte-coreano estava pronto a defender o seu país.

Os Estados Unidos desmentiram entretanto hoje que a sua força naval, comandada pelo porta-aviões Midway, tenha violado as águas territoriais da Coreia do Norte.

Com o fim de evitar a guerra, as autoridades norte-coreanas enviaram uma nota oficial de explicações e condolências a Washington acerca do incidente em que perderam a vida dois oficiais norte-americanos.

Tanto os E.U.A. como a Coreia do Sul rejeitaram as explicações norte-coreanas.

Mas um informador do Departamento de Estado, Robert Funseth, declarou ontem aos jornalistas que os EUA consideram agora como «passo positivo» a manifestação de pêsames.

Esquerda não aceita falsa paz no Líbano

BEIRUTE, 24 — (R.-«D.L.») — O dirigente da esquerda libanesa Kamal Jumblatt declarou, em conferência de Imprensa, que a sua facção não tinha qualquer outra alternativa senão permanecer firme militar e politicamente, voltando a repetir as acusações que tem dirigido contra os Estados Unidos, Israel e Síria, quanto ao objectivo de aniquilamento dos palestinianos, que apoiam a esquerda libanesa na guerra civil. Com decisão, disse que «os apelos para uma falsa paz» não seriam ouvidos e nem seriam feitas quaisquer concessões. Enquanto isso, notícias chegadas do porto de Sidon davam conta de que os palestinianos continuam a recrutar homens para a guerra, o que, aliás, é confirmado pela agência noticiosa palestiniana WAFA.

A rádio falangista disse entretanto que a direita reunida havia chegado à conclusão que a única solução para a guerra civil era de carácter militar. A esquerda libanesa e os palestinianos foram acusados de «não estarem dispostos a tomar medidas para garantir a paz e a segurança do Líbano». Curiosamente o presidente cessante Suleiman Franjieh e o dirigente direitista Pierre Gemayel reuniram-se com dois «diplomatas» norte-americanos no porto de Jounieh, dominado pelas suas forças, durante três horas. No encontro, Gemayel terá exortado os Estados Unidos, «nação que se apresenta como a pioneira da justiça e da paz» a preocupar-se com o Líbano. Enquanto isso, informações dadas pela OLP dizem que haviam sido recuperadas posições nos arredores de Tripoli, mas que a direita e forças sírias estavam a preparar um grande ataque contra a cidade, habitada principalmente por mulçumanos.

INGLATERRA

Produção industrial ameaçada pela seca

LONDRES, 24 (R) Ministros britânicos interromperam hoje as férias para assistir a uma sessão de emergência do gabinete sobre os efeitos económicos da pior seca que se regista no país há 250 anos.

A sessão, convocada no meio das férias parlamentares pelo primeiro-ministro James Callaghan, regista-se a seguir à advertências de que a tremenda falta de água na Grã-Bretanha provocará reduções severas na produção industrial.

Soldados e bombeiros têm feito quase o impossível no combate a incêndios que ocorrem diariamente nas regiões rurais ressequidas do país muitas das quais não vêem, há um mês, uma gota de chuva.

No Sueste do País de Gales, uma das áreas mais atingidas da Grã-Bretanha um milhão de pessoas está sem água 17 horas por dia e funcionários da Companhia das Águas preveniram sobre uma redução de 50 por cento por semana no abastecimentos às indústrias.

Lord Nugent, presidente do Conselho Nacional da Água, que travou hoje conversações com o dirigente sindical Len Murrey para discutir a situação, declarou ser provável uma semana de três dias com água para indústrias britânicas não essenciais, em futuro próximo.

Entre os mais afectados pela estiagem encontram-se os agricultores da Grã-Bretanha.

Os agricultores pressionam para que lhes seja concedido auxílio financeiro pelo governo e desvalorizada a «Libra Verde», o câmbio em esterlino utilizado para o comércio agrícola dentro do Mercado Comum Europeu, que e agora cerca de 20 por cento mais elevado do que o valor da moeda nos mercados de câmbios.

A sessão de hoje discutirá provavelmente o caso dos agricultores, mas o governo enfrenta também pressão de organizações de consumidores, que se opõem à inevitável subida dos preços dos géneros alimentícios que tal desvalorização provocaria.

"France-Soir" reaparece mas a luta continua

. PARIS, 24 — (ANOP) — Após uma semana de greve, os jornalistas do «France Soir» aprovaram ontem à tarde em assembleia voltar a editar hoje aquele diário com uma explicação aos seus leitores.

Os redactores do diário de maior circulação de França, iniciaram na passada segunda-feira uma greve com a qual tentavam deter a negociação entre Paul Winkler — actual editor — e o empresário Robert Hersant, proprietário da cadeia periodística mais importante do País.

Hersant tinha subscrito com Winkler um compromisso de negociações tendentes à aquisição de 50 por cento das acções de «France Soir».

A situação que apareceu como um facto consumado, provocou não só a decisão de greve da redacção daquele diário, mas também um movimento de solidariedade em toda a Imprensa francesa — diários e revistas de todas as ideologias —, contra o progressivo monopólio de informação por parte da Cadeia Hersant, que, nos últimos cinco anos, agrupou quase 40 publicações.

A moção ontem aprovada maioritariamente pelos jornalistas daquele diário, inclui a defesa do reinício da greve, durante uma assembleia que se celebrará hoje, depois do reaparecimento do jornal, assim como a redacção colectiva do artigo no qual será explicada à opinião pública, a razão da greve.

Desde que foram tornadas públicas as dificuldades financeiras que o «France Soir» defronta, que se sabe que alguma outra empresa jornalística — entre as quais se destaca a editora do «Nouvel Observateur» (centro-esquerda) — se prontificará a adquirir a comparticipação do diário «nas mesmas condições que Hersant, mas com salvaguarda da independência» do jornal.

"Fome Crónica" da América Latina

HAVANA, 24 — (ANOP) — A Imprensa cubana referiu-se ontem amplamente ao problema da subalimentação na América Latina, frisando que as importações de alimentos custam, anualmente, mais de 4.000 milhões de dólares aos países latino-americanos, que, ao fim e ao cabo, bem os poderiam produzir.

Mais de 100 milhões de latino-americanos sofrem de «fome crónica», afirma o diário «Granma».

O jornal acentua que «as causas da fome e da subalimentação num continente fértil e riquíssimo em recursos naturais, como é a América Latina, residem na propriedade, na posse e exploração capitalista ou semifeudal da terra, assim como no domínio neocolonial do imperialismo norte-americano».

Dos 2.059 milhões de hectares de terras aráveis da América Central e do Sul, só 109 milhões estão cultivados permanentemente e, neste total, estão incluídas plantações de bananas, café e de cana açucareira, grande parte delas em mãos estrangeiras, acrescenta o diário.

Na mesma zona, conclui o «Granma», há 70 milhões de camponeses que não recebem mais do que 70 dólares anuais como rendimento «per capita».

Outros órgãos de Informação cubanos referem ainda a afirmação de vários peritos da «FAO» e «CEPAL», ao encerrar-se a última conferência regional conjunta das duas agências das Nações Unidas, realizada há dois meses em Lima, de que a «América Latina é um esfomeado sentado sobre um fardo de cereais».

Desvio de avião foi farsa montada pelo Egipto

— acusa a Líbia

TRIPOLI, 24 — (R, FP e «DL») A Líbia acusou hoje o Egipto de montar o acto de pirataria aérea de ontem, envolvendo um Boeing da Egyptair, a fim de acusar Tripoli do incidente.

O assalto do avião, que efectuava um voo doméstico, foi minuciosamente organizado e levado a cabo pelos serviços secretos egípcios, disse um informador oficial líbio.

Os próprios piratas aéreos eram agentes dos serviços secretos, o que explicava como comandos egípcios puderam assaltar o avião e libertar os passageiros sem ninguém ficar ferido, notou esse informador citado pela agência noticiosa oficial ARNA.

O assalto foi montado «para que Mamdoubh Salem, o primeiro-ministro egípcio, pudesse anunciar que a República Árabe Líbia se achava por detrás do incidente», prosseguiu.

Contudo, Salem esqueceu-se de que a Líbia condenou imediatamente o assalto, considerando-o como um acto irresponsável que pusera em perigo as vidas de passageiros inocentes — acrescentou o porta-voz.

Antes, a ARNA comunicara que as autoridades egípcias planearam o assalto para desviar as atenções dos problemas internos do país.

O Egipto recebera a ofera de auxílio de uma fonte inesperada para recuperar o seu avião assaltado no Aeroporto de Luxor — de Israel.

Mas na altura em que a oferta foi feita, pelo primeiro-ministro Yitzhak Rabin, tropas egípcias atacaram o aparelho, prenderam os sete piratas e libertaram todos os passageiros.

Este incidente vem agravar ainda mais as relações já bastante tensas entre o Egipto e a Líbia.

Entretanto, novo factor de perturbação surge, adensando ainda mais o mistério deste estranho desvio: uma organização palestiniana anteriormente desconhecida responsabilizou-se pelo desvio do avião e declarou que se destinava a provar que a guerra civil libanesa não esmagara a revolução palestiniana.

Numa chamada telefónica para a Reuter, o Movimento da Revolução Palestiniana incitava o Governo egípcio a reagir favoralmente às exigências dos assaltantes ou «enfrentaria as consequências».

Os assaltantes, que se dizia no Cairo serem um grupo de líbios, argelinos e palestinianos, exigiram a libertação de prisioneiros da Líbia e do Iemene detidos no Egipto em ligação com tentativas de assassínio naquele país.

Enquanto isto, e, demonstrando como está orquestrada a campanha contra a Líbia, Israel acusou ontem nas Nações Unidas o Governo líbio de estar por detrás de um recente atentado contra um avião israelita no Aeroporto de Istambul (Turquia) e apresentou queixa contra o facto de a Líbia vir a ter a presidência do Conselho de Segurança em Setembro.

Possível aumento do preço do petróleo

. VIENA, 24 — (R) — Peritos de países exportadores de petróleo iniciaram ontem uma semana de estudos que pode levar o mundo mais perto de nova alta do preço do produto.

Especialistas económicos da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), de 13 nações, reuniram-se em privado, e, segundo funcionários, não serão fornecidos pormenores das suas discussões sobre preços do petróleo, gás natural e outros tópicos.

Desde o final de Setembro do ano passado que o preço do petróleo foi fixado em 11,51 dólares por barril para as ramas da Arábia Saudita, usadas pela OPEP como padrão de preços.

Uma conferência de ministros do Petróleo na Indonésia em Maio não conseguiu chegar a acordo sobre novo aumento devido a oposição da Arábia Saudita, pelo que o preço não se alterou.

Ministros da OPEP deverão decidir em breve, com base no relatório da sua Comissão Económica, se devem realizar uma conferência especial sobre preços antes da sua próxima reunião, marcada para o Qatar em 15 de Dezembro.

MANUEL VIDAL

ABREU ALÇADA PADEZ

Maria Filomena de Oliveira Marques Alçada Padez, Teresa Maria, Isabel Maria e Ana Paula de Oliveira Marques Alçada Padez, Miguel e Pedro de Oliveira Marques Alçada Padez, Tomazia Elisa Vidal Abreu Alçada Padez, Francisco António Vidal Abreu Alçada Padez e sua mulher, Maria da Piedade Alçada Padez Casimiro, marido e filhos, Maria Amélia Alçada Padez Kotzki, marido e mais família, participam o falecimento de seu marido, pai, filho, irmão, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã dia 25, pelas 9.30 horas, da Igreja do Campo Grande, para o Cemitério de Orjais — Covilhã.

AGÊNCIA BARATA

Nacional

MARCELO CURTO

"À direita interessa o pluralismo"

Continuação da pág 12

lação às greves não declaradas por sindicatos ou assembleias plenárias e à declaração do «lock-out». São princípios que deverão figurar no projecto a apresentar.

Em relação aos serviços públicos, tratava-se apenas dos serviços essenciais, não?

Sim, mas aqui há uma fisolofia: sempre se considerou que para evitar o problema da greve nos serviços públicos, essenciais, esses sectores devem

. Sim, mas aqui há uma fisolofia: sempre se considerou que para evitar o problema da greve nos serviços públicos, essenciais, esses sectores devem estar privilegiados em condições de trabalho. Quero dizer: deve-se dar melhores condições de trabalho a esses serviços, melhores salários e benefícios sociais, para impedir que vá rebentar todo um movimento de descontentamento.

Ora, o fascismo fez o contrário. Em relação aos serviços públicos essenciais criou condições de trabalho extremamente inferiores, aos dos serviços privados. E isso levava a um clima de revolta, de descontentamento, de reivindicação.

Portanto, o princípio da greve é reconhecido ao conjunto da função pública...

Sim, sim...

Em relação ao chamado despacho antigreve está prevista alguma alteração?

Eu não estou de acordo com esse despacho em termos formais, pelo menos de denúncia ou de responsabilização dos directores...

LEI DOS DESPEDIMENTOS

Quanto aos despedimentos, por um lado, há o problema da lei, e, por outro, casos concretos como é o da Timex. Em relação aos dois casos, o que pensa fazer o Ministério? Na lei dos despedimentos, quais as alterações que prevê?

O regime que já vigorava, em termos de despedimento individual, era um regime em que só podia haver despedimento com justa causa precedido de processo disciplinar. Não pensamos alterar este regime, portanto restaurar o despedimento com indemnização, com motivo atendível... Julgamos que em relação ao despedimento individual deve haver uma melhor definição dos motivos, das faltas graves que determinam a justa causa.

Isto para evitar que as entidades patronais continuem a dizer que actualmente, em Portugal é proibido despedir. Isto é efectivamente caluniioso, não só em relação à legislação como à possibilidade de despedir.

A Lei do Despedimento não pode servir para trabalhadores que cometem faltas disciplinares graves em relação aos seus companheiros de trabalho ou à entidade patronal, ou ao próprio ambiente de trabalho. Portanto, tem que ser empreendida uma melhor definição dos factos que constituem justa causa as chamadas faltas graves. É só essa alteração. Não pretendemos que passe a haver de novo despedimento por motivo atendível, ou despedimento com indemnização.

Isto põe um problema grave, para o qual já tenho chamado a atenção dos sindicatos. É que, se não houver, esta definição, uma tomada de posição pública de que as entidades patronais podem despedir (mas podem despedir quanto tiverem motivo grave para isso) continuará a haver a argumentação de que **não há possibilidade de despedir, portanto não oferecemos empregos.**

Quanto ao despedimento colectivo, pretendemos que ele seja, efectivamente, excepcional. É o último recurso de que se lança mão, se não houver hipótese de reconversão de empresas, recolocação dos trabalhadores, etc. Isso está declarado na lei: os empresários que queiram despedir colectivamente têm que avisar com noventa dias de antecedência, prorrogáveis por mais sessenta. Durante esse prazo, o Ministério do trabalho averiguará não só os motivos do despdimento como a possibilidade de reconversão ou de recolocação dos trabalhadores.

Portanto, o despedimento colectivo será sempre excepcional, e será encarado pelo Governo como uma hipótese em desespero de causa, ou como uma última hipótese, quando não houver possibilidade de empregar ou reempregar os trabalhadores afectados, por encerramento, por reconversão de quadros, por abandono de empresa, etc.

CASO «TIMEX»

No que respeita à Timex que é um exemplo de despedimento colectivo , há bastante receio dos trabalhadores em relação ao seu destino, até ao fim do ano. Quais as medidas que o Ministério tem previstas, quanto a este caso?

Não são medidas deste Ministério e eu estou convencido pelas informações que tenho, que a Timex fecha mesmo a empresa em 31 de Dezembro e os trabalhadores sabem disso. E têm razão quando a Timex continua a agir no mercado comercial e publicitário como se continuasse. Foi aqui claramente dito que a Timex não continuaria...

O problema do emprego dos 1400 trabalhadores que continuam ao serviço da Timex tem de ser resolvido em conjunção pelos Ministérios da Indústria e do Trabalho. Há negociações em curso e nós pensamos que o problema tem que ser resolvido através de uma proposta do Ministério da Indústria e através da própria participação dos trabalhadores na reconversão da empresa.

AUTOGESTÃO: TRANSFERÊNCIA PARA OS TRABALHADORES

Em relação à autogestão, fez a sua defesa inclusivamente no discurso da Assembleia, como

forma de defesa dos interesses dos trabalhadores. Seria conveniente saber quais as medidas que preconiza a breve prazo e qual a posição deste Ministério em relação às tentativas de regresso dos patrões a empresas nesta situação.

Está em preparação um diploma que prevê a situação das empresas em autogestão. Esse diploma será elaborado por este Ministério e pelo da Justiça. As medidas que pensamos adoptar são a prevenção da transferência de gestão e de propriedade dessas empresas para os trabalhadores e só em último caso a intervenção do Estado.

A restituição às entidades patronais será uma questão que nós encaramos como possível em alguns casos. Há alguns casos em que o regresso é desejado pelos trabalhadores, porque as entidades patronais saíram em determinado ambiente político e social ou têm possibilidades de desenolver melhor a empresa.

Há também medidas de reconversão, fusão e de, eventualmente, intervenção do Estado, previstas mas o fulcro da questão é consagrar juridicamente a autogestão.

Nesse aspecto há várias ideias que nós pensamos poderem ser consagradas legalmente. Estabeleceremos um conjunto de condições que uma vez verificadas importam a transmissão de gestão e propriedade para os trabalhadores mediante um determinado processo.

A consagração dos princípios das empresas em autogestão implica também a concessão de facilidades a essas empresas, nomeadamente a nível económico. Há algumas medidas previstas?

Sem dúvida que isso tem de ser conjugado com uma política de crédito e de investimento, de redimensionamento que será discutido com as comissões de trabalhadores e com os trabalhadores que dirigirem essas empresas.

TRABALHO RURAL E SERVIÇO DOMESTICO

De tudo isto sobram questões que ainda não foram focadas: quais as linhas gerais da legislação sobre o trabalho rural e o serviço doméstico?

Aí há projectos já feitos, mas há que distinguir entre o problema dos salários e o da questão das condições de trabalho. Os projectos que estão feitos dizem respeito a condições de trabalho, condições contratuais, jurídicas e benefícios sociais, e não propriamente a tabelas salariais.

Os projectos que estão feitos são, o do Trabalho Rural do tempo do IV Governo, que tenta estabelecer uma certa vinculação do trabalhador rural à empresa ou à unidade ou à cooperativa a que está ligado. É um problema de continuidade do contrato como é também para o trabalho doméstico.

Define-se portanto, qual é o carácter dessa continuidade, os benefícios sociais que são os normais para qualquer trabalhador desde que haja uma continuidade de contrato.

O problema das tabelas é um problema mais grave. Pôs-se diferentemente em relação ao trabalho rural e ao trabalho doméstico.

No que respeita ao trabalho rural a questão pôs-se mesmo em termos de salário mínimo. Como sabem o salário mínimo nacional não é aplicável ao trabalho rural. Aí tentámos fazer um estudo sobre qual era o salário mínimo aceitável, conveniente para as condições em que o assalariado rural presta o seu trabalho e chegámos a uma conclusão de que o mínimo aceitável a nível nacional seria cem escudos diários, numa base de 16 escudos por hora. O que se verificou estatisticamente é que eram as mulheres que estavam ainda a vencer menos que essa quantia. Ou seja, 9 por cento da mão-de-obra rural e quase exclusivamente mulheres é que ganhavam menos que esse quantitativo.

Em relação ao trabalho doméstico o problema que se põe é o de salário em dinheiro e salário em espécie, portanto da empregada que além de ter uma quantia em dinheiro também recebe alimentação, alojamento, etc.

Nesse aspecto, foram consultadas as organizações de trabalhadores do sector e foi constituida uma comissão técnica para estudar uma portaria sobre as tabelas salariais dos empregados domésticos.

POLÍTICA PARA EMPRESAS PÚBLICAS, NACIONALIZADAS E COM INTERVENÇÃO

Em relação às empresas nacionalizadas, empresas públicas e com intervenção, pensa o Ministério adoptar políticas diferentes em relação a estas empresas?

. Há um Estatuto das Empresas Públicas que estabelece que haverá o estatuto do pessoal das empresas públicas. Mas há uma diversificação e tem que se uniformizar o Estatuto de Empresa Pública, porque há empresas públicas que têm um estatuto próprio, como é o caso dos CTT, da Imprensa Nacional. E aí tem havido negociação colectiva.

Pensamos integrar a negociação das condições de trabalho e das condições salariais, numa política de contratação colectiva geral. Quero dizer, essas empresas, e os gestores dessas empresas e o Estado, devem negociar as condições de trabalho a nível geral e não em termos de estatuto do pessoal, de despacho ministerial, ou coisa parecida.

Um dos problemas que se põe é o de correcção de desigualdades em relação à própria administração. Os trabalhadores das empresas públicas não devem ter condições de trabalho extremamente diversas, ou diversificadas em relação à administração propriamente dita. Mas tudo isto deve ser integrado em termos de negociação com os sindicatos. Vai haver o Sindicato da Função Pública, há sindicatos que representam os trabalhadores nas empresas públicas e as condições de trabalho devem ser determinadas através de negociação colectiva.

Falou de correcções de desigualdades salariais. Quais serão os princípios que irão orientar estas correcções?

. Os princípios estão declarados no programa do Governo, mas posso salientar o esquema. Não poderemos corrigir as desigualdades se tivermos só em atenção sectores profissionais, ou empresas públicas ou outras.

Portanto, há sectores em que a correcção das desigualdades terá de ser feita através da repartição do poder de compra, há outras em que terá de haver aumentos salariais de acordo com o aumento do custo de vida mas que atinjam só as classes e as categorias com menor remuneração no contrato e terá também que haver uma política de correcção de desigualdades em relação ao sector público em geral.

Há empresas públicas que estão extraordinariamente beneficiadas e terá de haver correcção: não em aumento percentual, mas em aumento para a categoria mais baixa e correcção entre o sector público, nacionalizado e privado.

Dou-lhe um exemplo, o caso da Petrogal, onde há negociação do ACT. Nós não poderemos admitir que haja aumento percentual de acordo com o aumento do custo de vida em todas as categorias. O aumento deve incidir sobre o aumento percentual da categoria mais baixa. Supondo que a categoria mais baixa ganha sete contos, se o aumento for de 20 por cento, como foi no último ano, o aumento será de 1400 escudos para todas as categorias.

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES
NO DIA 12/8/76
EM PORTIMÃO
RESTAURANTE
1.ª Categoria
ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.
Cozinha Portuguesa
No BAR
Pianista privativo
Organizações FERNANDO BARATA

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A RAINHA DO FERRO-VELHO E AS CONFUSÕES DA TELEVISÃO

Não sou capaz, assim de repente, de dizer em que ano foi. Sei que já foi há alguns. Alguem, além de mim, se lembrará: o grande êxito de uma grande actriz, de um grande potencial de artista. Iamos ver a peça, não digo que não. Imponho que muitos de nós íamos lá para ver Laura Alves, depois de discutir forte, subir meia-dúzia de degraus e explodir num grito em direcção ao marido:

— FASCISTA!

Era, na Lisboa de então, um escândalo. Uma subversão. Os espectadores saíam consolados.

AINDA A LEGENDAÇÃO

Depois destes anos todos, «A Rainha do Ferro-Velho» regressa a Portugal. Desta vez pela mão de uma excelente equipa francesa. Que fala franiês, claro. O que, para o nosso público, não é nada cómodo.

O esforço de ler na minitela compreende-se melhor se pensarmos em todo o esforço que entre nós representa ainda ler um livro ou um jornal. Paradoxalmente, num país como o nosso com os seus quarenta cento de analfabrutos, mais os seus dez por cento de analfabotos, mais os seus vinte por cento de analfa-brutos, mais não sei quantos por cento de analfaetc, num país em tal estado, o que sucede? Sucede que existe uma televisão que usa e abusa das legendas. Sucede que há a possibilidade de uma autêntica Universidade Aberta, trancada a sete chaves e para uso de uma elite.

Recordemo-nos como as *noites de teatro* vinham à cabeça na preferência do público. Era por que a audiência, em Portugal, morria de amores pelo Teatro? Não digo que na base também não houvesse uma ponta de coração. Mas o motivo principal era mais visível: as personagens falavam em português, toda a gente entendia. Fácil, fácil.

FESTIVAL ORTF, LEMBRAM-SE?

De há uns tempos a esta parte assistimos a peças francesas. Não é a primeira vez que acontece isto. Há anos por intermédio de Artur Ramos, assistimos ao «Festival O. R. T. F.», onde incluiam algumas obras-primas da televisão francesa que muito contribuiram para lhe dar a fama de qualidade de que goza (pelo menos de que gozava...) em todo o mundo.

Pelo seu conteúdo, pela mensagem antifascista que veiculavam, alguns desses filmes representaram um autêntico furar o cerco da ideologia dominante. Será que a «polícia» intelectual do regime não se dava conta desse perigo?

Dava. Dava mas sabia que a legendação lhe quebrava muito da sua penetração popular.

A «REPÚBLICA DOS AMIGUINHOS »

Esta «Rainha do Ferro-Velho» contém inegavelmente algumas ingenuidades, semeia algumas ilusões. Recordo-me, por exemplo, de uma certa tendência para dar das leis uma representação fora do jogo das classes, recordo-me igualmente daquela ingenuidade de considerar que, nos Estados Unidos, o Governo «somos nós, as pessoas, o povo...»

O «happy end» não parece enquadrar-se no verdadeiro sistema de vida americana. Decerto, alguns escândalos (como o *Watergate,* como o Lockneed) rebentam através da Imprensa, mas isso tem mais a ver com motivações de ordem concurrencial do que com razões de moralizacão social e política. O *«Pão da Mentira»*, de Horace McCoy parece estar mais dentro da realidade...

No entanto, *A Rainha do Ferro-Velho* denuncia, em termos de uma grande simplicidade, aspectos negativos da sociedade capitalista, em geral, e da sociedade americana em particular.

O gangsterismo no mundo dos negócios, a desumanização, a alienação, a completa subversão dos valores eis alguns aspectos da sociedade mercantilista tratados nesta peça. Peça que para nós, hoje em dia, continua útil e actuante. Ali se vê como a recuperação capitalista desemboca fatalmente nos meios mais sofisticados de repressão, de domínio das pessoas pela engrenagem de exploração, isso a que podemos e devemos dar o nome de fascismo...

O compadrio, o nepotismo, a divisão da Pátria pelos familiares ou correlegionários, eis outros mimos das sociedades corruptas ou em tirocínio para a corrupção. Quando num país os indivíduos começam a ser exilados dos seus empregos, dos seus postos, das suas responsabilidades e a ser substituídos por elementos da confiança do partido no Poder então será altura de começarmos a ter medo, a organizar a resistência, a denunciar corrupção no ovo. Porque estamos perante a forma mais hedionda da reacção: aquela que, pudicamente veste a capa da democracia...

A audiência terá tido ontem ocasião para meditar e não para se evadir.

Estranhamente, porém, a Televisão tudo fez para desnortear o telespectador.

Vejamos.

Inicialmente aponta-se para esta segunda-feira a apresentação da *«Mandrágora»*, já publicado, aliás, no segundo canal.

Os jornais, na respectiva programação, anunciam *«A Rainha do Ferro-Velho»*.

Ontem, porém, e até à derradeira informação, pela voz de Fialho Gouveia, anuncia-se para a noite de teatro *«Arsénico e Rendas Velhas»*.

Acabam, finalmente, por transmitir *«A Rainha do Ferro-Velho»*...

Quem pode ser prior desta freguesia? Quem põe um pouco de ordem neste caos?

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

(Serviço de Águas)

AVISO AOS CONSUMIDORES DE ÁGUA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos na rede de abastecimento de água, avisam-se os senhores consumidores das zonas de Vale de Milhaços, Alto do Moinho, Quinta do Brasileiro e Miratejo de que o fornecimento de água será interrompido no próximo dia 25 (quarta-feira), das 13 às 18 horas.

A Comissão Administrativa

FAÇA
férias
PORTUGUESAS
A
MADEIRA

Preços desde
2.900.00
Viagem aérea em Classe Turística LISBOA/FUNCHAL/LISBOA. Alojamento no Hotel escolhido em regime de pequeno almoço, meia pensão ou pensão completa. Transporte Aeroporto/Hotel/Aeroporto. Transporte 20 kg. bag

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS•TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 56 03 88
Teleg.: BUISTOUR-Telex: 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

COVA DA PIEDADE
Máquinas de Costura
BERNINA e de tricotar
TOYOTA
RUA CABO
DA BOA ESPERANÇA, 6-D
Cursos gráais, Corte, Bordados e Tricot

PUB

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

II FESTIVAL DE MÚSICA
DA COSTA DO SOL

Quarta-feira, 25 de Agosto de 1976 às 21.30 horas

PAVILHÃO DE CONGRESSOS-ESTORIL

DÉNES KOVÁCS — Violino
FERENC RADOS — Piano

PROGRAMA:

BACH — Partita em Ré menor
BRAHMS — Sonata em Lá maior
BARTOK — Sonata
BRAHMS — Sonata em Ré menor

PREÇO ÚNICO 30.00

Hoje

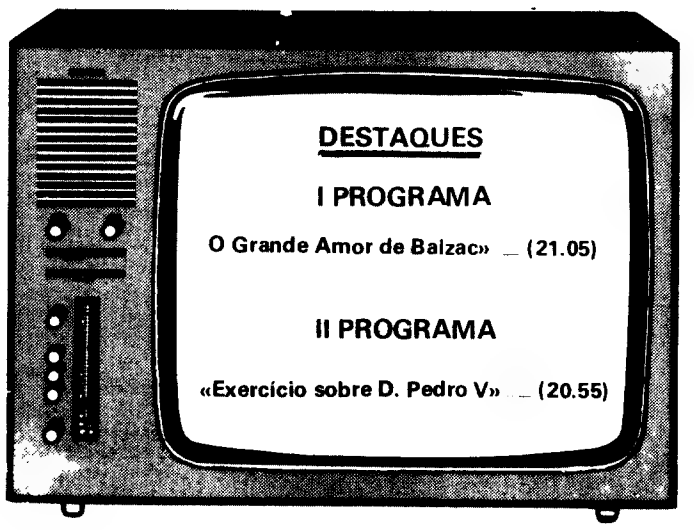
Os Goodies

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **O Corpo Musical** (1.º espisódio)
19.25 **A Pedra Branca**. Série filmada. Com Júlia Hede e Hasseltorps. Realização de Geran Graffman.
19.55 **Com todas as letras**. A alma completa de Luandino Vieira.
20.20 **Soninho e alfazema**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **O Grande amor de Balzac**. «Comédia humana». Intérpretes: Pierre Myrrand, Beata Tyszciewicz e Daniele Ajoret. Realização de Wpjtek Solarz.
22.10 **Terça à noite**. Um programa de Joaquim Letria.
23.00 **Telejornal** — 2.ª edição.
23.15 Volta a Portugal em Bicicleta. Resumo da etapa do dia.
23.30 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Vickie, o Vicking**. Desenhos animados.
20.25 **Os Goodies**. O «Non Sense» inglês uma série da BBC.
20.55 **Exercício sobre D. Pedro V**. Um programa de Arca-Filmes, sobre a fascinante personalidade daquele rei de Portugal.
21.50 **Telejornal**.
22.25 **Concerto de câmara**. 2 Sonetos de Camões; Miniaturas; Impressões do Crepúsculo de Fernando Pessoa. Tenor: Fernando Serafim. Piano: Cândido Lima.
23.00 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

19.00 — Abertura e a Volta ao Mundo em 80 dias. **19.30** — Aconteceu, aconteceu. **19.55** — Educação permanente. **20.30** — Telejornal. 1.ª edição. **21.00** O cântico dos cânticos (The song of Songs). Um filme realizado em 1933 por Rouhen Mamoulian com Marlene Dietrich e Bran Aherne. A paixão acidentada de um modesto escultor por uma jovem, a qual lhe inspira a maior das suas obras. **22.40** — Telejornal. 2.ª edição. **23.15** — Fecho.

II PROGRAMA

20.00 — Abertura e Roman Holidays. Desenhos animados. **20.25** — Perspectiva um programa de José Elvseu dedicado ao pintor Vazarely. **20.50** — Sweeney. Série filmada. **21.40** — Telejornal **22.10** — Sabe onde são as festas do senhor Santo Cristo? Um programa apresentado e realizado por Ruy Ferrão. **22.55** — Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus 12-B - Rua Macau, 8

Desporto

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Guerreiros repousam antes da serra

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

Temos sérias dúvidas que a maioria dos corredores, que resistiram às primeiras «inclemências» que assinalaram as etapas percorridas entre Évora e Guimarães, repitam a façanha nas próximas tiradas, sobretudo nas que desaguam, por entre íngremes encostas e cumes ameaçadores, nas Penhas da Saúde e na subida estafante e demoniaca para a Torre.

Estamos, portanto, a rumar

Europeia
• a experiência ao serviço do turismo •

para um «ómega» que ainda vem longe, e mal se desenha nos horizontes da maior prova velocipédica da paróquia. Ontem, uma pausa reconfortante (e revigorante) desceu para os sobreviventes desta 38.ª edição da Volta, e, hoje, largamos de Vila do Conde, deixando o Ave mais calmo, para a «oceânica» cidade de Espinho, «courela» que foi, nos tempos da outra senhora e de uma que ameaca «desabar», de Moreira Baptista, e, por extensão, de Veiga de Macedo (que é de Santa Maria de Lamas). Mais adiante e então sim, já com «etapas de verdade», do suor que não tem fim, das vitaminas que se esvaem e das gorduras que não ficam , teremos as letais chegadas (para alguns) das Penhas da Saúde e da Torre, após Oliveira de Frades e Covilhã e antes do «1.º de Maio».

Pelo exposto, o leitor poderá ficar com uma ideia do que valeram as neutralizações, do que custou andar de Herodes para Pilatos, cumprindo uma missão sacra: acompanhar a corrida, mesmo nos tempos em que não havia ciclismo.

Estamos, por exemplo, a lembrarmo-nos de que neste momento, e olhando ainda para «o painél de 20 figuras», Andrade já conquistou uma camisola amarela na última etapa da Volta, isto é defendeu-a até ao fim. Ao lado de um vencedor da Volta temos um campeão nacional (Venceslau Fernandes), e homens que já triunfaram em etapas (Sousa Santos, Madeira, Carvalho, Bernardino), além de outros elementos que, embora num plano mais inferior (Lúcio, Barradas, Teixeira, Costa, C.Santos e Gomes), chegaram a alingir, em certa medida, um nível que lhes poderia profetizar voos mais largos.

As classificações que aqui deixamos, entre uma praia (Vila do Conde) e uma montanha

Reportagem DL está na VOLTA com FIAT

(serra da Estrela) podem parecer despropositadas, insólitas, estranhas. Referimo-nos, por obediência ao acaso (e partindo do fim), a José Amaro, um homem que, talvez por se ter lesionado no joelho esquerdo, tem arrastado o seu nome e a sua figura no sopé de uma classificação que de modo algum pode estar de acordo com o prestígio que alcançou, quando ao lado de Joaquim Carvalho, logo a seguir a Bernardino, na equipa de João Rocha congerminou para grandes proezas nacionais, que afinal redundou num tinteiro de tinta verde sem fundo.

É preciso, ainda, atentar no valor de Alfredo Gouveia, e salientar como está gordo o Manuel Gomes, um «sprinter» nato. Interessará ainda ver como Herculano de Oliveira arrasta penosamente a sua carreira, até, quiçá ter a «débacle», ou ponto alto, no adeus solene na serra da Estrela. Mas o que se salienta, com grandes notas, é o fracasso da equipa portista. Com efeito, neste momento, analisando a tabela geral das formações vemos tudo encabeçado pela Costa do Sol, e onde nos surgem valores potenciais que oferecem, logo «a priori», a garantia de uma chegada a Lisboa em belíssima posição.

O Costa do Sol usufrui de uma vantagem sobre o Sangalhos que ninguém prognostica-

Bicicletas I B A
I B A, Limitada
LISBOA — PORTO

ria, mas a equipa já tinha demonstrado, em anteriores provas (circuitozinhos para amadores-seniores), que possuia homens de lato valor para baterem o pé ao Sangalhos, ao Benfica e ao Porto.

o Sangalhos, em especial, afundou-se, porque lhe falhou, logo no momento em que era preciso lançar as suas pedras, o mais possante dos seus elementos: Manuel Durão.

Por seu turno, o Benfica, confiando demasiadamente no valor de F. Bernardino, espera a jogada do longilíneo ex-sportinguista numa etapa que lhe seja propícia. Mas, na verdade, a decepção chama-se F. C. Porto, porque, há três dias, com um homem colocado na vanguarda de um pelotão de 10 elementos (estamos aqui a recordar-nos de Manuel Silva, que com a ajuda de um ou dois companheiros podia ter desbaratado todo aquele pelotão). Mas o carro do F. C. Porto, mais uma vez se tinha despistado, virou-se, ficou uma amálgama de lata e perdeu assim, um técnico (se é que alguma vez o teve).

Pinheiro de Loures pode ser uma surpresa, uma vez que conta com elementos de certa valia.

FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker

Vencedor de quatro etapas em pista («cronos» e perseguições), líder da prova desde o 1.º dia (Vilamoura), sempre na brecha contra os escapados, é o que menos podemos (e devemos) dizer de Joaquim Andrade, o homem da Safina e das alcatifas, que encara a etapa de hoje (Vila do Conde-Espinho) como guia com meio minuto de avanço sobre Venceslau Fernandes

O Lousa conta com elementos que poderão levar a equipa ao 5.º lugar.

O Almodôvar tem em Armindo Barradas a figura exponencial, que não pode, contudo acompanhado por Manuel Caetanita, sistematizar as suas jogadas de arranque.

A Safina, apenas com 3 elementos (Andrade, Flávio e Gomes) vive dos esforços de Andrade, da coligação deste com o óptimo «aguadeiro» que se dá pelo nome de Flávio Henriques, e de modo mais longínquo de Fernando Mendes, que é, «in-extremis», o técnico, o treinador, o orientador, o massagista, o director de equipa e, até, o condutor do veículo que apoia o antigo homem do Sangalhos e do F. C. Porto.

Terminamos com uma palavra de simpatia para com uma firma de construção civil de Guimarães, S. Jorge de seu nome, para a turma do Coimbrões, para uma representação verde do Paredes, que são, na verdade, os moradores no sopé da tabela. E valerá a pena dizer, aqui, que já debandaram para os seus lares, o Louletano (sem qualquer possibilidade de fazer o mínimo numa Volta a Portugal), e a selecção da Madeira, que, como se prognosticava, mal desembarcou em Lisboa (equipada do modo que todos vimos no suplemento «7 ponto 7» do «DL» saído na ocasião) não tinha qualquer hipótese de bater o pé a ninguém, ou seja (em termos de pedalada) de se equiparar às equipas mais profissionalizadas deste bloco de amadores onde cabem, ainda, citações ao Manique de Baixo (que teve no esporádico Américo Silva um sinal de presença mas muito curto), e ao Alfenense (já destituído de turma), ou mesmo à Facar, que tem um único homem, e mesmo esse a arrastar-se titubeantemente entre vales e montanhas. O Fafe, onde Manuel Martins é a vedeta exponensial, nunca chegou a existir, o Ginásio de Tavira mesmo com José Madeira, é um «D.Quixote» perdido num mar de meninos e o União de Paredes, com um único amador a sério, desses que foram profissionais (António Castro), não é nada.

Vencedores das etapas

ETAPAS	KM	VENCEDOR	MÉDIA	EQUIPA VENCEDORA	CAMISOLA AMARELA
Prólogo-Vilamoura	8	Joaquim Andrade	50,349	Safina	Joaquim Andrade
Vilamoura-Loulé	70	Flávio Henriques	38,674	Benfica	Joaquim Andrade
Pista de Loulé	2	Joaquim Andrade	44,726	Benfica	Joaquim Andrade
Loulé-Tavira	66	Alexandre Ruas	36,431	C. do Sol	Joaquim Andrade
Pista de Tavira	2	Joaquim Andrade	46,753	Safina	Joaquim Andrade
Évora-Sertã	193	Marco Chagas	34,094	C. do Sol	Joaquim Andrade
Sertã-Mealhada	135	Manuel Caetanita	34,309	Almodovar	Joaquim Andrade
Pista de Sangalhos	1,25	Joaquim Andrade	45,918	Sangalhos	Joaquim Andrade
Mealhada-Paredes	156	Manuel Oliveira	35,702	C. do Sol	Joaquim Andrade
Paredes-Guimarães	120	Joaquim Carvalho	34,136	C. do Sol	Joaquim Andrade
Circuito de V. do Conde	60	Alexandre Ruas	44,099	C. do Sol	Joaquim Andrade

OS SOBREVIVENTES

Percorridos 814 dos 1596 quilómetros desta 38.ª edição da Volta a Portugal em bicicleta, será oportuno conhecermos os nomes e as equipas dos «sobreviventes» do pedal, muitos dos quais, naturalmente, se perderão, ainda, nas etapas que se avizinham e, designadamente, no caminho para as Penhas de Saúde e a Torre, sem dúvida os «momentos altos» da prova.

PINHEIRO DE LOURES
1 — José Amaro
2 — João Costa
3 — José A. Pedro
4 — Carlos Santos
6 — Fernando Fernandes
7 — Manuel Oliveira

SAFINA
8 — Joaquim Andrade
9 — Flávio Henriques
11 — Manuel Gomes

LOULETANO
23 — António Beirão

LOUSA
25 — João Marta
27 — Joaquim Cruz
28 — Abel Coelho
29 — António Valente
30 — Adelino Teixeira

SANGALHOS
32 — Venceslau Fernandes
34 — Luís Gregório
35 — Rui Azevedo
36 — Floriano Mendes
37 — António Fernandes

S. JORGE
39 — Américo Cardoso
40 — António Fala
41 — Mário Pereira

COELIMA
43 — Luís Teixeira
45 — Manuel Marques
46 — José Sá
47 — António Ferreira
48 — Domingos Barbosa

ALMODOVAR
49 — Armindo Barradas
50 — **Manuel Caitanita**
51 — João Costa e Silva

MANIQUE
57 — Abilardo Lopes

COSTA DO SOL
60 — António Marçalo
61 — Joaquim Carvalho
62 — Marco Chagas
63 — Alfredo Gouveia
64 — Alexandre Ruas
66 — Armindo Lúcio

BENFICA
67 — Firmino Bernardino
68 — Armindo Pereira
70 — Luis Gomes
71 — Manuel Pereira
72 — Vasco Monteiro

UNIÃO DE COIMBRA
74 — Herculano de Oliveira
77 — Joaquim Sousa Santos
78 — José Sousa Santos

COIMBRÕES
79 — Joaquim Leite
81 — Joaquim Pinto
83 — José Santos

ALFENENSE
86 — José Luis Pacheco
88 — Joaquim Maia

FACAR
90 — Carlos Dias Pereira

F. C. PORTO
92 — Manuel Silva
93 — Guilherme Rocha
94 — Belmiro Silva
95 — Manuel Carvalho
96 — Fernando Silva
97 — António Machado

FAFE
98 — Manuel Martins
99 — António Alves

TAVIRA
101 — José Madeira

PARADES
102 — António Castro
106 — Manuel Almeida
107 — Miguel Magalhães

GERAL — MONTANHA
(Camisola azul)

	P.
1.º José S. Santos (U. Coimbra)	14
2.º Luis Teixeira (Coelima)	18
3.º Armindo Barradas (Almodôvar)	10

PRÉMIO CLOK
Classificação por pontos

1.º Alexandre Ruas (Costa do Sol)	33
2.º Alfredo Gouveia (Costa do Sol)	21
3.º Firmino Bernardino (Benfica)	18

clok cerveja

TOTOBOLA

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

	H	M	S		H	M	S
1.º J. Andrade (Saf).	22	38	34	11.º Arm. Lúcio (CS)	22	40	30
2.º V. Fernandes (S)	22	39	04	12.º L. Gregório (Sg).	22	40	33
3.º J. S. Santos (UC)	22	39	08	13.º A. Barradas (Al)	22	40	34
4.º J. Madeira (Tav)	22	39	10	14.º L. Teixeira (Col)	22	40	35
5.º J. Carvalho (CS)	mt			15.º João Costa (PL).	22	40	38
6.º Bernardino (Bf)..	22	39	31	16.º L. Pacheco (Alf)	22	41	00
7.º M. Oliveira (PL)	22	39	43	17.º Car. Santos (PL)	22	41	02
8.º M. Chagas (CS)..	22	40	09	18.º Luís Gomes (Bf).	22	41	06
9.º A. Fernandes (S)	22	40	16	19.º Alex. Ruas (CS)	22	41	16
10.º J. Leite (Coimb).	22	40	22	20.º Inv. Pereira (Bf).	22	41	58

TOTOBOLA Para ganhar... tem que apostar!

beba clok cerveja beba clok cerveja beba clok cerveja

Desporto

Roteiro

Dia 24 — 8.ª etapa — Partida às 15.00 — Chegada provável às 19.30 — **Vila do Conde-Espinho, 134** (Póvoa de Varzim, Esposende, Barcelos, Braga, Vila Nova de Famalicão); 25 — 9.ª — 17.00 — 19.30 — **Espinho-Oliveira de Frades, 90** (Ovar, Estarreja, Angeja, Albergaria-a-Velha); 26 — 10.ª — 15.00 — 19.30 — **Oliveira de Frades-Covilhã, 168** (Vouzela, S. Pedro do Sul, Viseu, Mangualde, Fornos de Algodres, Celorico da Beira, Guarda); 27 — 11.ª — 10.00 — 10.45 — **Covilhã-Penhas da Saúde, 14**; 27 — 12.ª — 16.00 — 19.30 — **Covilhã (Torre)-Coimbra, 126** (Seja, Assamaça, Oliveira Hospital, Candosa, Tábua, Rojão, Penacova); 28 — 13.ª — 17.00 — **Circuito da Mealhada, 68**; 29 — 14.ª 08.30 — 12.30 — **Coimbra-Santarém, 147**; (Condeixa, Penela, Vendas das Figueiras, Pereiro, Tomar, Asseiceira, Entroncamento, Golegã, Chamusca, Alpiarça, Santarém); 29 — 15.ª — 16.00 — **Vila Franca de Xira-Lisboa, 35** (Contra-Relógio individual).

Total 782

Há 64 do "pelotão" de Vilamoura

A ligação Paredes-Guimarães (e todos esperamos que esta tarde não haja caprichos), pôr fora de apetitosa chegada ao «1.º de Maio» mais seis briosos ciclistas, que foram, contados pelos dedos, Alfredo Queirós, e Rayl Silva, do Coimbrões, Orlando Alexandre (Pina Manique) e Manuel Cardoso e António Ferreira (Paredes).

Não aceitaram o «gong», no mesmo dia, os rapazes José Bispo (Sangalhos) e João Duarte, do Pina Manique. Vale isto por dizer, sem meias-palavras nem subterfúgios, que após os trinta e dois que tinham «largado» a caravana e o pagode até à Mealhada, outros oito se lhe juntaram, e outro poderia ter «enriquecido» o escol se o júri, magnânimo e humano, não tem decicido, ineditamente, a «reincorporação» de Vasco Monteiro, que foi ao charco em Paredes a acabou respescado com o mesmo tempo do último.

Como já aqui salientámos, entre a Sertã e a Mealhada, Manuel Rego encomendou quarto na enfermaria dos Hospitais da Universidade de Coimbra, enquanto que Carlos Cabral (Madeira), para não fazer inveja aos seus patrícios, bem como Severino Mendes, Louletano, João Sampaio (Coelima), Fernando Vieira (Benfica) e Manuel da Costa (F.C. do Porto), aprontaram as malas e regressaram a penates.

Portanto, com quarenta já nos seus doces lares (desde «maçon» de francos franceses novos-Américo Silva a candidato a um canudo de Escupálio — Sousa Santos), a prova vai perdendo caras e repartindo melhor as «coroas», aspecto em que os homens da Costa do Sol, uns autênticos glutões, e Joaquim Andrade, um «tentacular arrebanhador de diárias com o amarelo» (assim ao nível, isto em termos de monopólio, que uma IBM ou uma ITT) vão levando a palma e o «pastel».

Mas há mais candidatos (a quem não faltam força e arreganho) ao «bolo», e não será estultícia irmos lançando uma «chapiscadela» nas atenções de Venceslau, Sousa Santos, Joaquim Carvalho, Manuel Silva, Marco Chagas e outros, porque estas «massas» que a volta comporta e os prémios que estão em hasta pública, dado que Deus quando deu foi para todos (ou há socialismo, mesmo em transição democrática, ou não há nada — Viva a Volta!), são para a maioria (mesmo sem eleições), há que fazer as contas, requer, contabilista, e ter em atenção que os «galifões» se encontram na mó de cima ou muito perto de.

Tenho dito.

PHILIPS

O TRAÇO DE PARGANA

TAREFA PARA AMANHÃ

Os 90 quilómetros que separam Espinho de Oliveira de Frades (uma cidade e uma vila, respectivamente, do Vale do Vouga) devem ser percorridos em duas horas e 39 minutos pelo menos. Essa distância horária (melhor: essa obrigação voltista) vem referida no livro oficial, e não é, à primeira vista, difícil de cumprir. É, até, fácil de pulverizar.

pitralon 2000

A partida de Espinho (Rua 24) está marcada para as 17 horas e, daquela artéria segue-se, em direcção a Aveiro, para Esmoriz, Cortegaça (onde a Safina tem as suas instalações industriais), Maceda, bifurcação (a segunda então) para a Torreira e, ao quilómetro 19 estaremos em Avanca. Após Estarreja, percorridos que sejam 44 km, teremos Soberiro e, depois, Albergaria-a-Velha (Meta «O Diário»), onde começa a abertura do abastecimento de água. De Albergaria-a-Velha vamos em direcção a Pessegueiro do Vouga (Meta «Turismo»), com descidas e curvas e, mais longe, demandamos Barreiro, Belmonte e Ribeira Dio (terra de bom verde). Passagem de nível sem guarda, nova «emboscada», Pinheiro de Lafões, Travanca e Oliveira de Frades (meta final), defronte da Câmara Municipal.

Muito aquém dos tempos áureos de Peixoto Alves, Américo Silva e Francisco Valada, entre outros, ou de Ilídio do Rosário e Fernando Maltês, há muitos anos atrás, a equipa amadora do Benfica de hoje, com um excelente ex-profissional (Firmino Bernardino), vai em 3.º lugar na colectiva, a 4m e 57 s do Costa do Sol, o que se pode considerar sensacional

Xadrez: VIII Nacional de Juniores (Peniche)

Numa organização conjunta da Federação Portuguesa de Xadrez e da Associação de Xadrez de Leiria, continua a realizar-se em Peniche, na sede do Clube Recreativo Penichense, o VIII Campeonato Nacional de Juniores, que conta com a participação de quarenta e oito jogadores vindos de todos os pontos do País. A prova compreende nove jornadas, e disputa-se segundo as normas do sistema suiço, método de emparceiramento em que não há fases preliminares ou eliminatórias: em cada sessão os jogadores que tenham o mesmo número de pontos devem jogar entre si, enquanto tal for possível, e atendendo à regra de que nenhum participante pode jogar mais de uma vez com o mesmo adversário. Daí ser nota geral o grande equilíbrio de forças nas partidas disputadas, em que, por vezes, se tem ultrapassado seis horas de jogo (lembre-se que cada jogador dispõe de uma hora para executar um conjunto de dezoito lances).

Na partida mais importante de todo o torneio, pois defrontavam-se os dois juniores com maior pontuação, José Pereira dos Santos, com negras, utilizou uma defesa segura mas não habitual no seu repertório, conseguindo facilmente igualar as possibilidades, visto que Sílvio Santos, com brancas e comandante da classificação com 1/2 ponto de vantagem sobre os seus mais directos perseguidores, não tentou forçar a posição, utilizando um esquema de jogo bastante restringido.

Também António Baptista, uma das agradáveis revelações deste torneio, apesar de possuir ligeira vantagem, empatou rapidamente, em 16 lances, com António Fernandes, que jogava de negras. Outro dos empates entre os melhores classificados verificou-se na partida Fernando Fernandes-Arlindo Vieira, após 21 lances. Azar teve Alberto Fernandes, de brancas contra Fernando C. Mota, pois apesar de possuir clara vantagem num final de torres e peões, acabou por exceder o tempo limite de reflexão.

Classificação (ao fim da quarta jornada): 1.ºs Sílvio S. e F. C. Mota 3,5; J. P. Santos, António Fernandes, F. Castro, F. Fernandes, J. Sequeira, F. Sequeira, A. Vieira, António Baptista e J. S. ilva 3; L. E. Santo, Alb. Fernandes, J. Verissimo, J. Rafael, L. Quaresma, J. Tenreiro e A. Loureiro 2,5.

Futebol aos soluços

PORTIMONENSE

Do empate conseguido um dia antes em Cadiz (a dois tentos) à derrota, copiosa e merecida, «encaixada» em S. Fernando, a uma centena de quilómetros de Sevilha, vai a distância que identifica como e quanto uma equipa primodivisionária portuguesa pode, por oscilações e cansaços, alterar-se, relativamente a produção, radicalmente. E foram muitos, sem dúvida muitos (4 golos sem resposta) os tentos «admitidos» por Lapa, que nada pôde fazer contra os sanfernandinos da III Liga de Espanha.

QUIM

É já amanhã que se efectua, com dois jogos (Rio Ave-Gil Vicente e Leixões-Varzim), a festa de homenagem ao popular defesa Quim (Joaquim Marques Rosa), que durante cerca de 18 anos defendeu as cores poveiras.

REAL OVIEDO

Belenenses e Sporting inauguram o troféu «Real Oviedo», que se efectua nos dias 25, 26 e 27 do corrente naquela cidade de Navarra, e no qual também participa, além da equipa local e dos conjuntos portugueses, o Gijon, da mesma região espanhola.

KEITA

Sali Keita, o famoso jogador do Mali que se impôs em França (Saint-Etiénne e Olimpique de Marselha), antes de emigrar para o Valencia, é já do Sporting, com o qual firmou, sábado, um contrato válido para um ano na presença de João Rocha e outros dirigentes de pelouro leonino (em Alvalade).

BRAGA

A equipa do Braga venceu (por um «penalty») o «Torneio de Verão» da Póvoa do Varzim, desenrolado, sábado e ontem, naquela cidade, e no qual participaram, além dos locais e do Braga, o Guimarães e o Famalicão. Na primeira ronda os bracarenses desenvencilharam-se do Famalicão (2-1) e o Varzim do Guimarães, pelo mesmo resultado. Ontem, efectuaram-se os jogos destinados a serem conhecidas as classificações, defrontando-se o Famalicão e o Guimarães (vencidos de sábado) para os 3.º e 4.º lugares, tendo os famalicenses, mais afoitos, marcado por Reinaldo.

PORTUGAL

TORNEIO DAS VINDIMAS

O Núcleo de Desporto e Cultura de Palmela leva a cabo, na quinta-feira e no dia 6 de Setembro, um torneio de futebol denominado I Torneio Quadrangular das Vindimas, integrado nas festas daquela vila e que decorrerá no Campo Cornélio Palma.

O programa completo da competição está assim ordenado:

Quinta-feira — Águas de Moura-Quintajense, às 20 horas; Palmense-Pinhalnovense, às 21 e 45.

Dia 6 — Apuramento do terceiro e quarto classificados às 18 e 30; jogo da final às 20 e 15.

CASCAIS

Integrada nos campeonatos de Portugal, realiza-se de 29 do corrente a 5 de Setembro, a «semana da Vela de Cascais», Ao largo da Baía, disputar-se-ão provas das seguintes classes. Cadete — Europe — Laser — 420 — Fireball — 470 — Finn — Dragão.

No próximo dia 29 terá lugar a Regata dos Cruzeiros, com partida de Belém pelas 11.00. A primeira regata do Campeonato de Portugal, disputa-se no dia seguinte pelas 13 horas.

VETERANOS

Os dois atletas veteranos portugueses que participaram na IX Maratona Mundial da categoria disputada na cidade inglesa de Conventry, ficaram nos seguintes lugares: Avelino Ferreira (Clube de Veteranos) 55.º no seu escalão e 83.º na classificação geral com o tempo de 2 h 52 m 58 s; Vasco Medeiros, de «Os Belenenses» 103.º e 193.º, com o tempo de 3 h 16 m 12s.

O vencedor no sector masculino foi o inglês E. Austin, com 2 h 20 m 50 s, no feminino, a melhor classificação foi a inglesa P. Day, 138.ª na classificação geral com 3 h 5 m 21 s. Nesta maratona participaram cerca de 500 concorrentes, entre os quais doze senhoras.

REUNIÃO

Representantes das federações do desporto amador reuniram-se nas instalações do Ministério da Educação e Investigação Científica (MEIC) com vista à definição de uma estrutura que possibilite a defesa dos seus interesses comuns. Estiveram presentes delegações das federações de atletismo, esgrima, equestre, futebol, ginástica, lutas amadoras, natação, remo ráguebi, ténis de mesa, tiro, voleibol e xadrez. Justificaram a ausência as federações de handebol e patinagem.

PUB

A mais completa colecção de bicicletas da Europa — IBA LIMITADA — Lisboa-Porto

Geral

Assalto à mão armada no Bairro Alto

. Três indivíduos (de um grupo de cinco) foram presos na Trav. Fiéis de Deus, ao Bairro Alto, quando assaltavam dois transeuntes. Os assaltantes usavam uma pistola «Colt» 7.65.

Os assaltantes detidos pela P. S. P. foram identificados como Luís de Sousa, 21 anos, empregado comercial, Serafim Santos, 19, estudante e Álvaro Pereira, 24, vendedor ambulante. Outros dois comparsas lograram fugir à aproximação da Polícia.

As vítimas do assalto: José Fernandes, 21 anos, empregado de bar e João Olim Marote, 21, tipógrafo.

Aos assaltantes detidos foi apreendida a pistola com duas munições e dinheiro estrangeiro.

FURTO À TIRACOLO

Pela P. S. P. foi detido Alberto Santos, 20 anos, sem profissão, acusado de ter roubado a mala à tiracolo de Maria Mafalda Marques, de 44 anos, funcionária pública.

Apurou-se que o deliquente «apenas» pretendia tirar a carteira que estava dentro da mala. Já fora preso outras vezes, por furto e tráfico de drogas.

CHAVE FALSA

Chave falsa na residência de João José de Sousa Araujo, Av. de França, 8 — Estoril: jóias diversas, um revolver e uma caixa de balas tudo no valor de 250 contos.

"OS ACALCADINHOS" EM FESTA

O Grupo «Os Acalcadinhos», conhecido no Bairro Alto pela sua actividade filantrópica, celebra no próximo dia 29 o seu 14.º aniversário levando a cabo uma festa em que será oferecido vestuário a 25 crianças da zona. Para que a festa tenha um cunho alegre não faltará o inevitável almoço em que participarão os sócios e que será presidido por Alfredo Nogueira.

HOJE: às 20.30 e 22.30
Domingos — Matinée às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acos. MEN. 18 anos)

Feira popular-cultural em Rio Tinto

. RIO TINTO, 24 — «Só se pode transformar o nosso povo se nos transformarmos a nós próprios», afirmou o dr. Ilídio Sardoeira, na inauguração da Primeira Feira Popular-Cultural de Rio Tinto, aberta ao público na Escola Preparatória Martins Fernandes. Dentre os presentes que usaram da palavra, destacou-se o representante da FAOJ que focou alguns aspectos significativos da iniciativa afirmando que o povo é senhor dos seus destinos. A cerimónia da inauguração terminou com a exibição de um conjunto académico.

Chegou bacalhau

. AVEIRO, 24 — Encontra-se na barra de Aveiro o arrastão «Inácio Cunha», que trouxe um carregamento de 14.500 quintais de bacalhau salgado, 130 toneladas de peixe congelado, e 50 mil litros de óleo de fígado de bacalhau, produto de cinco meses de actividade.

O carregamento deverá ser distribuido dentro de dias para os armazenistas de todo o País. O «Inácio Cunha», devido a dificuldades surgidas na pesca na Terra Nova, actuou na Noruega, juntamente com outros barcos portugueses, onde os resultados foram mais positivos.

rádio

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções da Europa; **17.30**: Conjuntos; **18.00**: Música portuguesa; **18.30**: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; **19.00**: Poemas e poetas, por Herminia Tojal; **19.30**: 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta — 10.ª etapa — reportagem da chegada a Espinho — música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: Diário da Volta — contraponto — editorial; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Jazz; **01.00**: Música na noite.

2.º Programa

16.35: Pemas sinfónicos; **17.15**: Intercâmbio musical; **17.33**: As grandes sinfonias; **18.45**: Músicos célebres; **20.00**: Música sinfónica; **21.05**: Música coral sinfónica; **22.00**: Sonatas; **22.30**: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**: «Missa de Glória», de Rossini; **00.04**: Música contemporânea; **00.19**: Concerto em dó menor, op. 18, para piano e orquestra, de Rachmaninoff; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: Novas de alegria; **23.20**: A música e as vozes.

3.º Programa
Loval (187,5 m)

18.00: Entardecer — de vez em quando; **19.30**: Romance de uma dicade (repetição) — cartas a ninguém; **21.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Situação do tempo

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco e caíam aguaceiros em algumas regiões do centro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	19°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	19°
FARO	23°
FUNCHAL	25°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima ..... 28,5°

PENHAS DA SAÚDE
Mínima ..... 8,8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.12	3,9 m	8.47	0,9 m
15.30	4,1 m	21.13	0,8 m
Dia 25			
3.52	4,0 m	9.26	0,8 m
16.08	4,3 m	21.51	0,6 m
Dia 26			
4.30	4,1 m	10.04	0,6 m
16.47	4,4 m	22.30	0,6 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado, diminuindo gradualmente de nebulosidade durante a tarde; vento fraco tornando-se moderado de Noroeste; possibilidades de aguaceiros nas regiões dt interior do Norte com tendência de diminuir de frequência; neblina matinal junto à costa a norte do cabo Mondego.

AMANHÃ

NASCER AS 6.59
OCASO AS 20.17

DIA 24 — DIA 1 — DIA 8 — DIA 16

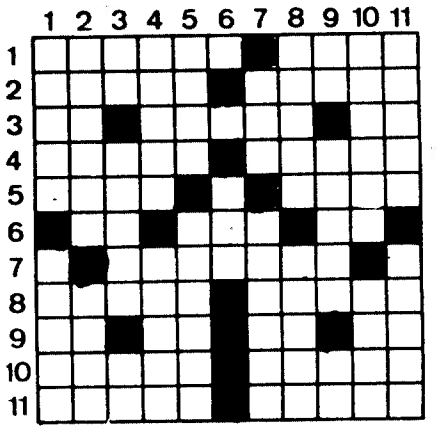
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11452

HORIZONTAIS:

1 Desculpa. Completa.
2 Icais. Assassinei.
3 Pronome demonstrativo. Duas consoantes desiguais.
4 Agradecida. Poente.
5 Ópera de Verdi. Artigo definido. Ave também conhecida por papagaio-do-mar.
6 Preposição e artigo. Capa sem mangas. Campeão.
7 Apurar.
8 Afie. Amarrava.
9 Nota musical. Rado (s.q.) Compaixão. Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo.
10 Buscas. Enganei.
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Irmão de Moisés.



VERTICAIS:

1 Um dos dialectos das Filipinas. Invólucro.
2 Prenderia com elos. Dar pios.
3 Batráquio. Venera. Porco.
4 Regime especial de alimentação. Enganas.
5 Serra de Portugal. Injúria.
6 Uma das Novas Hébridas na Melanésia.
7 Punhado. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
8 Taberna. Atasca.
9 Porco (inv). Ave trapadora. Cidade da antiga Caldeia.
10 Espessas. Existência.
11 Encolerizou. Rude.

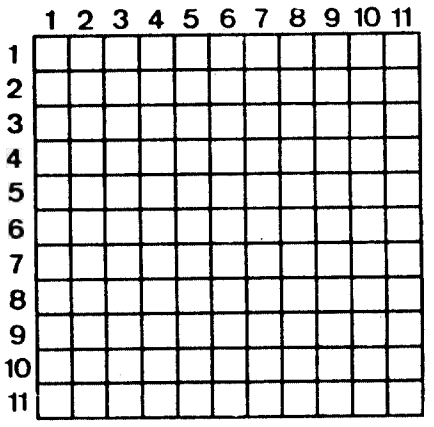
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7612

HORIZONTAIS:

1 Divulgarias.
2 Bonra alto. Viatura.
3 Moer. Bebida fermentada feita com espelta.
4 Uma das ilhas Jónias. Nivelar.
5 Batráquio. Alumínio (s.q.). Viração. Oferece.
6 Samário (sq). Bário (s.q.).
7 Denso.
8 Átomo. Remara para trás. Cério (s.q.).
9 Cargas. Tratar por tu.
10 Junta. Classe de tropa.
11 Xaile das mulheres indias e persas. Apelido.



VERTICAIS:

1 Descerrar. Calhaus.
2 Baixelas. Trama.
3 Amofina. Mil e cem em romano. Senhor em inglês.
4 Reune em maço. Bradai.
5 Universal. Zombas.
6 Época. Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo.
7 O mesmo que encara. Arara.
8 Apoquentar (fig). Por data em.
9 Paz (fig). Boro (s.q). Cantão da Suiça.
10 Série de arcos. Leito.
11 Constara. Tempo do verbo ser.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11451

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Ac. Apego. Ás.	1 ANO. Recosta.
2 Norte. Ácaro.	2 Cola. Carear.
3 Olear. Nasce.	3 Resta. Acua.
4 Asco. Asso.	4 Ataca. Aro.
5 Ta. Oó.	5 Pero. Ara. Pá.
6 Eca. ANO. Uçá.	6 Uni. DE.
7 Ca. Ari. Em.	7 Gana. Rã.
8 Orara. Cifra.	8 Ocaso. Mia.
9 SECO. Moer.	9 Assou. FOME.
10 Tau. Per. Mai.	10 Arco. Cereal.
11 Arara. Avelã.	11 Soe. Mamaria.

Provérbio: ANO SECO ANO DE FOME

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7611

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Ac. Canto. Oc.	1 Amuaras. Mim.
1 Más. São. Ale.	2 Cantão. Cora.
3 Unis. Três.	3 Siaste.
4 Atacaríamos.	4 Sc. Omo. Pá.
5 Ras. Som. Asa.	5 As. Assaltei.
6 Aotos. Parar.	6 Narro. Mel.
7 Ema. Lia.	7 To. Implorar.
8 Olmos.	8 Ta. Ais. Rã.
9 Mós. Ter. Vós.	9 Armara.
10 Ir. Pelar. Mo.	10 Oleosa. Tomo.
11 Matai. Ramos.	11 Cessara. Sós.

DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa
Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar
NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H-1

TODA A NOITE

ALVALADE
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (Telf. 771469);
Roma, Avenida de Roma, 85-B (Telf. 772466);
Ideal, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (Telf. 712803).

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (Telf. 321211).

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11-A (Telf. 682610).

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (Telf. 686176).

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telf. 45578).

GRAÇA
Monte, Rua Senhor do Monte, 3-A/B (Telf. 867842).

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 362-B (Telf. 790332).

MADRAGOA
Lys, Rua da Esperança, 17-19 (Telf. 660913).

MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp, 52-C (Telf. 43409).

SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elisio, 29-A/B (Telf. 637070).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna, Avenida de Berna, 44-A (Telf. 773568).

SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telf. 780841).

TURNO H-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (Telf. 637318).

ALTO DE SÃO JOÃO
Zional, Rua Morais Soares, 58-C (Telf. 847708).

ALVALADE
Brisália, Avenida Rio de Janeiro, 66 (Telf. 722368).

AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (Telf. 720820).

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Avenida Visconde Valmor, 28-A/C (à Avenida da República) (Telf. 772291).

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Telf. 849448).

BAIXA
Durão, Rua Garrett, 90 (Telf. 324166).

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (Telf. 704828).

CAMPO DE OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Telf. 681726).

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telf. 869831).

CHIADO
Durão, Rua Garrett, 90 (Telf. 324166).

ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Telf. 570593).

PICHELEIRA
Marlux, Calçada da Picheleira, 140, B/C (Telf. 720703/728395).

OLIVAIS SUL
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Telf. 310026).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sousa Martins (ao Matadouro) (Telf. 553468).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeira Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.2112070)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Toda a noite

OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas

NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central. Toda a noite

S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (.260085). Até às 22 horas

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (.2471054). Toda a noite

AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T.260116). Toda a noite

CASCAIS
Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T.281044). Até às 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T.280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elia Garcia, lote 28 (T. 933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)

DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117)

CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, 5-D

MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)

COLARES
Abreja (T. 29908)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)

ALMADA,
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2766398)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 244-A (T.2040141)

BARREIRO
Moderna, R.D.Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T.207443)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)

MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)

SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. Paulo Borba (T.22248); **Saião**, Av. Portela (T.22709)

SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 10

ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, P.da Batalha, 26. **Campo**, P.da República, 118. **Invicta**, R.d Bonfim, 330. **Mira Paulo**, R.Castelo de Numão, 37. **Barros**, R.do Bonjardim, 1292. **Fátima**, R.Oliveira Monteiro, 475. **Garantia**, R.Fernandes Tomas, 696.

TODA A NOITE

Sá, R.Vale Formoso, 181. **Sarabando**, L.d s Loios, 36. **Costa Cabral**, R.de Costa Cabral, 1832. **Fonte da Moura**, R.de Tânger, 1463.

COIMBRA

Cruz e Costa, Rua António Vasconcelos, 71 (Telf. 22715);
Silva Soares, Rua Mouzinho de Albuquerque, 26 (Telf. 71454);
Vilaça, Rua Ferreira Borges, 132 (Telf. 22043).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«Grande Cegada»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As coisas que o padre Faz»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«O Mundo Fantástico da Magia»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Circulo de Giz Caucasiano»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»

SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Verdade interdita»

EUROPA
21.30 (18 anos)
«Salon (Kitty O Bordel do Nazis)

PARIS
21.00 (18 anos)
«O ladrão de Paris»

JARDIM
21.15 (14 anos)
«Até Mesmo os Anjos Comem Feijões»

LUMIAR
21.15
«Revoltados do cano»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«O Garanhão»

LINHA DE CASCAIS

CASINO
17 e 21.15 (18 anos)
«A Iniciação»

OXFORD
21.15 (18 anos)
«Ternas amigas»

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«O Cobra»

LINHA DE SINTRA

CARLOS MANUEL
21.15 (18 anos)
«A cama é o meu castelo»

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Cavalgada Fantástica»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«A Minha insaciável Cunhadinha»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Meu Caro Assassino»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anbs)
«Uma Mulher é uma Mulher»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Uma Rapariga e Suas Armas»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Os Escândalos da Cidade»

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

PORTO/Cinemas

SA DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«A Raposa de Belstone»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«As Motas do Inferno»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Pequeno Grande Homem»

S. JOÃO
21.15 (6 anos)
«O Gendarme em Férias»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sexo-Porno»

BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Os violinos do Baile»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«Salão Elisabeth»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Aventuras, em mar de espuma»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Aventura e Aventura»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santigao»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O monstro do pântano»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Empresta-me o teu motorista»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Noitada»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Fogo no sangue»

cinemas

CASTIL

Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15

Colorido Int. a menores de 18 anos

Quando o amor livre tem encanto... não é imoral!

AMORES SEM FREIO

4.ª Semana

IMPÉRIO

T. 55[illegible]134/5 — 14.30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos

LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O' Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 óscares-37 prémios internacionais

4.ª Semana

POLITEAMA

T. 323805 — 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

2.ª semana ultra-sensacional
Int. men. 18 anos
ÊXTASE SEXUAL DE MÁCUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA

Tel. 727778 — 15,30, 18,30 e 21,15

Interdito a menores 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
15.ª semana

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

MULHERES EM FÚRIA

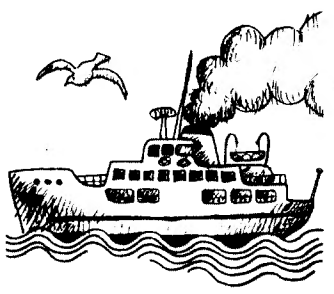
c/ Martine Brochard-Marilu Tolo

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — Às 21.15

Grupo D m/18 anos

O ESTRANHO CASO DA SENHORA WARDH



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS levada a efeito numa das modernas embarcações dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda nas estações de Lisboa no GITUS (telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78) e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES - BOITES
RESTAURANTES
CABARETS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197) Marta Monica** Strip-teaseuse
CASINO DO ESTORIL Jogo automático. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 — 15.00 e 21.00

Não aconselhável a Menores de 13 anos
Uma história imortal! um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable Vivien Leigh Leslie Howard
11.ª semana

EDEN

T. 320768 — 14,00, 16,30, 19,00 21,15

Não acons. a men. de 13 anos
Nunca os sete mares foram devassados por tal aventura!
O PIRATA NEGRO
com Bud Spencer e Terence Hill
em 2.ª Semana

ODEON

T. 326283 — 15,15-18.15 e 21.15

Mairores 14 anos
3.ª semana de enchentes
Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
com Aurora Bautista e Julio Aleman
Um problema em louvor da existência dos filhos do pecado

APOLO 70

Tel. 763311 — 14,00, 16,30, 19,00, 21,15

Não acons. men. 18 anos
YAKUZA
2.ª Semana
Hoje às 24 h.
Grupo D. M. 18 anos
ARENA, O CIRCO DA MORTE

CASINO ESTORIL

T. 264521/264996 — 17.00, 21.15

Não acons. men. 18 anos
INICIAÇÃO

S. JORGE

Tel. 554153/4 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não aconsehável a men. 18 anos
REPÓRTERES SEM FREIO
com Pierre Richard Philippe Noiret

RESTELO

Tel. 610375 — Às 21.00

Para todos
MEU IRRESISTÍVEL SELVAGEM

AVIS

Tel. 47163 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO

T. 555134 — 15.00, 18.30, 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
TUDO A POSTOS, NADA EM ORDEM
o novo filme de Lina Wertmuller

ESTÚDIO 444

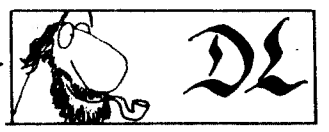
Tel. 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15

não acons. m/18 anos
FERIAS VIOLENTAS
um filme de Yves Boisset

CARLOS MANUEL — SINTRA

Tel. 2930304 — 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A PRESA



UNIVERSAL

Tel. 774402 Ciclo Erótico Intelectual

De 19 a 25 de Agosto de 1976
Às 14.30 e 20.30 h.
BODAS DE LAMA
de Thierry Zeno (interdito a men. 18 anos)
ATENÇÃO: Este filme contém cenas eventualmente chocantes.
As 16.30 e 22.30 h.
(Não acons. men. 18 anos)
DIÁRIO DE UM LADRÃO

CONDES

Tel. 322523 — 15, 18 e 21.15

PARA TODOS
O ESTRAVAGANTE DR DOLITTLE
O super espectáculo das férias com 70 mm

BERNA

Tel. 776098 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ...Largue-os em território nazi!...
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
um filme de Robert Aldrich

LONDRES

T. 801313 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
O filme de Igmar Bergman
O AMANTE
(The Toud)
c/ Bibi Andersson e Eliott Goul
Hoje às 21 h
Não acons. men. 18 anos
UM VERÃO EM OKINANA

ROXY

Tel. 48550 — 14,15, 16,30, 18,45 e 21,15

Não acons. men. 18 anos
Edwige Senech em
A ESPOSA VIRGEM
c/ Carol Baker

TIVOLI

T. 570595 — 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
O maior êxito de gargalhada do cinema francês
O GENDARME CASA-SE
3.ª Semana
Com Louis de Funés

ALVALADE

Tel. 897480 — 15, 18 e 21.15

PARA TODOS
O ESTRAVAGANTE DR. DORLITTLE
O super espectáculo das férias em 70 mm

PATHÉ

Tel. 821933 — 14,15, 16,30 18,45 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
Um jardim perfumado de delícias eróticas
POMPEIA, UMA PROSTITUTA AO SERVIÇO DO IMPÉRIO
com Eva Czemerys, Vittorio Caprioli, Don Backy

NIMAS

T. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores 18 anos

8.ª semana de lotações esgotadas
CHOVE EM SANTIAGO
o Chile de Allende a Pinochet

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

WALTER ROSA REVELOU

Não haverá cortes de energia até ao fim do ano

«Não haverá mais cortes no abastecimento de energia eléctrica até ao fim deste ano» — anunciou hoje o ministro da Indústria, eng.º Walter Rosa, durante uma visita que efectuou à central do Carregado.

O ministro revelou que foram coroadas de êxito as negociações da Electricidade de Portugal (EDP) com as suas congéneres estrangeiras para a importação de energia. Essa importação permitirá até ao fim do ano suprir as necessidades nacionais e evitar novos cortes no abastecimento ao País, a menos que surja qualquer situação anormal imprevisível.

Por outro lado, o sexto grupo gerador do Carregado encontra-se já pronto a funcionar. Neste momento os técnicos procedem a ensaios de funcionamento e esperam colocar o sexto grupo gerador a dar pleno rendimento nos primeiros dias de Setembro.

Este grupo, tal como os outros cinco, tem uma capacidade de 125 megavátios e com a sua entrada em funcionamento a central do Carregado poderá fornecer em condições normais cerca de 32 por cento da energia consumida no País.

Ceausescu recebeu delegação do P.S.

O Presidente da Roménia, Nicolae Ceausescu recebeu ontem uma delegação do P. S. português que se deslocou a Bucareste a convite do P. C. romeno. No decurso daiaudiência, Ceausescu manifestou à delegação o seu desejo de receber na capital romena o secretário-geral daquele Partido na sua qualidade de Primeiro-Ministro do actual Governo Português.

A delegação entregou ao Presidente Ceausescu uma mensagem de Soares felicitando-o e ao P. C. romeno pelo 32.º aniversário da insurreição armada antinazi, efeméride que foi ontem pretexto para diversas cerimónias.

Ceausescu manifestou ainda o desejo de que o P. C. romeno e o P. S. potuguês mantenham doravante relações cada vez mais estreitas.

Primeiro-ministro japonês à beira da demissão

TÓQUIO, 24 (R/«DL») Uma nova crise governamental no Japão, que poderá ter como consequência o afastamento do primeiro-ministro Takeo Miki está próxima do seu ponto culminante, quando dois ministros pediram a sua demissão por «haver perdido a capacidade de governar». Assim, o principal adversário de Miki, o vice-primeiro-ministro, Takeo Fukuda, numa conferência de Imprensa conjunta com o ministro das Finanças, Masayoshi wohira, disse que a capacidade de Miki governar havia sido abalada pelo escândalo dos subornos da companhia construtora de aviões norte-americana «Lockheed». Anteriormente, aos seus adeptos no Parlamento, Fukuda disse abertamente que Miki devia demitir-se porque não existe outra maneira para o PDL — Partido Democrático Liberal, no governo — ganhar as próximas eleições, senão com nova chefia. Em reuniões separadas com Takeo Miki, os seus dois opositores voltaram a pedir, pessoalmente, a sua demissão. Esta manhã, dois terços dos deputados do P.D.L. assistiram a uma conferência convocada pelos adversários do primeiro-ministro. Ficou decidido que voltam a reunir-se esta tarde, apops discussões entre Miki, por um lado e Fukuda e Ohira, por outro.

Agenda não foi revelada

CONSELHO DE MINISTROS ESTÁ REUNIDO

Encontra-se reunido desde as 15.30, em S. Bento, o Conselho de Ministros. Preside o Primeiro-Minitro, dr. Mário Soares. Não foi revelada a agenda de trabalhos.

Supõe-se que o Regulamento do Conselho, apreciado na semana passada, possa ser aprovado na reunião de hoje. Este regulamento estabelece as datas da realização do Conselho de Ministros, e do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos (terças e quintas-feiras, respectivamente), a sua duração, e as formas de intervenção dos diferentes ministros. Regulamenta ainda o processo de entrada de dipiomas no Conselho.

Entretanto, diversos assuntos encontram-se pendentes da semana passada. Entre estes, contam-se a anunciada comunicação ao País do Primeiro-Ministro. Assim, espera-se que a data da comunicação do dr. Mário Soares, em que o tema central será a situação económica e as medidas de austeridade, seja anunciada provavelmente ainda esta noite ou amanhã.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 48 601 EXS.

"TRÊS CONTOS POR FOGO"

Incendiário desmente afirmações que a G.N.R. lhe atribui

Afirmações constantes do auto da G. N. R. de Pinhel e que teriam sido feitas pelo jovem Artur Afonso Ferreira de 17 anos, acusado de fogo posto, foram ontem desmentidas pelo próprio incendiário. Levado ao banco dos réus, o delinquente não conseguiu-tão pouco descrever fisicamente a pessoa do dr. Mário Canotilho, afinal — segundo o auto — o aliciador ou instigador do réu.

As circunstâncias fazem supôr, agora com mais fortes motivos, que Artur Ferreira foi usado conscientemente ou não para uma manobra que visava objectivamente o P. C. P. através de um dos seus membros, o dr. Mário Canotilho, advogado de prestígio, conhecido na Guarda pelas suas posições progressistas.

Em declarações confiadas a um matutino lisboeta, Mário Canotilho afirma que pedirá ao ministro da Administração Interna a realização de um inquérito.

POSIÇÃO DO P. C. P.

Entretanto, o P. C. P. através da DORB (Direcção da Organização Regional das Beiras) refere que na sua maior parte os fogos são postos por mãos criminosas reaccionários, com fins políticos bem definidos: visam semear o descontentamento e a má vontade contra a jovem revolução portuguesa.

Concretamente sobre o caso do incendiário de Pinhel, afirma a DORB daquele Partido: «Exigimos um rigoroso inquérito no sentido de apurar com exactidão quem na verdade está por detrás deste crime».

No mesmo comunicado lamenta-se «a negligência das autoridades a factos e acontecimentos verificados anteriormente na região da serra da Estrela, nomeadamente a explosão de bombas incendiárias e pessoas próximas destes incênios no momento da sua deflagração», exigindo-se, por outro lado, «que não sejam «esquecidos», doa a quem doer os incendiários e colaboradores detectados no ano passado na região de Sabugal».

O QUE SE PRETENDE

Ainda do ponto de vista da DORB do P. C. P. são objectivos das forças reaccionárias: fomentar o anticomunismo habitual, desviar a atenção pública e das autoridades da rede de terroristas e bombistas que começou a ser desmontada no Norte; lançar entre as populações rurais campanhas caluniosas contra homens de prestígio comunistas que se têm destacado na defesa dos interesses das populações.

Por último, sabe-se que o Partido Comunista Português vai interpor acções judiciais contra os jornais «Comércio do Porto», «Jornal de Notícias», «Jornal Novo» e ainda contra a Radiodifusão Portuguesa, devido a notícias — que aquele Partido considera caluniosas — relacionadas com a origem dos incêndios no distrito da Guarda.

Luís Arouca e Sanches Osório, fotografados esta manhã no Tribunal da Boa Hora

Adiado o julgamento de Sanches Osório

Luís Arouca e Sanches Osório, réus (autor e cúmplice) num processo de abuso de liberdade de Imprensa, que corre seus trâmites no 3.º Juízo Correcional da Boa Hora, viram esta manhã o seu julgamento adiado para o dia 4 de Outubro em função de um despacho do juiz António Gomes Baião.

As acusações constantes do processo dizem respeito a «injúrias» ao general Vasco Lourenço publicadas no jornal «Liberdade» no primeiro número em que o antigo ministro da Comunicação Social aparece como director. Nesse número, a imagem de Vasco Lourenço, um dos principais obreiros do 25 de Abril, apareceu deformada com o bigode e a franjinha «à Hitler» de mistura com expressões verbais que o Ministério Público julgou passíveis de punição por abuso da liberdade de Imprensa.

O adiamento despachado tem conexão com um vulgar caso de ofensas corporais que estava a ser julgado na mesma sala e pelo juiz Baião: como o julgamento prometia não acabar em hora consentânea com o início do de Arouca e Osório, e «para evitar sucessivos adiamentos posteriores», escreveu o juiz, o julgamento muito mais importante foi adiado para 4 de Outubro. Como o acusado de ofensas corporais era réu preso, o seu julgamento goza de prioridade, segundo a lei processual.

Namíbia: independente (ou não) no fim deste mês?

A Conferência Constitucional sobre a Namíbia, reunida em Windhoek, foi severamente condenada e classificada de «pseudo-negociação», em comunicado hoje publicado em Adis-Abeba pela O.U.A.

A Organização de Unidade Africana, depois de apelidar as iniciativas de Pretória de «tácticas dilatórias», exige que a República da África do Sul respeite a data fixada pelas Nações Unidas para o acesso da Namíbia à independência, ou seja, 31 de Agosto deste ano.

nota tome

«CENSURA INTERNA»

O Conselho Geral de Trabalhadores de «A Capital», em consequência de o director e administrador daquele vespertino (Francisco de Sousa Tavares) não ter autorizado a publicação de dois anúncios de sindicatos, protestando pelo regresso de Spínola, informa os trabalhadores, num documento intitulado «Censura Interna» do seguinte:

«Contactado o director pela C.T. e C.R. justificou a sua actuação pelos termos utilizados nos textos e por entender que os sindicatos não devem intrometer-se em questões políticas, acusando-os de procurarem a desestabilização política do País. Foi-lhe observado pelo C.R. o desrespeito pela Lei de Imprensa, a qual obrigava o director a consultar o referido órgão (Conselho da Redacção). Há a acrescentar o facto sintomático de a Secretaria de Estado da Comunicação Social haver telefonado a advertir a chefia da Redacção de que a inserção de textos relacionados com o caso Spínola era passível de procedimento judicial».

O documento do C.G.T. termina com as seguintes perguntas: «Será isto a tão decantada independência da Informação face ao aparelho de Estado? Será assim que se respeita a tão clamada Lei de Imprensa? Que tipo de pluralismo ideológico será este em que os órgãos representantivos dos trabalhadores são silenciados?»

REDE BOMBISTA

Continuação da pág. 1

frem de perturbações mentais.

Seria bom alibi para evitar a averiguação da grandesa do campo contra-revolucionário, para desculpar a actuação consciente dos bombistas detidos e para ilibar os mentores. Para além de mais, o facto de Spínola continuar em «liberdade plena», apesar das suspeitas de implicação do M.D.L.P. nas actividades terroristas, faz aguçar o receio e a desilusão de muita gente. Tudo isto terá levado um investigador a esta significativa exclamação que nos foi feita: «Qualquer dia até são capazes de dizer que fomos nós que colocámos as bombas e que, afinal, os detidos estão todos inocentes».

MELO ANTUNES NA MIRA DOS TERRORISTAS

Segundo conseguimos apurar, o major Melo Antunes, capitão de Abril que a direita tem procurado destruir, esteve na mira dos terroristas. Ramiro Moreira, que chamou a si a responsabilidade da colocação de grande parte das bombas, terá sido abordado por determinada pessoa sobre a qual não impende qualquer mandato de captura, para a hipótese de assassinar aquela destacada figura político-militar. Ramiro Moreira não terá dado resposta à proposta formulada, desconhecendo-se as razões.

PROSSEGUEM AS INVESTIGAÇÕES

Continuam em Caxias, os interrogatórios dos detidos, sabendo-se que estavam a ser interrogado, à hora de fecharmos o jornal, Luis Maximo Vieira, ex-proprietário do Café Pelintra, mencionado na reportagem de Wallraff. Foi também interrogado, esta manhã, António José Brito da Silva Santos, detido ontem no Norte e transferido imediatamente para Caxias.

Embora não se possa, como é evidente, adivinhar como estão a decorrer os interrogatórios e saber, portanto, se o juiz vai proceder a acariações, presume-se que haverá diligências dessa natureza e admite-se, mesmo, que tenham início brevemente.

Contactados esta manhã, militares ligados ao desmantelamento da rede terrorista desmentiram em termos que não hesitamos em classificar de risonhos, que tenha havido, ou que esteja a haver, quem pretenda pressioná-los, colectiva ou idividualmente, para alterarem o curso das investigações. Os boatos que correm a este respeito, afirmaram-nos, não têm o menor fundamento e são fruto da imaginação «escaldante» de certas pessoas que não se satisfazem com a verdade do dia a dia e têm de a romancear.

Sabe-se, ainda, que a brigada da PJM que até agora tem estado a conduzir as investigações na cidade do Porto alargou a sua acção a outras zonas do Norte, prevendo-se por esse motivo, que possa haver mais prisões dentro de pouco tempo.